

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO

WESLEY FERREIRA DE SOUZA

**A GEOGRAFIA DO FUTEBOL BRASILEIRO: ESPORTE E RELAÇÕES
POLÍTICO-ECONÔMICAS.**

MARINGÁ - PR
2017

WESLEY FERREIRA DE SOUZA

**A GEOGRAFIA DO FUTEBOL BRASILEIRO: ESPORTE E RELAÇÕES
POLÍTICO-ECONÔMICAS.**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia. Área de concentração: Produção do espaço e dinâmicas territoriais.

Orientadora: **Profa Dra Maria das Graças de Lima.**

MARINGÁ - PR
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Souza, Wesley Ferreira de

S729g A geografia do futebol brasileiro: esporte e relações político-econômicas/ Wesley Ferreira de Souza. -- Maringá, 2017.
1144 f. : il. color, figs., mapas

Orientadora: Prof.a. Dr.a. Maria das Graças de Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2017.

1. Geografia Cultural. 2. Geografia do Futebol. 3. História do Futebol. 4. Organização dos Clubes. 5. Espaço Geográfico. 6. Futebol de Várzea. I. Lima, Maria das Graças de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 22. ED.910.1306

JLM-001926

OS COMPARTIMENTOS DE PAISAGEM NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO
PIRAPÓ – PR E AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA GEOLÓGICA E O USO E
MANEJO DO SOLO

Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade
Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Geografia, área de concentração:
Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa: Produção
do Espaço e Dinâmicas Territoriais

Aprovada em **13 de julho de 2017**.

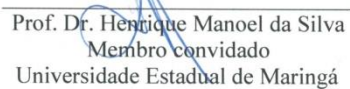
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Lima
Orientadora - UEM
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus
Membro convidado
Universidade Estadual do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Henrique Manoel da Silva
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria das Graças de Lima, pela orientação, paciência e pelas longas conversas sobre Geografia e Futebol.

Meus pais, Jane e Antonio;

À Universidade Estadual de Maringá;

Aos professores do programa de pós-graduação em Geografia (PGE) pelas aulas ministradas e experiência compartilhada;

À Miriam, secretária do PGE;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo financiamento da pesquisa;

À Karina Martins e a Francieli Marcatto, que muito me ajudaram em algumas etapas desta pesquisa;

Aos amigos Rodrigo Villas Boas e Thalita Dal Santo, pelos momentos de conversa;

E por fim, a todos aqueles que gostam de futebol e que em algum momento tenham contribuído;

" No flow, por onde a gente passa é show
Fechou, e olha onde a gente chegou
Eu sou... País do Futebol Negô
Até gringo sambou, tocou Neymar é gol"

(MC Guime e Emicida)

RESUMO

Desde a chegada do futebol ao Brasil, no século XIX, por meio das escolas, ou de pessoas envolvidas com ele, como por exemplo Charles Miller, muitas mudanças, ao mesmo tempo em que persistem antigas práticas, ocorreram em sua organização. Nesse período ele se popularizou, democratizou-se e profissionalizou-se, quase sempre colocando em lados opostos elite e povo, profissional e amador, várzea e arena, dentre outras polarizações que se faz a partir dos conflitos que emergem desses embates. Desde a várzea, reduto daqueles que não podiam frequentar clubes ou queriam apenas se divertir até os clubes, nada escapou dessa adequação do futebol aos tempos atuais. A nossa estrutura de organização concentrada nos estados, os campeonatos e a relação dos clubes com suas localidades e a economia, também fazem parte de um processo em que grupos disputam o poder dentro do futebol. Mesmo refletindo o que se passa na sociedade brasileira, com seus problemas sociais e econômicos, o futebol representa, para parte significativa da população uma forma de expressão cultural. Nossa preocupação se concentra na elitização do futebol, envolto em grandes transações financeiras, e que se distancia cada vez mais de sua torcida. É este fenômeno que estudamos aqui, e como ele se reflete na organização do espaço geográfico.

Palavras-chave: História do futebol, organização dos clubes, espaço geográfico, economia.

ABSTRACT

Since soccer's arrival in Brazil on the 19th century, either through schools, either through people involved with it, as Charles Miller for example, many changes in its organization have occurred, although many old practices have persisted. During this period, it became popular, democratic and professional, changes that almost always place in opposite sides the elite and the people, professional and amateur, field and arena, besides other antagonisms that arise from the conflicts that emerge from these disputes. Either the community fields, a place where people who could not attend official clubs or who sought to play soccer for fun, or the clubs, neither one has escaped from this adjustment to current soccer. Our organization structure concentrated in the states, besides the championships and the clubs relationships with their locality and economy, is also part of a process in which groups have disputed for power in soccer. Even reflecting what happens at the Brazilian society, with many social and economic problems, soccer represents to a significant portion of the population, a way of cultural expression. Our concern focus on soccer elitism, surrounded by giant financial transactions, and that distances itself more and more from its crowd. This is the event that we study here, and how it reflects on the geographic space organization.

Keywords: History of football, organization of clubs, geographic space, economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Várzea do Carmo e Rio Tamanduateí - século XIX _____	14
Figura 2 - Perfil de Várzea em área urbana _____	15
Figura 3- A várzea do Carmo em 1898 _____	16
Figura 4– Campinhos em área de várzea _____	17
Figura 5- Campinhos em área de várzea, Maringá _____	18
Figura 6- Campinho de futebol _____	19
Figura 7-O futebol de campinhos / terrão urbano O futebol de campinhos/terrão urbano _____	20
Figura 8– O futebol na várzea, nos campinhos e nos terrões _____	21
Figura 9– A entrada de imigrantes no Brasil de 1800 até 1973 _____	31
Figura 10 - Futebol de Rua _____	35
Figura 11 – Futebol de Rua 2 _____	36
Figura 12- Percentual de estádios por região _____	40
Figura 13- Linha temporal do futebol brasileiro de 1894 a 2016 _____	43
Figura 14 - Propaganda de um campeonato organizado pela liga paulista ____	45
Figura 15 – Década de fundação das federações estaduais de futebol de 1900 até 1929 _____	47
Figura 16– Década de fundação das federações estaduais de futebol de 1930 até 1999 _____	48
Figura 17- Surgimento dos campeonatos estaduais até 1929 _____	54
Figura 18– Surgimento dos campeonatos estaduais de 1940 até 2000 ____	56
Figura 19- Regiões do Brasil IBGE _____	58
Figura 20– Campeonatos regionais já disputados no Brasil _____	61
Figura 21- Campeonatos regionais disputados no Brasil em 2016 e 2017 ____	63
Figura 22- Linha temporal dos campeonatos no Brasil _____	67
Figura 23-Clubes brasileiros com atividades programadas para 2017 _____	68
Figura 24- - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1890) _____	71
Figura 25 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1900) _____	72
Figura 26-Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1910) _____	73
Figura 27- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1920) _____	75
Figura 28- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1930) _____	

	76
Figura 29- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1940)	78
Figura 30- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1950)	81
Figura 31- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1960)	82
Figura 32- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1970)	84
Figura 33- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1980)	86
Figura 34 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(1990)	87
Figura 35- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(2000)	88
Figura 36- Localização e década de fundação dos clubes pesquisados(2010)	90
Figura 37- Isolinhas com as décadas de fundação dos clubes pesquisados	91
Figura 38-Linha temporal de fundação dos clubes de série A dos campeonatos brasileiros de 2012 a 2016	92
Figura 39- - Linha temporal de fundação dos clubes de série A dos campeonatos brasileiros de 2012 a 2016 e percentual de clubes (pesquisados) e suas datas de criação.	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Crescimento Populacional de São Paulo – 1872 a 1940	32
Quadro 2 - O crescimento populacional do Brasil 1872 a 1940	33
Quadro - Patrocinadores por clubes do Brasileirão 2016	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de clubes pesquisados por década de acordo com o ano de fundação	69
---	----

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. O FUTEBOL BRASILEIRO: O INÍCIO DE TUDO – DAS VÁRZEAS ÀS ARENAS DE FUTEBOL	13
1.1.As Primeiras Décadas Do Futebol No Brasil	13
1.2.O Momento Histórico Do País E A Popularização Do Futebol	26
1.3.O Futebol Amador, O Futebol Nas Várzeas E As "Peladas" Nos Campinhos e Ruas Do Brasil.....	27
1.4.Os Estádios De Futebol E As Arenas De Copa Do Mundo	37
2. A GEOGRAFIA DAS FEDERAÇÕES ESTADUAIS DE FUTEBOL E A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL	44
2.1. As Entidades De Futebol No Brasil E As Federações Estaduais	44
2.1.1 O Fim Da CBD (Confederação Brasileira De Desportos) E Início Da CBF (Confederação Brasileira De Futebol)	49
2.2 A Geografia Dos Campeonatos Estaduais, Regionais E Nacionais	51
2.2.1 A Geografia Dos Campeonatos Estaduais	53
2.2.2 A Geografia Dos Campeonatos Regionais No Brasil	58
2.2.3A Geografia Dos Campeonatos Nacionais: Brasileirão, Copa Do Brasil E Copa Dos Campeões	64
3. A GEOGRAFIA DOS CLUBES BRASILEIROS, POR REGIÕES E POR ANO DE FUNDAÇÃO	68
3.1 A Fundação De Clubes No Decorrer Das Décadas	70
3.2 A Relação Dos Clubes Com Seus Patrocinadores	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
1. REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

Embora o que nos tenha levado a estudar esse tema – Futebol, tenha sido o fato de gostar desse esporte, tivemos que superar, no meio acadêmico, a forma como são tratadas temáticas que não são consideradas científicas, porque oscilam entre o lazer, o esporte, a economia, a cultura, o folclore.

Como a Geografia poderia contribuir para essa discussão é uma pergunta das mais frequentes respondidas por aqueles que decidem se dedicar a esse tema. Sendo o futebol um elemento cultural brasileiro e perceptível na paisagem, ele não pode ser desconsiderado nas análises e discussões sobre a cultura brasileira, embora aqui façamos um estudo considerando o enfoque econômico, à medida que observamos também, que o futebol brasileiro passou de uma leitura apenas cultural, para um enfoque econômico e que pode ser observado na paisagem: patrocínio dos campeonatos (grupos econômicos), distintas organizações regionais dos campeonatos, pois foi o que observamos, lemos e ouvimos a respeito dessa paixão brasileira e que atualmente provoca tantas frustrações, assim como a política e a economia brasileiras.

Explicar a chegada do futebol ao Brasil, bem como a forma com que ele se difundiu pelo território é um dos objetivos desta pesquisa, e a forma mais geográfica de representar isso é através de mapas temáticos. Além de mapas, outros materiais iconográficos ajudarão na compreensão desta temática.

Identificamos no futebol, o quadro pelo qual passou a economia e a política brasileira, quando mudou suas relações de trabalho, de produção, sociais, culturais e espaciais. Estenderemos essa pesquisa até a explicação da relação entre o futebol e a economia, a maior transformação observada nos últimos tempos, com a entrada no futebol de um personagem muito comum na economia – o empresário.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa fez uma revisão bibliográfica pela produção literária, lugar mais comum do que se produz sobre o futebol brasileiro, pouco tratado como questão científica; por dados históricos sobre a implementação deste esporte no país; consultou ainda

almanaques digitais e impressos; revistas e blogs especializados em discussões sobre futebol, sociedade e território.

O referencial teórico da pesquisa sustentou-se em autores de diversas áreas para além da Geografia; no Jornalismo, Sociologia, História, e outros, que estudam o futebol e sua relação com a sociedade brasileira, desde o início em 1894 até os dias atuais (2016). Para melhor compreensão da pesquisa, dividimos em três capítulos.

No primeiro capítulo sobre "o futebol brasileiro" fazemos uma explicação de como o futebol chegou ao Brasil, considerando duas visões: daqueles que avaliam que foi Charles Miller; e daqueles que entendem que o esporte fora introduzido no país antes, pelas escolas. Para essa compreensão partimos de análises de autores como: Caldas (1990), Klein (2001), Magalhães (2004) e Myskiw (2012), dentre outros. Ainda no primeiro capítulo explicaremos a popularização e a profissionalização pelo qual passou até a década de 1930; e de forma breve os motivos que ajudaram a consolidar esses processos. Observaremos também o processo que firmou a concentração do futebol, não só do ponto de vista de times, mas também econômico e político no eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

No segundo capítulo "Geografia das federações estaduais e confederações" trataremos as relações administrativas do futebol brasileiro, o surgimento no decorrer das décadas das federações estaduais de futebol e a sua organização e também como estas federações comandam o futebol. Por fim, a fundação da confederação nacional (Brasil) e continental (América do Sul) de futebol também são temas tratados neste capítulo. O surgimento das federações de acordo com cada unidade federativa serão apresentados através de mapas e relacionados com temas discutidos no primeiro capítulo.

Ainda no segundo capítulo trataremos da "Geografia dos campeonatos" faremos uma análise sobre a territorialização dos campeonatos já disputados no Brasil: os estaduais, os regionais e os nacionais, e como os campeonatos explicam a concentração do poder dentro do futebol. Os campeonatos estaduais e o domínio deles no calendário nacional e o conflito gerado entre aqueles que pensam o futebol em uma ótica mais nacional e aqueles que detêm o poder nos estados. Os campeonatos regionais e a sua relação ou não

com a divisão regional brasileira (IBGE) e os campeonatos nacionais organizados pela CBF a partir de 1959. Os campeonatos foram mapeados de acordo com o ano em que foram disputados a primeira vez.

No terceiro e último capítulo trataremos especificamente dos clubes de futebol brasileiro, ano de fundação, o momento econômico e político ao longo das décadas e as bases territoriais dos clubes pesquisados de acordo com as regiões brasileiras. Os clubes mapeados foram aqueles que tenham disputado os campeonatos brasileiros da série A, B, C e D entre os anos de 2012 e 2016. Por fim, a relação entre clubes e patrocinadores, e a natureza e origem do capital dessas empresas.

As figuras se dividem em mapas e linhas do tempo. Os mapas foram feitos no software ArcGis e estão de acordo com as convenções cartográficas. As linhas do tempo foram feitas no Corel Draw e o intuito é conseguir visualizar várias informações apresentadas nos capítulos ao mesmo tempo, estando presente no final de cada capítulo. A discussão é pautada somente no futebol brasileiro e com raras exceções são tratados temas do futebol internacional.

1. O FUTEBOL BRASILEIRO: O INÍCIO DE TUDO – DAS VÁRZEAS ÀS ARENAS DE FUTEBOL

Essa relação entre o Brasil e o futebol que culminou em uma identificação muito forte com a população teve início no final do século XIX, com a chegada do futebol ao Brasil, mais precisamente com a chegada da primeira bola de futebol e do primeiro livro de regras, esta uma explicação da entrada do futebol no Brasil.

1.1. As primeiras décadas do futebol no Brasil

Embora se mencione muito a Inglaterra, Charles William Miller era brasileiro, paulistano, nascido no Brás, na cidade de São Paulo, no estado de São Paulo. Mudou-se para a Inglaterra em 1884, quando voltou ao Brasil, em 1894, já tendo uma "carreira" como jogador de futebol na Inglaterra, ajudou a organizar a primeira partida de futebol em território brasileiro, isto no ano de 1895, embora existam registros de uma partida feita por marinheiros ingleses no Rio de Janeiro, 21 anos antes (KLEIN, 2001).

Disputada no Brás, na cidade de São Paulo, foi um jogo na Várzea do Carmo e Miller atuou pelo time no qual trabalhava, o The São Paulo Railway, empresa de transporte ferroviário que fazia parte do progresso econômico vivido por São Paulo, contra o The GasWork Team; o resultado foi 4x2 (KLEIN, 2001). Começava então uma relação muito importante para o futebol brasileiro: o futebol e a várzea.

O termo várzea, presente no vocabulário teórico da Geografia Física, é compreendido como áreas ao entorno dos Rios que ficam sujeitas as inundações e deposições em determinados períodos do ano (COSTA, VALOTTA, OLIVEIRA, MONTOIA, SANTOS, 2016), sua extensão varia conforme o relevo em que se encontra, na Amazônia, por exemplo, a extensão das várzea pode fazer os rios variarem de 16Km a 50Km dependendo do ponto (BENATTI 2005). Costuma ser área plana que se estende por uma faixa, pode apresentar vegetação típica de áreas úmidas ou até mesmo árvores, dependendo da quantidade de tempo que passa inundada. Para Benatti et al

Alves (2016), a várzea é um evento natural, na qual o Rio em seu momento de cheia ocupa áreas de várzea baixa e alta, respectivamente (ver figura 2, perfil topográfico).

Pela Lei e em relação a questões jurídicas, no Brasil, as várzeas são compreendidas como "áreas marginais a cursos d'água sujeitas a enchentes e inundações periódicas", também são denominadas como planícies de inundação (PLANALTO, 2012).

Como a cidade de São Paulo no início do século XX possuía muitos rios cortando suas suaves colinas, e ainda não haviam sido transformados em galerias ou canalizados, surgiam às margens desses rios áreas que eram chamadas de várzea¹. Desta forma, essas áreas eram apropriadas para o jogo de futebol, era uma espécie de laboratório pronto, plano, limpo, sem necessidade de reparos para jogar (Figura 1).

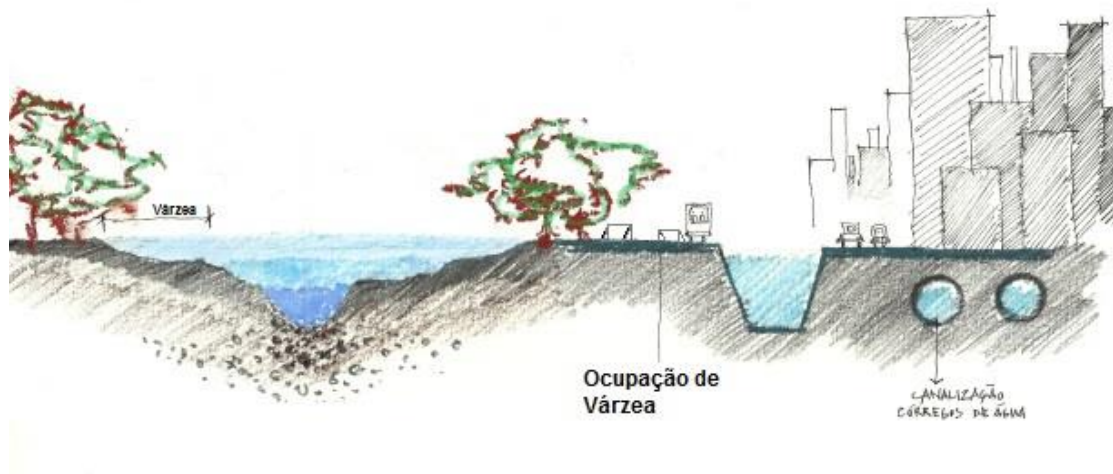
Figura 1. Rio Tamanduateí e Várzea do Carmo



Fonte: Acervo do Museu Paulista - Meados do século XIX.

¹ Embora seja usado em várias regiões do Brasil para denominar essa área às margens dos rios, do ponto de sua identificação e explicação teóricas é mais adequada sua utilização em áreas da bacia amazônica.

Figura 2 - Perfil de Várzea em área urbana



Fonte: Martina.cm. Modificado: Wesley Ferreira Souza, 2017.

A área das várzeas, quase sempre pública, é propícia à prática do futebol, por que as características do terreno (topografia, solo) favorecem essa atividade esportiva: um laboratório natural que casou bem com esta modalidade esportiva, essas áreas próximas aos rios e córregos onde o relevo é suave, as suas margens costumam ser aplainadas e os solos que ali se formam geralmente são ricos em matérias orgânicas, oriundas do escoamento das águas das chuvas (pluvial) e da deposição dos rios em momentos de elevação (fluvial) (LEPSCH, 2002). Outra característica importante é a baixa permeabilidade fato que torna a ocupação urbana mais difícil nas áreas de várzea.

Desta forma encontramos o primeiro problema relacionado a terminologia do futebol de várzea, afinal, seria possível praticar o futebol em local onde o solo quase sempre permanece úmido e encharcado? Em uma linguagem mais simples seria o mesmo que praticar futebol no brejo ou em beira de Rio.

Estes solos úmidos e ricos em matérias orgânicas são cobertos por um mato rasteiro ou por uma camada fina de gramíneas, algo que aos olhos de quem procura local para jogar futebol, é o ambiente perfeito. Esta paisagem era muito comum em São Paulo no final do século XIX e início do século XX (figura3).

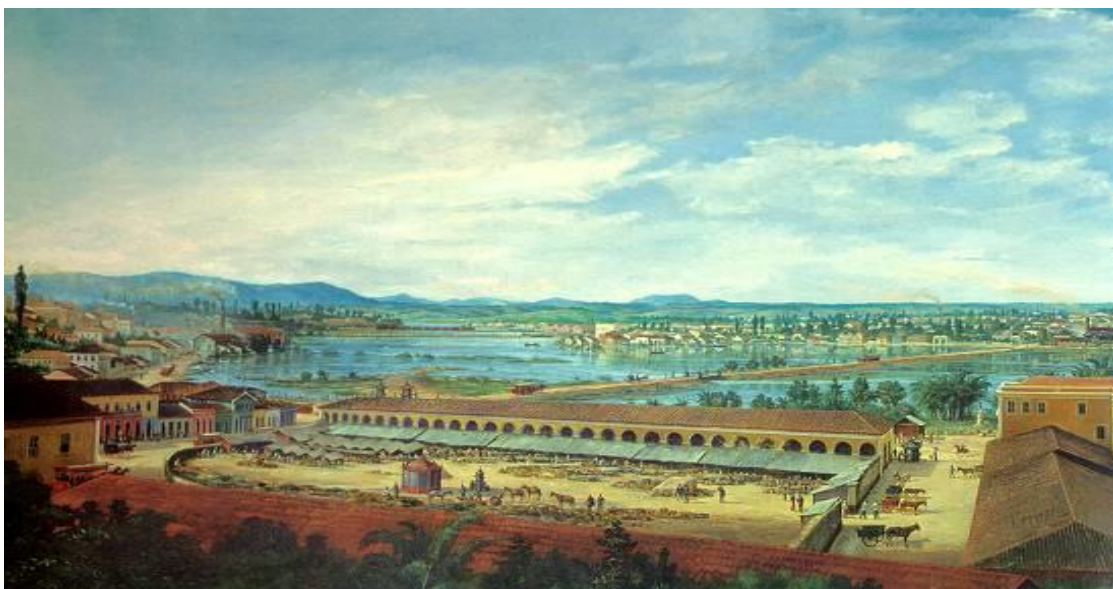
Mas como já dito, com essas características o futebol seria impraticável, deste modo o termo várzea é mais uma categoria do futebol que se popularizou do que uma característica exata de onde ele é ou foi praticado primeiramente.

Pouco mais elevado que as várzeas e delimitado por uma escarpa estão os terraços fluviais, são áreas que quase nunca sofrem com cheias. Segundo Christofolletti (1981) para ser considerado terraço fluvial, a área próxima ao Rio não pode ser inundada em um intervalo menos que 10 anos, ou seja, em condições extremas o terraço fluvial também é afetado pelas cheias, mas isso não garante condições semelhantes as das várzeas.

Muitas vezes, com a mudança dos cursos de água, se formam sobreposições ou emparelhamento de terraços, algo muito comum em localidades onde os rios são meandantes, como é o caso de São Paulo-SP (CHRISTOFOLETTI, 1981).

Deste modo, o futebol de várzea na verdade era praticado em terraços fluviais e por questões de conhecimento no senso comum foi denominado como futebol de várzea, mesmo sem de fato ser várzea.

Figura 3. Várzea do Carmo



Fonte: Acervo do Museu Paulista.1898.

A partir deste momento o termo futebol de várzea se popularizou e mesmo em campinhos que nem sequer ficam perto de rios o nome futebol de

várzea continuou a ser usado, ou seja, mais do que uma característica física do terreno, a várzea passou a identificar um tipo de futebol, organizado por diversos segmentos sociais, acessível ao lazer, popular. E por envolver apenas o lazer, acabava sendo bastante disputado.

O aprofundamento dessa questão envolvendo a várzea e o futebol nos levou a identificar áreas com várzea também na cidade de Maringá\PR. Observamos que ela pode se deslocar; se nos rios da cidade de São Paulo, ela localiza-se próximas das margens e pouco acima do nível do rio; nos rios amazônicos é o primeiro degrau de três níveis: igapó, várzea e terra firme (FERREIRA L. V, ALMEIDA S. S, AMARAL D. D, PAROLIN P., 2005) No caso de Maringá, o terreno de várzea se localiza logo após o leito do Rio, mais elevado estão terraços fluviais, entretanto uma diferença importante é que na área urbana de Maringá não há rios, mas sim córregos e riachos por vezes cercados por campos de futebol em sua margem mais elevada.

Figura 4. Campo de futebol em Área de Várzea – “campinho”



Fonte: Wesley Ferreira Souza, Maringá, 2017.

No início do século XX, entre 1910 e 1920 a população paulistana dobrou, passando de aproximadamente 240 mil para 580 mil, momento em que São Paulo iniciava sua estruturação para se tornar uma cidade industrial.

Passados 20 anos, por volta de 1940, esse número dobra mais uma vez passando a 1,3 milhão de habitantes aproximadamente. Neste período o futebol de várzea vive seu auge na cidade de São Paulo.

As pessoas que vinham da área rural ou de outras regiões logo se simpatizavam com o futebol, e em uma cidade com relevo bem sinuoso, as várzeas eram os locais que ofereciam melhores condições naturais para a prática do futebol. Ou seja, numa leitura física da Geografia poderíamos dizer que as características físicas do terreno contribuíram para sua popularização uma vez que eram de fácil acesso.

Depois de expandido pelo Brasil, o futebol chegou em locais onde não haviam várzeas, mas o nome várzea se manteve, como já foi dito, passando assim então a identificar um tipo ou uma organização de futebol.

Além das áreas de várzea, o futebol também foi praticado em outras áreas como futebol de campinho: terrão, society. Eram muitos os campos de futebol espalhados pelas cidades do Brasil, principalmente depois que se popularizou, a partir da década de 1920.

Figura 5. Campo de Futebol em área de várzea – “campinho”



Fonte: Wesley Ferreira Souza, Maringá, 2017.

O futebol no Brasil se estruturou e se consolidou como um esporte intimamente ligado ao fenômeno urbano, isso não significa dizer que nas áreas rurais ele não era praticado, do contrário, ele era muito praticado na roça² também, mas o seu maior crescimento e sua organização se deram no processo de urbanização deflagrado no Brasil, a partir de 1930.

Os campinhos poderiam e podem ser terrenos públicos vazios, terrenos privados descuidados, calçadas e ruas sem asfalto, pátios de escolas ou igrejas, quintais, campos de escolas, campos em centros esportivos destinados a prática de esporte, campos de vilas, enfim, não são poucos os exemplos de áreas cujo o nome várzea e campinho de futebol não possa ser aplicado.

Figura 6. Campo de Futebol – “campinho”.



Fonte: Wesley Ferreira Souza, Maringá, 2017.

² As roças são representadas por um tipo de atividade agrícola muito comum no Brasil, desde o período indígena, predominando principalmente no século XX. A vida na roça no início do século XX, quando o futebol começou a se disseminar pelo Brasil era em sua maioria formada pela agricultura familiar; ou colonos que cuidavam de uma parte da propriedade de um fazendeiro. Nesse período o futebol também chegava até a roça, seja através da influência vindo da cidade, seja através dos imigrantes que chagavam ao Brasil, principalmente no estado de São Paulo. Aos domingos, os jogos de futebol eram comuns, as mulheres serviam comidas, enquanto os homens praticavam aquele que viria a se tornar a modalidade esportiva mais popular do Brasil (MARTINS, 2005).

Outro nome recebido por esses “campinhos de futebol” é “terrão”. Em muitas cidades brasileiras as estruturas dos bairros, principalmente os mais afastados eram precárias; sem asfalto e limpeza de terrenos. Os moradores quase sempre escolhiam um local plano e ali faziam um campo de futebol, podendo ser próximo a um córrego ou não, todos os moradores do bairro vinham jogar ali, mesmo aqueles que possuíam campinhos mais próximos a sua casa. Em quase todos os bairros sempre havia um campinho maior. Esses campinhos sofriam muitos desgastes, provocados pelos jogos que se repetiam no decorrer dos dias, afinal, eram jogos que se sucediam. A grama logo desaparecia, surgindo uma fina camada de solo e um "chão duro" dando espaço a um terrão.

Figura 7. Futebol de campo – “campinho” – “terrão” urbano.



Fonte: Futebol na Veia³.

Partindo das várzeas, quando o futebol "chegou" ao Brasil, posteriormente para os campinhos que muitas vezes não estavam próximos a áreas de várzeas e por ultimo para os terrões em bairros afastados, o futebol fez o seu movimento estando sempre ligado ao fenômeno urbano, que por sua vez estava ligado a economia urbana.

³ Disponível em: <http://www.futebolnaveia.com.br/wp/time-fundado-em-2014-e-exemplo-de-boa-administracao/> Acesso em 13 de Dezembro de 2016.

Figura 8 - O futebol na várzea, nos campinhos e nos terreões.



Elaboração: Autor

A expansão urbana para áreas cada vez mais distantes dos centros das cidades, as várzeas também acompanharam esse deslocamento; a diminuição das áreas aptas a prática do futebol, fazem parte de um processo que começou com a migração das pessoas do campo para a cidade no século XX e que por fim esta relacionado a valorização e mercantilização das terras urbanas.

Com a diminuição das áreas de várzeas, principalmente em São Paulo, muitos campinhos se organizaram, e também se espalharam pelo restante do Brasil, neles eram disputados campeonatos amadores ou meras "peladas" de fim do dia. É preciso ressaltar que futebol de várzea ou pelada e futebol amador não querem dizer a mesma coisa, embora muitas vezes sejam colocados como sinônimos um do outro.

A possibilidade de que o futebol tenha chegado ao Brasil muito antes de Miller (MELLO, 2000; et al CARRANO, 2000), dada a sua rápida difusão, é confirmada por Mello (2000) que afirma ter sido o futebol introduzido no Brasil pelas instituições escolares; a contribuição de Miller foi no quesito organizacional.

Em seu início no Brasil e contrariando a realidade do jogador de futebol atual, nos primeiros anos quem o praticava eram os jovens de classe média alta, principalmente na cidade de São Paulo.

Segundo Caldas (1990) um dos fatores que explicava essa elitização do futebol em seu início, foi que sua inserção fora feita por ingleses que moravam em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e seus filhos o praticavam nas escolas particulares em que estudavam.

Vale a pena ressaltar que naquele momento (1895) os negros gozavam de liberdade garantida por Lei havia pouco tempo; e os clubes eram lugares onde se "encontravam os amigos e participavam de festas chiques"(ABRUSSIO, MASSARANI, 2008).

Inventado na Inglaterra, passou por radicais transformações no século XIX, provocadas pela revolução industrial. A classe operária, explorada nas fábricas inglesas, o praticavam por lazer, e viram, no começo do século XIX o futebol ser proibido da forma como o praticavam, e surgir cheio de regras. Uma dessas regras referia-se aos recursos financeiros para a compra de

equipamentos, quesito que a classe trabalhadora não possuía (MAGALHÃES, 2004).

Apesar das proibições e regras, o futebol avançava em duas frentes: nos clubes entre os mais ricos; e aquele praticado na várzea, pelas populações mais pobres.

Entre os anos de 1900 e 1920 houve grande expansão do futebol amador no Brasil, e posterior a isso se começou intensa discussão sobre sua profissionalização (ABRUSSIO, MASSARANI, 2008). Uma vez garantida sua disseminação pelo território, era natural que se buscasse sua profissionalização.

Neste período a relação dos jogadores com seus clubes ia do “amor a camisa”, onde não recebiam nada; àqueles que recebiam uma forma de gratificação por vitórias e conquistas (Caldas (1990).

Os sócios mais ricos bancavam o pagamento para jogadores e as próprias federações que organizavam os campeonatos já cobravam ingresso do público que tinha interesse em ver o jogo (CALDAS, 1990).

Os paulistas criaram a Federação Brasileira de Futebol (FBF) em 1915 e no mesmo ano os cariocas criaram a Federação Brasileira de Esportes, ambas com o intuito de organizar o futebol no Brasil, mas a FIFA (Federação Internacional de futebol) não as reconheceu (CALDAS, 1990)⁴.

Em 1916, criou-se a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), agregando as entidades paulistas e cariocas, e o Brasil passou a participar de competições internacionais. Este fato favoreceu a excursão de clubes ao exterior e a compra e venda de passes dos jogadores.

Ao passo em que ia conquistando um maior número de torcedores, o futebol ia se disseminando.

Segundo Magalhães (2004) os "fatores que contribuíram para a popularização do futebol no Brasil" foram econômicos. O processo de industrialização e o êxodo rural, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, levaram muitas pessoas às cidades e a prática do futebol se popularizou inevitavelmente. Essa popularização ocorreu a partir da economia,

⁴ Verificar em CALDAS (1990) **O Pontapé inicial**: Memória do futebol brasileiro. Waldenyr Caldas.

interpretada da seguinte maneira: o futebol acompanhou o movimento econômico de mudança e crescimento que a adoção do modelo agroexportador propiciou; e também foi uma resposta econômica porque desempenhava a função de lazer, podendo inclusive revelar futuros craques – esse era o reconhecido futebol de “várzea”.

Esse movimento de popularização também foi provocado pelos torcedores que pressionavam os clubes por melhorias; o que significou também a contratação de jogadores por parte dos clubes, oriundos de todas as classes sociais, o que significava o acesso aos pobres (CALDAS, 1990).

Esse interesse pela vitória e pelo primeiro lugar, característico do futebol brasileiro foi um dos fatores que levou também a sua popularização. O Vasco da Gama foi o primeiro dos grandes clubes no futebol brasileiro a aceitar jogadores negros, embora o Bangu Atlético Clube já tivesse feito isso antes, isso ajudou o Vasco da Gama a ser campeão carioca em 1923. Além de negros, o time era composto também por muito jogadores pobres, mas para os torcedores não importava a cor ou classe dos jogadores, importava o seu desempenho dentro de campo, e, se isso garantisse vitórias, pouco importava a origem social ou a cor do indivíduo.

Para Caldas (1990) o Vasco promoveu uma revolução (1923), pois mudou completamente a organização dos clubes e o perfil dos atletas que compunham os times. Antes formado por estudantes das classes média e alta.

A profissionalização veio como uma defesa do jogador oriundo das classes populares, às tiranias preconceituosas e racistas dos clubes, reflexo do que a elite brasileira pensa (CALDAS, 1990).

Deste modo, podemos afirmar que o futebol foi uma conquista do povo brasileiro, formado em sua maioria por pobres, negros e pardos, que ao se apoderar deste esporte abriu o caminho para a profissionalização do jogador de futebol (ABRUSSIO, MASSARANI, 2008) e (CALDAS, 1990).

A transição entre o amadorismo e o profissionalismo levou um tempo para ser superada, pois a prática do não pagamento ou o pagamento de prêmios ainda persistiu dentro dos clubes, principalmente daqueles mais retrógrados ou “amadores”. O dinheiro que muitos recebiam como incentivo a vitória era o único que dispunham para viver quando se aposentassem; quem

não “poupasse” ou por algum motivo ficasse sem a renda, ficava desamparo. Fase de pagamentos de incentivos a jogadores - semi profissional, predominou nas décadas de 1910, 1920 e meados de 1930. Por causa dessa prática, que ainda persiste em vários clubes (ANDRÉ, 2008) inúmeros casos de jogadores, campeões por seus clubes são conhecidos por morrerem na pobreza e ostracismos completos. Havia a prática também do segundo emprego, principalmente no amador.

Somente na Copa de 1938, disputada na França, foi que a seleção brasileira utilizou jogadores profissionais (COSTA, 2009).

Em 1932, um movimento deflagrado pelos jogadores no time do América-RJ reivindicava a profissionalização dos jogadores. O grupo que lutava pelo profissionalismo no futebol argumentava que o amadorismo levava a perda de inúmeros jogadores para clubes estrangeiros (CALDAS, 1990).

Com a profissionalização, a renda dos clubes aumentou por que o número de torcedores presentes nos estádios também cresceu, e puderam formar seus jogadores e negociá-los com clubes estrangeiros.

Sobre o comportamento social dos torcedores, Caldas (1990) afirma que ele gerou um grande problema para os jogadores profissionalizados, pois agora eles estavam recebendo para jogar e eram cobrados por isso; as manifestações muitas vezes eram racistas, preconceituosas. Eram os tempos da década de 1930, quando ocorria uma transição entre a agricultura e a indústria; e as políticas econômicas estimulavam a migração do campo para a cidade; a cidade era propalada como sinônimo de melhoria de vida, era predominante pensar que não era possível conciliar esporte com profissão, receber para se divertir.

Parte da concepção da época, estudantes que tentavam trabalhar eram mal vistos ou vistos como vergonhoso, poderiam ser confundidos com pobres. Essa forma de pensar não foi superada, mas começou a mudar com o processo de urbanização e industrialização no decorrer dos primeiros 50 anos do século XX, quando costumes e hábitos foram questionados; outro estilo de vida passou a vigorar, tanto que em São Paulo a luta pela profissionalização foi mais simples do que no Rio de Janeiro. Com as mudanças da década de 1930 o profissionalismo cresceu.

Com a profissionalização em São Paulo e no Rio de Janeiro, os clubes dos dois estados que se uniram pela profissionalização disputaram o primeiro campeonato juntos, foi o que eles batizaram de campeonato brasileiro, que mais tarde foi tratado como Torneio Rio - São Paulo (KLEIN, 2001).

Foi possível relacionar as práticas futebolísticas às condições econômicas e políticas do país; as condições amadoras na fase econômica da agricultura; e os avanços, ainda que questionáveis experimentados a partir da industrialização do país. Tanto no período agrícola, quanto industrial, os jogadores advinham das classes populares.

1.2. O momento histórico do país e a popularização do futebol

A mudança do modelo econômico brasileiro de agrícola para agroindustrial, a campanha pró-profissionalização dos jogadores levou a expansão de suas fronteiras sociais, econômicas e geográficas, mesmo continuando ainda em parte, um esporte elitizado.

Quatro aspectos envolveram a popularização do futebol: os equipamentos, os agentes, as regras e o local onde se joga o futebol.

Dentre os equipamentos do futebol, ou seja, aquilo que é necessário para se praticá-lo estão: a bola, as traves (os gols) e um "uniforme" que diferencie os times. Ter ou não esses equipamentos não impedia a prática do futebol; os uniformes eram resolvidos com "time de camisa" e "time sem camisa"; ou "camisa clara" e "camisa escura". A bola era qualquer coisa arredondada; assim como as traves ou gols eram feitos de estacas, pedras, lajotas, chinelo.

Através da adaptação dos equipamentos necessários, o futebol foi acessível para muitas pessoas, este fato ajudou na sua popularização, pois nem todos os outros esportes possuíam equipamentos tão facilmente adaptáveis para a prática daqueles que não possuem acesso.

A segunda parte se refere aos agentes, ou seja, as pessoas que jogam futebol. Não é necessário ter habilidade, e nem gostar; pode ser criança ou adulto; menino ou menina; mulher ou homem, todos estão aptos a compor um time e descontraír.

O rodízio entre os times e o rodízio entre jogadores é comum, quem quer participar não fica impedido, exceto em casos de times que disputem campeonatos amadores, no mais qualquer pessoa pode participar, fazendo do futebol também um mecanismo de socialização.

A terceira parte é sobre as regras do futebol, que comparada com outros esportes é bem mais simples e de fácil compreensão. Simplicidade que somada a outras, em parte mencionadas anteriormente, tornou este esporte popular no Brasil.

Segundo Mello (2000), o fato de as regras serem simples, de fácil compreensão comparada às regras das demais modalidades esportivas foi sua maior propaganda, e segue o autor:

"[...] enquanto a cada edição dos Jogos Olímpicos, grande parte dos esportes muda suas regras, o futebol permanece o mesmo, há anos. Enquanto assistimos às mudanças nas regras do basquete e do vôlei, com uma certa frequência, somente pequenas mudanças ocorrem, desde o estabelecimento das primeiras regras do futebol." (MELLO, 2000; et al CARRANO, 2000, p. 21).

Segundo Marinho (2016), as regras do futebol se dividem em "apenas 17", discutíveis e polêmicas a partir da arbitragem.

A última parte que contribuiu para este esporte ser popular no Brasil foi o local onde ele é praticado. Não é necessário ter um campo de futebol, com as medidas adequadas e geometricamente corretas para se jogar.

Ou seja, embora impusessem regras a prática do futebol no Brasil nunca ficou impedida, pois sempre foram adaptadas às condições presentes na realidade, às condições sociais e culturais.

1.3. O futebol amador, o futebol nas várzeas e as "peladas" nos campinhos e ruas do Brasil.

Iniciamos esse capítulo descrevendo a várzea como o espaço gênese do futebol no Brasil, mesmo tendo sido ele elitizado em seu início, pois foi a partir da várzea que o futebol se popularizou como já escrevemos

anteriormente. Terrenos baldios (“campinho”), ruas, localizados quase sempre nas várzeas foi o ponto de partida de vários jogadores que se destacaram no futebol amador ou profissional.

O bom desempenho nos campeonatos internacionais como a Copa do Mundo veio posterior a popularização do futebol. Deste modo, o desempenho não foi o responsável por popularizar, mas sim a popularização somada a fatores já mencionados anteriormente que ajudou a garantir um bom desempenho, que, por sua vez reforçou, por meio de campanhas, uma relação de paixão entre a maioria dos brasileiros e o futebol.

Enquanto o futebol no início de seu desenvolvimento no Brasil era elitizado dentro dos clubes, “a bola corria às escondidas nos bairros mais pobres” (ABRUSSIO, MASSARANI, 2008), ou seja, o fato de predominar entre os ricos, não impediu que ele se popularizasse entre os mais pobres.

As pessoas mais humildes, sem condições para frequentar clubes, praticavam o futebol em campos de várzea e em campinhos que se espalhavam pelas periferias das cidades brasileiras que começaram a aparecer resultado do movimento de urbanização que se instalou nas grandes cidades.

O futebol de várzea, assim como o de campinho, aqueles praticados fora dos clubes, passaram a predominar no país à medida que ia se tornando mais popular e a medida que aumentava a população urbana.

Embora se confunda, Pimenta **(2009)**, faz alguns esclarecimentos sobre ambos os termos, contribuindo para uma diferenciação bem clara entre “futebol amador” e “futebol de peladas (várzea)”. O futebol amador segue os parâmetros das instituições organizadas de futebol, ou seja, clubes e confederações. O planejamento de logística, treinamento e recrutamento de pessoas com bom desempenho em determinadas posições não são incomuns.

Nesses torneios amadores os times possuem calendário estabelecido previamente com a presença dos coordenadores, contam também com árbitros amadores que entendem o suficiente de regras.

Predominam times de empresas, fábricas, indústrias ou grupos de conhecidos que se organizam para a disputa.

Um exemplo de campeonato de futebol amador é a Copa Coamo⁵ de cooperados que acontece na cidade de Campo Mourão - PR, a Coamo organiza a copa como um grande evento que faz parte de seu calendário oficial de atividades de lazer, segundo a empresa no ano de 2015 a Copa Coamo mobilizou a participação de 27 mil pessoas entre funcionários, cooperados, familiares, diretores e outros.

O fato mais importante do futebol de várzea é a sua relação estreita com o futebol profissional brasileiro. Muitos jogadores de origem mais pobre iniciam os "primeiros" chutes em uma bola de futebol nos jogos e peladas entre amigos na várzea. Muitos que chegam ao futebol profissional vêm do futebol de várzea.

Alguns autores, dentre eles Milan (2014) e Netto (1997) chamam a atenção para o fato de a várzea fazer parte do processo de formação do jogador brasileiro, não somente no quesito técnico, mas também no quesito comportamental dentro de campo. Para Netto (1997) a várzea é um "celeiro inesgotável de craques".

Embora a improvisação possa dar a impressão de que na várzea o futebol é descontraído e sem compromisso, ao longo de sua história no Brasil, o futebol de várzea sempre apresentou um nível muito elevado, principalmente no início do século XX, quando os times e os jogadores se dedicavam muito a prática do futebol e a conquista de campeonatos (NETTO, 1997).

Com a população brasileira passando por um processo de urbanização nas primeiras décadas do século XX, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro eram as capitais do futebol no Brasil e ambas cresciam de forma acelerada. A quantidade de pessoas que jogavam futebol e que se simpatizavam com o esporte crescia na mesma proporção, quanto mais pessoas chegavam as cidades, mais pessoas praticavam futebol. Era o esporte mais praticado do Brasil e também o mais popular, a pressão social vinda da quantidade de pessoas que se mudavam para as cidades também contribuíram para a popularização do futebol no Brasil (CALDAS, 1990).

⁵ Cooperativa Agropecuária de Campo Mourão, original da região Centro-Oeste do Estado do Paraná, na cidade de Campo Mourão. Disponível em: <http://www.coamo.com.br/site/quem-somos/portugues>. Acesso em 26/01/2017.

De 1894 a 1930, no exato período em que o futebol se consolidou no país, o Brasil vivia o momento em que os historiadores chamam de velha república, baseada em grupos oligárquicos, principalmente os produtores rurais do café, que tinham no estado de São Paulo a sua base econômica, familiar e política.

A República ocasionava uma mudança na postura daqueles que almejavam o crescimento e enriquecimento. No Império, essa ambição era subjugada; com a República esse comportamento foi encorajado, fazendo com que muitos adotassem essa postura (JUNIOR, 2006)⁶. Almejar a ascensão social por meio da escola passou a ser o pensamento da classe média que emergiu no país; e foi a concepção liberal que influenciou o pensamento pedagógico a partir dessa década.

Do café, o principal "produto brasileiro moderno" (JUNIOR, 2006), surgiram alguns fenômenos que interferiram diretamente no futebol, um deles foi a grande quantidade de imigrantes europeus que desembarcaram nos país a procura de uma oportunidade.

Os negros estavam livres há pouco tempo. A escravidão não era uma relação capitalista de trabalho, o Brasil foi forçado a libertar os negros e estabelecer uma relação de trabalho que já era adotada na maioria dos países capitalistas, o assalariado.

Na Europa, muitos trabalhadores estavam sem emprego e como os negros do Brasil depois de libertados já não mais trabalhavam nas lavouras, esses trabalhadores europeus embarcaram rumo ao Brasil atrás de trabalho. O estado de São Paulo era o principal destino, e o porto de Santos era a porta de entrada para a maioria desses imigrantes, e a lavoura de café era o local onde o emprego a estrangeiro era mais facilmente conseguido.

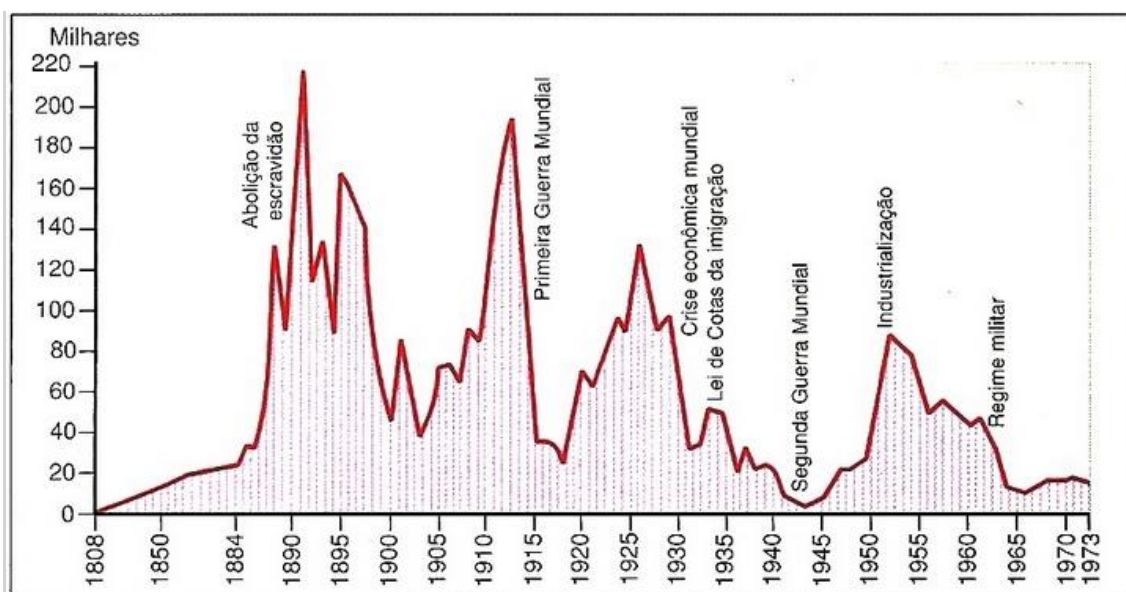
Quando chegavam ao Brasil, a maioria já conhecia o futebol e passava a praticá-lo também, isso ajudou a construir um tipo de estrutura clubística - os clubes de imigrantes, formados com o intuito de reunir grupos de amigos, cuja nacionalidade, descendência e torcida são as mesmas. São exemplos de clubes formados por este processo: Palmeiras, Cruzeiro, Goiás, dentre outros.

⁶ Verificar em JUNIOR (2006) **História Econômica Do Brasil**. Caio Prado Junior.

Muitos estrangeiros que vinham ao Brasil em busca de trabalho na lavoura de café permaneciam nas cidades, motivados por um grande crescimento das áreas urbanas, fato que justificou o surgimento de muitos clubes.

O maior pico de migração se deu entre os anos de 1890 e 1900, neste período houve um salto de 29% na entrada de imigrantes no Brasil (Figura 9), sendo a maior parte deles europeus (ADAS, 2004).

Figura 9. Gráfico da Imigração no Brasil – 1800 a 1973



Fonte: ADAS, 2004.⁷

Ainda segundo Adas (2004), nestes anos de forte fluxo migratório, o Brasil foi um dos países que mais recebeu pessoas vindas de outros países, um movimento migratório motivado principalmente por fatores econômicos, uma vez que a maioria das pessoas vinha em busca de trabalho.

Ligado também a este processo, a industrialização brasileira começava a dar sinais de desenvolvimento; teve seu início no final do século XIX, relacionada principalmente a expansão das plantações de algodão e conseqüentemente ao fortalecimento do setor têxtil.

Neste período do início da industrialização já começava a aparecer um problema presente nas cidades de capitalismo subdesenvolvido: pessoas que

⁷ Figura retirada do texto Imigração no Brasil, disponível no site: <http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/imigracao-e-migracao-no-brasil/>. Acesso em Abril de 2017. Não é parte de livro didático escolar.

estavam sem trabalho e que vinham do espaço rural. A formação dessa reserva de mão de obra funcionava como um forte atrativo para a instalação de indústrias no Brasil: pessoas com pouca instrução dispostas ao trabalho (JUNIOR, 2006).

A quantidade de indústrias no estado de São Paulo está relacionada a alguns fatores, explicados por Junior:

Esta concentração da indústria em São Paulo se explica pelo número de circunstâncias favoráveis que aí se reuniam. A principal delas é o progresso geral do Estado, graças ao desenvolvimento sem paralelo de sua lavoura cafeeira, o que lhe trouxera riqueza e população. A imigração concorrerá com a habilitação técnica do trabalhador europeu, muito superior ao nacional recém-egresso da escravidão ou estados similares (JUNIOR, 2006. p. 198).

Herança do café, a rede de cidades e de transportes preparou o cenário necessário para o processo de industrialização que se instalou no estado de São Paulo a partir da década de 1930. A urbanização acelerada era consequência da industrialização brasileira. Neste período, resultado da cafeicultura, infraestruturas foram construídas para dar suporte a essa exploração econômica, dentre elas estradas e ferrovias.

Quadro 1 – Crescimento Populacional de São Paulo – 1872 a 1940

Ano	População do Município de São Paulo
1872	31.385
1890	64.934
1900	239.820
1920	579.033
1940	1.326.216

Fonte: IBGE⁸. Elaboração: Wesley Ferreira Souza, 2017.

⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Quadro 2 – Crescimento Populacional do Brasil – 1872 a 1940

Ano	População / Brasil
1872	10.112.061
1890	14.333.915
1900	17.318.556
1920	30.635.603
1940	41.236.315

Fonte: IBGE. Elaboração: Wesley Ferreira Souza, 2017.

Toda essa combinação fez com que a população brasileira dobrasse entre 1890 e 1920 e dez anos mais tarde esse número triplicaria em relação a 1890. Na cidade de São Paulo o crescimento foi ainda mais exponencial, pois foi onde se concentrou a maior parte do fluxo migratório vindo da Europa.

Para Lucena (2000), este momento não era somente de mudanças estruturais no país, era um momento de "efervescência cultural e política", e neste exato momento histórico Charles Miller chega ao Brasil trazendo consigo a experiência necessária para ajudar na organização do futebol.

Com um fluxo migratório acelerado no período inicial da nova república, é certo que esses imigrantes chegaram ao Brasil e influenciaram com seus costumes, as práticas esportivas e os lazeres, no qual o futebol era também um dos mais populares (LUCENA, 2000).

Pouco mais tarde, mas não menos importante surgiria no Brasil em meio a essa "efervescência cultural", o samba⁹, sob influência da nossa matriz de formação popular africana.

Os excluídos socialmente desse processo, pois não tinham recursos para frequentar clubes, alugar campos ou mesmo frequentar estádios, jogavam futebol em campinhos de várzea que se espalhavam por toda a cidade. Em São Paulo a quantidade de campinhos era imensa e a prática de futebol de várzea se dava às margens do Rio Tietê, Pinheiros, Tamandateí, dentre outros córregos.

⁹ Trata-se de um ritmo brasileiro, influenciado pela matriz africana de nossa ascendência. Assim como o futebol, esse elemento cultural brasileiro tornou-se popular poucos anos depois de surgir (MULLER, 2007).

A década de 1940 viu a fase de ascensão do futebol de várzea. Os clubes profissionais buscavam jogadores que se destacavam em campeonatos de várzea; clubes participavam de campeonatos amadores pelas várzeas da cidade e ganhavam notoriedade através de jornais e revistas da época (NETTO,1997).

Contudo, com o crescimento das cidades, os espaços para a prática do futebol foi diminuindo e as escolas são algumas das alternativas para quem gosta de jogar bola, entretanto, segundo relatório do censo escolar de 2015, 65% das escolas públicas do Brasil não possuem quadra esportiva ou estruturação mínima para práticas esportivas, na qual se inclui o futebol recreativo (Censo Escolar, 2015).

A quantidade de áreas dentro dos espaços urbanos onde se concentram a maior parte da população brasileira, destinadas aos esportes praticados de forma recreativa diminuíram nas últimas décadas.

Para o futebol, principalmente aquele praticado na várzea, a queda se deu pelo número menor de campos que existiam em várias partes das cidades, estas áreas, antes tão comuns, foram preenchidas por moradias ou por novos loteamentos, que por sua vez não podem mais ser feitos em áreas distantes que permitam a criação de vazios urbanos. (Lei 10.252/2002; Estatuto das Cidades).

Ainda em relação ao futebol de várzea, ele foi aos poucos perdendo seu espaço, principalmente nas grandes cidades e nas regiões metropolitanas onde as áreas livres antes muito presentes em cidades do Brasil, foram sendo incorporadas pelo mercado imobiliário e foram reduzidas ou extintas.

A medida que as várzeas foram sendo tomadas pela construção civil, por favelas, loteamentos, e outras formas de moradias, o futebol avançou para outro espaço, a rua, que virou o palco para aqueles que não possuíam local para jogar. Neste caso especificamente é a rua cumprindo uma de suas funções mais básicas - social.

O futebol praticado nas ruas é muito mais urbano do que qualquer outra forma simples de prática; ele é de certa forma o resultado do crescimento das áreas urbanas que cada vez menos tem destinado espaços para áreas de lazer (ver figura 10)

Figura 10. Futebol de Rua



Fonte: Lenço encarnado¹⁰ / sem data.

O processo de diminuição de áreas para a disputa de jogos de futebol amador ou recreativos não é explicado pelo aspecto esportivo somente, ele faz parte de um conjunto de fatores de uma mudança da conjuntura urbana brasileira.

As cidades do Brasil passaram por algumas transformações desde o início do século XX, não se tratando de transformações no que se refere a crescimento, esses também ocorreram, mas são transformações de organização, que modificam áreas, degradam, deslocam habitantes e revitalizam setores. Neste contexto as áreas vazias que antes eram aproveitadas para a prática de atividades recreativas, dentre elas o futebol, perderam seu espaço porque essas áreas foram comercializadas.

Em São Paulo, nas décadas de 1970 e 1980 muitas áreas, principalmente as centrais, foram esgotadas pelas construtoras que buscavam terrenos para construção de novos prédios de escritórios. O esgotamento foi

¹⁰ Disponível em: <http://lencoencarnado.blogspot.com.br/2010/09/as-10-regras-do-futebol-de-rua.html>. Acesso em 13 de Agosto de 2017.

rápido e já na década de 1990 essas construtoras voltaram suas atenções para outras áreas que não as centrais (CARLOS, 2007). Foi a oportunidade que muitos proprietários de terrenos esperavam para vender suas propriedades.

Figura 11. Futebol de Rua 2



Fonte: Minha visão esportiva ¹¹

Para Carlos (2007) o espaço urbano brasileiro, assim como em demais países do mundo passou a sofrer com um processo de fragmentação a partir do momento em que a globalização ganhou força no início dos anos de 1980. Tal fragmentação é o resultado da apropriação privada das áreas urbanas, que são divididas em fragmentos com o intuito de serem comercializadas, deste modo muitas áreas dentro de muitas cidades do Brasil passaram por este processo.

No espaço urbano cada vez mais fragmentado passou a ocorrer uma mudança na organização: incorporação de novos terrenos, mudança na organização de seus planos viários, refletindo no deslocamento de pessoas e de transportes pelos bairros.

Não foge a este processo nem mesmo as áreas já habitadas; seria impossível imaginar que as áreas onde se pratica futebol de várzea ficassem imunes aos interesses econômicos resultantes desta fragmentação.

Não podemos deixar de ressaltar também que os espaços onde se desenvolvem as relações cotidianas entre as pessoas definem o lugar¹². Jogar

¹¹ Disponível em: <http://minhavisaoesportiva.blogspot.com.br/2016/03/regras-futebol-rua.html> Acesso em 13 de Agosto de 2017.

futebol assim como realizar alguma atividade corriqueira promove uma relação que cria um "espírito e uma personalidade" ao lugar, fazendo com que as pessoas que ali vivem sintam-se confortáveis dentro daquele lugar (TUAN, 1980).

Parece que a profissionalização do futebol foi decorrência do processo de urbanização e industrialização do país; à medida que se popularizou e se transformou na paixão nacional porque era praticado por todos os segmentos sociais sofreu os impactos da urbanização; os espaços para tal prática foram sendo reduzidos, à medida que avançava a dinâmica do mercado imobiliário.

1.4. Os estádios de futebol e as arenas de copa do mundo

O primeiro estádio de futebol genuinamente destinado a partidas desta modalidade foi o estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, construído em 1904 (Becker, 2012). Este estádio atualmente pertence ao Fluminense, e hoje (2016) ainda serve ao clube como centro de treinamentos.

Depois do Fluminense, o Botafogo inaugurou o estádio de General Severiano em 1912; no estado de São Paulo o Santos foi um dos primeiros clubes a construir seu estádio - Vila Belmiro (Estádio Urbano Caldeira) no ano de 1916, na cidade de Santos-SP; é o estádio que o clube continua utilizando até hoje (2016).

Um bom exemplo de estádio que acompanhou a urbanização da cidade e considerou a morfologia de seu terreno para sua construção foi o Pacaembu, localizado no bairro que leva o mesmo nome.

Construído na cabeceira do córrego Pacaembu, considerou a topografia do terreno encaixando a construção de suas arquibancadas à morfologia de suas vertentes. O ângulo de observação das arquibancadas remete às arenas de touradas, rente ao campo e íngreme.

¹²Segundo Tuan (1980) lugar possui uma "personalidade", "um espírito" adquiridos através das relações de quem neles vivem, deste modo, a identificação de um indivíduo com o lugar onde mora é um adjetivo preponderante para construir o espírito do lugar.

A Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, levou a construção e melhoria de alguns estádios. Naquela ocasião foram apenas seis cidades-sedes: São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG, Recife/PE, Curitiba/PR e Porto Alegre/RS, esse número pequeno de sedes se deve ao fato de que naquele período o mundial era disputado apenas por 13 clubes (PORTAL DA COPA)

Cada uma das cidades-sedes deveria oferecer um estádio, das seis cidades, quatro delas (São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Recife) já possuíam estádios concluídos e em condições de uso, e outras duas (Rio de Janeiro e Belo Horizonte) tiveram de construir novas estruturas.

São Paulo havia inaugurado o Pacaembu havia poucos anos; Curitiba cedeu o estádio Dorival de Brito (Vila Capanema); em Recife os jogos foram disputados na Ilha do Retiro; e em Porto Alegre o estádio utilizado foi o dos Eucaliptos, que pertencia ao Internacional. Em Belo Horizonte o palco das partidas foi o estádio Independência, construído pelo clube Sete de Setembro e pela prefeitura.

Foi na Copa de 1950 que o Brasil construiu o Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado no dia 16 de Junho de 1950 em um confronto entre as seleções paulista e carioca, um mês depois um fato marcou para sempre a história do estádio, a derrota da seleção brasileira no último jogo da Copa de 1950 para a seleção uruguaia – o maracanazo (BOLANAÁREA/estádios).

Depois do Maracanã, nas décadas de 1950 e 1960 outros grandes estádios foram construídos no Brasil, dentre eles o estádio da Fonte Nova em Salvador - BA (1951), o Olímpico Monumental em Porto Alegre - RS (1954), o estádio do Morumbi em São Paulo - SP (1960) e o estádio do Mineirão em Belo Horizonte - MG (1965), evidenciando o interesse econômico pelo futebol, mesmo sendo sua organização ainda ruim.

Nas décadas seguintes, 1970 e 1980 outros estádios foram construídos pelo Brasil; estádios que deram visibilidade a times e regiões que antes não possuíam tanto espaço no futebol brasileiro, dentre eles estão: o estádio Castelão em Fortaleza - CE (1973), o Serra Dourada em Goiânia - GO (1975) e Mangueirão em Belém - PA (1978) o Castelão em São Luís - MA (1982). Conforme essas cidades foram ganhando destaque econômico e o mesmo

processo de urbanização experimentado por outras cidades aconteceu em seus espaços, construiu-se um estádio; um time passou a ser patrocinado.

Por conta dessas construções e de suas capacidades quase sempre para mais de 50 mil torcedores, os estádios brasileiros deram ao país o que segundo Mascarenhas (2014) podemos chamar de o país dos grandes estádios, estádios construídos em sua maioria no período do governo militar, fato que coloca o futebol como um mecanismo usado pelos militares para tornar o país mais "feliz" e despertar a sensação de nacionalismo.

As mudanças que ocorreram em 2014, para a realização da Copa do Mundo, contribuíram para a mudança do perfil dos torcedores que passaram a frequentar os estádios brasileiros; são pessoas que no momento dos jogos são envolvidas por uma série de informações e imagens de alta definição que transmitem uma sensação de felicidade realização e aventura instantâneas (ROCCO JR; MAZZEI, OLIVEIRA, 2015); não se trata de um torcedor fiel.

A mudança no perfil dos torcedores se dá pela regra mais simples do sistema capitalista, cobrar mais caro pelo melhor produto oferecido.

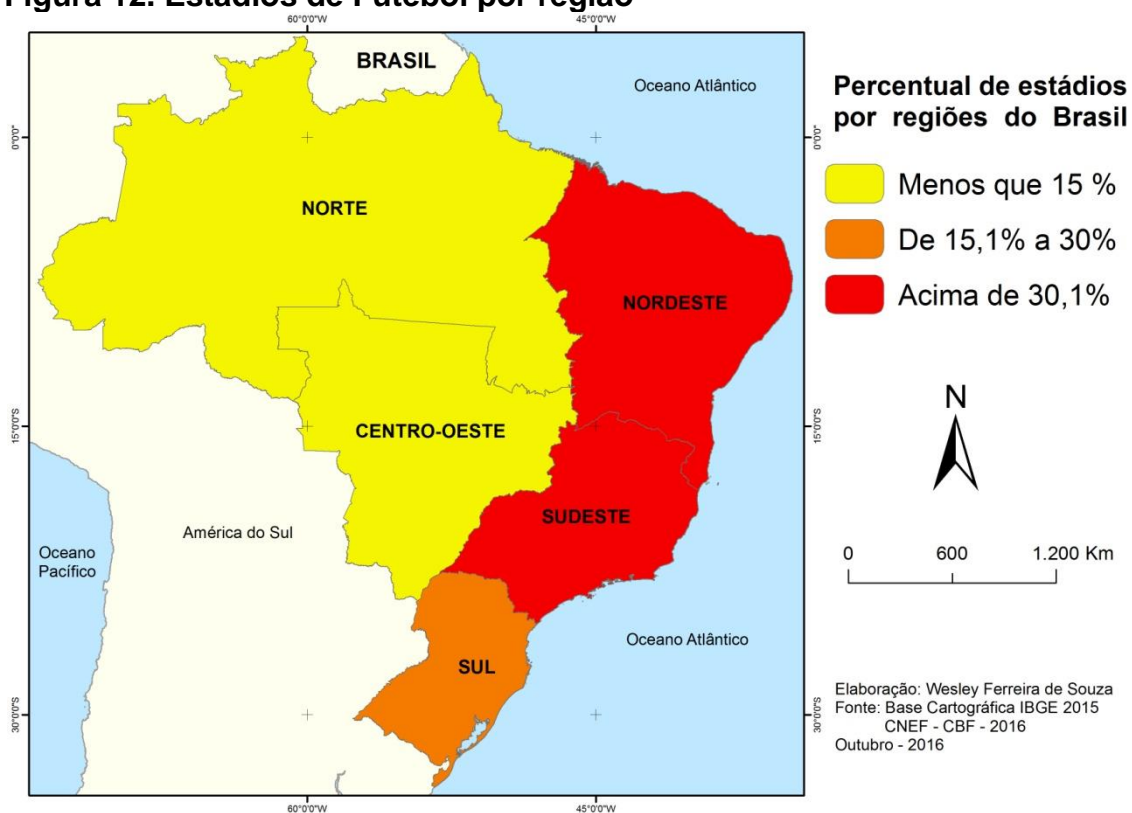
Contudo, a administração de alguns dos outros nove estádios, dentre eles o Maracanã, passaram a pertencer a um consórcio que é representado por uma empresa responsável por negociar jogos com clubes e shows com artistas, além de fazer a manutenção das arenas. Porém esta relação não barateia e nem aproxima os torcedores mais pobres dos estádios, do contrário, essa parceria público privada afasta não só torcedores mas também os clubes que optam por mandar seus jogos em estádios mais modestos cujo o custo de funcionamento em dias de jogos é menor, como é caso do Atlético Mineiro que só utiliza o Mineirão em jogos decisivos e de muito apelo dos torcedores. Os clubes do Rio de Janeiro também passam pela mesma situação, embora o Maracanã seja público e o custo de mandar jogo seja alto, o consórcio que administra o estádio deixa o custo ainda mais elevado e força os clubes a buscarem alternativas (PORPETTA, 2016).

Outros problemas maximizados pela construção de novas arenas para eventos esportivos também são objetos de pesquisa de vários autores nas ciências humanas e do esporte, muitos deles relacionados aos impactos externos provocados por estes grandes eventos e pela construção das novas

arenas de futebol. Entretanto, é preciso ressaltar também que com a copa do mundo a estrutura do futebol brasileiro melhorou, principalmente nas cidades sedes e nas cidades onde haviam centros de treinamentos para a hospedagem e treinamentos de seleções; e foi também depois da copa do mundo que a média do campeonato brasileiro aumentou pelo menos um pouco em relação aos anos anteriores. (REIS & VALENTE, 2014)

Sobre os estádios brasileiros, em 2014 a (CBF) Confederação Brasileira de Futebol divulgou relatório sobre os estádios brasileiros e sua distribuição territorial pelas regiões do país. Esses dados foram revistos em 2016 e de acordo com a entidade existem no Brasil 789 estádios, dos quais a maioria se concentra nas regiões sudeste e nordeste, as mais populosas, e depois vem a região sul (ver figura 10) (CBF, 2016). Destes, 34% são privados e o restante pertence a federação (0,5%), aos estados (6%) ou aos municípios (59,5%), ou seja, 66% são públicos (CNEF - CBF, 2016).

Figura 12. Estádios de Futebol por região



Elaboração: Wesley Ferreira Souza. Fonte: IBGE 2016 e CBF 2016. Percentual de estádios por região

Segundo informações da CBF, mais da metade dos estádios brasileiros tem capacidade inferior para 5 mil pessoas e ficam predominantemente em áreas dentro dos estados que não possuem clubes que disputam sequer campeonatos estaduais; são usados para eventuais jogos locais, amadores, comemorativos, recreativos ou para outras atividades culturais.

Por outro lado, estádios com grande capacidade, concentrados em áreas desenvolvidas economicamente não estão na rota dos grandes jogos e dos grandes campeonatos. Exemplo disso são algumas arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014, como a arena Pantanal localizada em Cuiabá-MT, a arena Amazônia, localizada em Manaus, a Arena Mané Garrincha, localizada em Brasília que mesmo com capacidade superior a 44 mil torcedores, adequados a cidades de médio ou grande porte (cidades de aproximadamente 585 mil habitantes) não representam destaques, como clubes de futebol, que pudessem ocupar permanentemente esses estádios. Por época das suas construções já se argumentava sobre essa questão, ou seja, o local de construção de algumas arenas não se justificava com o desempenho do seu futebol. Outras justificativas foram usadas, e tempos depois escândalos se viram na relação das construções dessas arenas futebolísticas e as construtoras brasileiras.

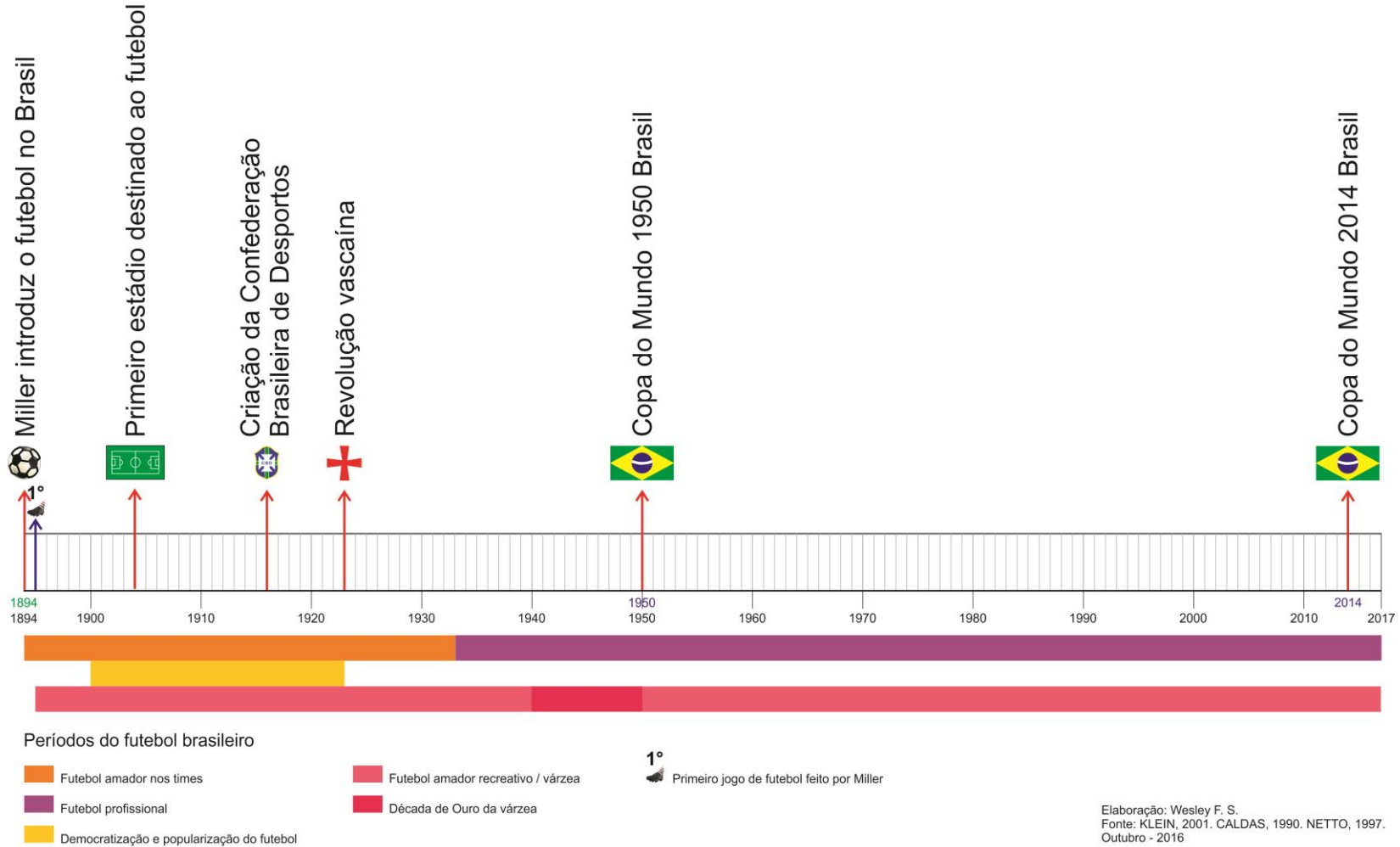
A falta de uma política para o futebol leva a um dos problemas que o atinge permanentemente, sua expansão para o interior do país, deixando de ficar concentrado no eixo Rio-São Paulo, ou em algumas capitais de outras regiões, com destaque para a região Nordeste.

Essa expansão “desorganizada” desencadeia diferenças no tratamento de jogadores e de campeonatos, refletindo em situações econômicas e políticas discrepantes como a compra de jogos de campeonatos por canais de televisão (aberta ou fechada), levando ao monopólio destes, e privilegiando times de grandes clubes e que alavancam a audiência.

Considerando a figura 12, que trata de uma linha cronológica do futebol no Brasil, desde finais de 1800 até os dias atuais, observamos que embora tenha ocorrido a profissionalização do futebol brasileiro, suas condições, na maioria dos clubes brasileiros continuam amadoras e pouco profissionais.

Neste embate entre amador e profissional o futebol se popularizou acompanhando a economia que se desenvolveu no território brasileiro. Nas regiões Sudeste e Nordeste, onde se concentram seus estádios, concentram-se também os clubes de maior destaque; pode-se afirmar que foi onde a economia, com foco industrial, se desenvolveu. Esta relação pode ser estabelecida também na região Sul. Embora tenham clubes antigos, o futebol nas regiões Centro Oeste e Norte ganharam notoriedade mais recentemente com o alavancamento da economia agrícola na região.

Figura 13 - Linha temporal do futebol brasileiro de 1894 a 2016



Elaboração: Autor / Fonte: Klein, 2001. Caldas, 1990. Netto, 1997 / Outubro - 2016

2. A GEOGRAFIA DAS FEDERAÇÕES ESTADUAIS DE FUTEBOL E A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Um dos fatos que marcam o futebol brasileiro foi que desde o seu início até os dias atuais (2016) ele foi representado por grupos que disputavam e disputam o poder¹³. O primeiro embate como já vimos no primeiro capítulo, foi entre paulistas e cariocas, quando ambos buscavam o domínio do futebol brasileiro. Essa "batalha política" perdurou até a criação da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) em 1916 e suas rugas só foram totalmente apagadas no período pós profissionalização na década de 1930 (CALDAS, 1990), se é que o foram.

Embora o futebol tenha se iniciado na região Sudeste, mais especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, a sua difusão pelo Brasil todo se deu 25 anos após o primeiro jogo organizado por Charles Miller em 1895.

2.1. AS ENTIDADES DE FUTEBOL NO BRASIL E AS FEDERAÇÕES ESTADUAIS

Conforme a popularização do futebol (Figura 12) ia avançando, surgiam em cada estado ou região os clubes e as entidades responsáveis por administrar o futebol. A primeira entidade futebolística do Brasil foi formada no estado de São Paulo, em 1901, e se chamou Liga Paulista, entidade que foi responsável por organizar campeonatos e clubes. Entretanto, em 1912 uma luta política dividiu a Liga em dois grupos: de um lado aqueles que lutavam para que o futebol fosse disputado por pessoas de todas as classes sociais; e de outro lado aqueles que se opunham a essa idéia e defendiam rigor na escolha dos clubes que deveriam disputar cada campeonato, evidenciando uma concepção racista e preconceituosa. A década de 1910, ficou marcada pela popularização e difusão do futebol (Figura 13) no Brasil (CALDAS, 1990. MAGALHÃES, 2004. SILVA, 2008.).

¹³ Poder administrativo municipal, estadual e federal; poder nas confederações e times.

Figura 14. Campeonato organizado pela Liga Paulista



Fonte: Silva, 2008. CAMPEÕES DO FUTEBOL.¹⁴

Dessa divisão política surgiu uma nova entidade em São Paulo, conhecida como Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA. Desta forma os clubes paulistas se dividiam em campeonatos organizados pela Liga Paulista e pela APEA. Só em 1917 o embate cessou, pois a Liga Paulista foi extinta e a APEA passou a comandar o futebol de São Paulo. Em 1926, o Clube Paulistano liderou uma dissidência dentro da APEA e propôs a criação da Liga Amadora de Foot-Ball (LAF). Deste modo, os clubes de São Paulo voltavam a ter duas entidades e dois campeonatos a disputar. Esse impasse só foi superado no ano de 1930 com a intervenção e ajuda do jornalista Cásper Líbero (SILVA, 2008).

Em 1933 a APEA (São Paulo) e a Liga Carioca de Futebol (Rio de Janeiro) aderiram ao profissionalismo, contrariando os interesses da CBD, fato que contribuiu para que a seleção brasileira não fosse disputar a copa com um time profissional.

¹⁴ Retirado do Blog Campeões do futebol que por sua vez utilizou a imagem da revista SPORT, São Paulo, n. 1, 8 abr. 1914.

Visando melhores condições econômicas, os clubes paulistas fundaram a Liga Bandeirante, que mais tarde passou a se chamar Liga Paulista de Futebol e organizava um campeonato paralelo ao da APEA, que em 1937 encerrou suas atividades ficando LPF com a responsabilidade de dirigir o futebol paulista. Em 1938 muda de nome para Liga de Futebol do Estado de São Paulo (LFESP) e um ano depois muda seu nome para Federação Paulista de Futebol (FPF), que administra o futebol paulista desde então (SILVA, 2008).

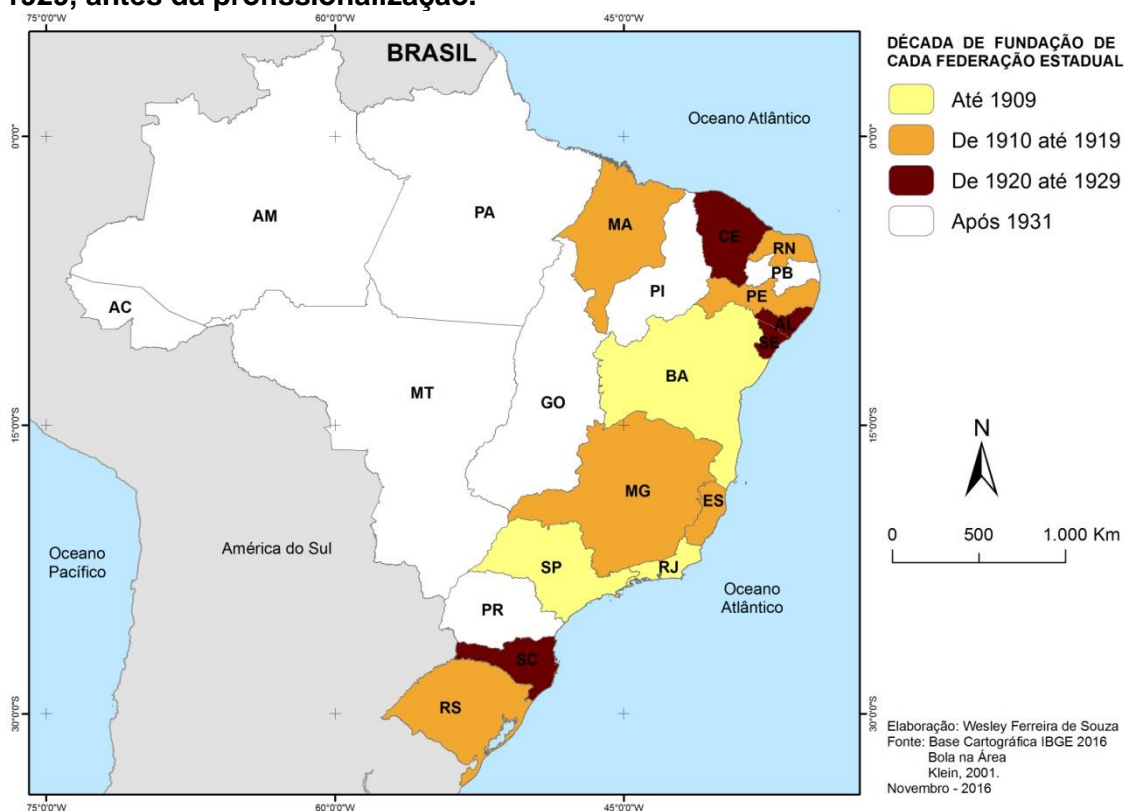
Depois de São Paulo, o estado a formar sua primeira entidade responsável pelo futebol foi o Rio de Janeiro, em 1905, e ficou conhecida como Liga Metropolitana de Foot-ball (LMF); seu nome foi modificado em 1907 para Liga Metropolitana de Esportes Terrestres, e durou pouco tempo devido a atitudes racistas. Em 1908, surge uma nova entidade, a Liga Metropolitana de Sports Ahtléticos; em 1917 ela foi substituída Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – LMDT; e em 1924 os clubes decidem pela criação da Associação Metropolitana de Sports Athléticos (AMEA). Com duas entidades, os clubes se dividiram entre dois campeonatos, assim como aconteceu em São Paulo.

Em 1933 foi criada no Rio de Janeiro a Liga Carioca de Futebol (LCF), que junto com a APEA (São Paulo) aprovaram a profissionalização dos jogadores, e devido à oposição da CBD fundam juntas a Federação Brasileira de Futebol. Em 1934 os clubes cariocas fundam a Federação Metropolitana de Desportos (FMD) que incorpora a AMEA. Mais tarde, em 1937, a FMD e a LCF se unem e formam a Liga de Football do Rio de Janeiro (LFRJ), que em 1941 muda seu nome para Liga Metropolitana de Futebol (FMF). No ano de 1960 a FMF muda novamente de nome para Federação Carioca de Futebol (FCF) com atuação no estado da Guanabara, e no estado do Rio de Janeiro atuava a Federação Fluminense de Desportos (FFD) (SILVA&VARANDA, 2007). Com o fim do estado da Guanabara em 1975, as duas entidades FCF e FFD se juntam e formam a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), que administra o futebol fluminense atualmente (2016).

Os outros estados do Brasil foram desenhando suas histórias no futebol e as entidades esportivas estaduais surgiam de forma natural ao passo que os clubes surgiam e ajudavam na formação dessas federações. A primeira delas e a terceira do Brasil foi a Federação Bahiana de Futebol (FBF), fundada

em 1905, e sua denominação atual vem desde 1913. A última federação estadual a ser criada foi a Federação Tocantinense de Futebol (FTF) em 1990 (ver figura 14 e 15), pois o estado do Tocantins foi criado em 1989, a partir do desmembramento do estado de Goiás, que tem como entidade futebolística a Federação Goiana de Futebol (FGF) (KLEIN, 2001. IBGEESTADOS, 2016).

Figura 15. Década de fundação das federações estaduais de futebol de 1900 até 1929, antes da profissionalização.



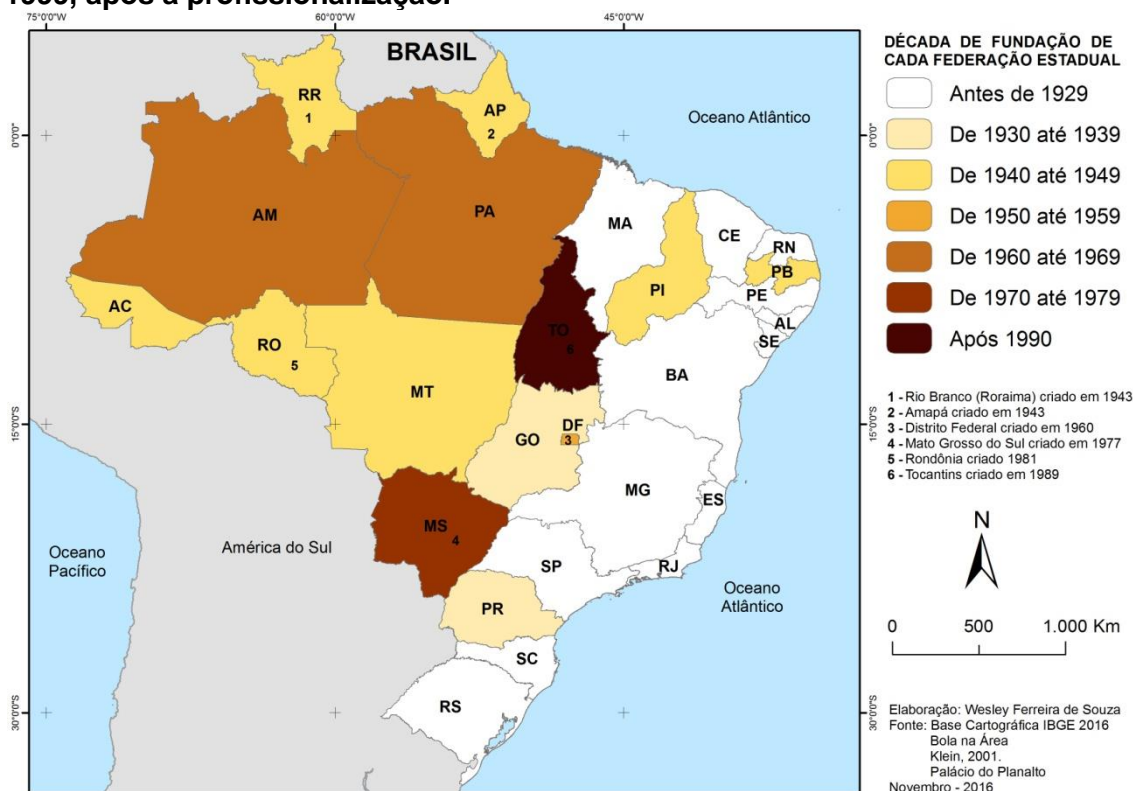
Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Klein, 2001. Planalto. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley F de S.

O surgimento das federações estaduais no Brasil ocorreu de forma desigual no tempo. Até 1918 todos os estados da região sudeste já haviam fundado suas federações; depois foi a região Nordeste onde surgiram a maior parte das federações estaduais; a última federação nordestina a surgir foi a Federação Paraibana, em 1947.

Na região Sul, o Paraná foi o último estado a formar sua federação em 1937 (Figura 15). As regiões norte e centro-oeste foram as últimas a completar o quadro de federações estaduais do Brasil (Figura 14). No centro-oeste a

primeira foi no estado de Goiás; e na região Norte a primeira foi formada no estado de Rondônia, no ano de 1944, onze anos após a profissionalização do futebol no país e 43 anos após a primeira federação estadual ter sido formada (KLEIN, 2001).

Figura 16. Década de fundação das federações estaduais de futebol de 1930 até 1999, após a profissionalização.



**Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Klein, 2001. Planalto. Novembro, 2016¹⁵.
 Elaboração: Wesley F de S.**

As explicações para a formação tardia das federações em estados do centro-oeste e do norte, estão relacionadas ao fato de que em ambos os casos as regiões eram pouco povoadas e passaram por planos de integração econômica a partir da década de 1960.

A formação das federações ajudou a integrar o futebol pelo Brasil e a garantir uma estrutura e organização mínima para a realização de alguns campeonatos, porém, não foi através da federação que o futebol chegou aos estados, foi através do futebol que já existia nesses estados que se formaram

¹⁵ É o formato atual do território brasileiro, sua última mudança segundo o IBGE foi o desmembramento do estado de Goiás, em 1988.

as federações estaduais, ou seja, o futebol já era praticado em quase todo o Brasil no início de década de 1920.

Segundo Klein (2001) as federações são livres para organizar seus campeonatos e administrar o futebol dentro de cada estado. Nos municípios as ligas são responsáveis pelo futebol municipal e estas ligas fazem parte das federações. Os presidentes das federações são eleitos por seus filiados respeitando o estatuto de cada entidade e cada presidente de federação pode eleger o presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), assim como presidentes de clubes que estejam na primeira divisão do campeonato brasileiro.

O direito a voto das federações garante a essas entidades um poder maior que a dos clubes juntos, afinal, depois do campeonato brasileiro passar a contar com vinte clubes em 2006, o número de federações se manteve da mesma forma, com vinte sete (cada estado possui uma federação). Aqueles que representam os torcedores e são os maiores patrimônios do futebol, os clubes, não são considerados os mais importantes na votação para presidente da CBF do que as federações estaduais e conseqüentemente confederação que deles vivem.

2.1.1 O Fim Da CBD (Confederação Brasileira De Desportos) E Início Da CBF (Confederação Brasileira De Futebol)

O futebol brasileiro começou primeiro pelos estados (SP e RJ) e estes depois de lutas políticas, entraram em um acordo que proporcionou a criação de uma entidade que cuidaria dos interesses do futebol brasileiro como um todo, foi assim que surgiu a CBD em 1916.

Segundo Sarmiento (2006) a CBD era a entidade máxima do esporte brasileiro, embora esse papel coubesse ao COB (Comitê Olímpico Brasileiro), criado em 1914. A CBD representava o país efetivamente, pois o COB não havia sido implementado de fato, cabia inclusive a CBD fazer os planejamentos para a participação das delegações brasileiras nas olimpíadas. Em 1935 o COB começa a trabalhar de fato e mais uma vez inicia uma briga pelo domínio do esporte no Brasil, CBD x COB, para ver quem iria representar o país nas

olimpíadas. Nesta ocasião, não se opunham entidades do futebol, mas os interesses políticos pelo domínio do esporte eram semelhantes aos dos conflitos anteriores.

Embora o futebol seja o esporte mais popular do Brasil desde a década de 1910, a CBD por ser responsável por todas as modalidades esportivas, tinha a função de angariar investimentos em todas as áreas, isso fez com que a entidade fosse criticada pelo fato de não dar o mesmo tratamento, o que significava apoio econômico, a todas as modalidades esportivas.

Com as conquistas das Copas de 1958 e 1962 a CBD passou a ser uma instituição ainda mais forte e consagrou o seu modelo de gestão tornando uma entidade esportiva quase inquestionável, fato que comprova que os resultados quase sempre escondem os problemas no futebol brasileiro desde sempre.

Para a Copa de 1970, João Havelange, presidente da CBD convidou João Saldanha para ser o treinador da seleção brasileira. Entretanto, o Brasil vivia um regime militar da qual Saldanha era opositor ferrenho, e bastou algumas derrotas para que o treinador, que vinha sendo perseguido pelo regime militar, não resistisse no cargo. Outro treinador, Zagallo, assume e o Brasil vence a Copa. Era o cenário perfeito para os militares, que tentavam de todas as formas associar o sucesso da seleção com o regime que governava o país, até mesmo o presidente Emílio Garrastazu Médici desfilou com a taça.

No ano de 1979 com a criação de novas entidades para cuidar dos interesses de outras modalidades esportivas que antes cabiam a CBD, as atividades do órgão foram encerradas e um novo estatuto deu origem a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), que deveria cuidar especificamente do futebol brasileiro.

Com a CBF novas políticas orçamentárias e de propaganda foram implementadas. Assim como contratos com emissoras de rádio e televisão. A década de 1980 foi marcada por movimentos dentro da CBF que levaram a entidade a ser uma das mais ricas e poderosas representantes do futebol mundial.

A CBF acompanhava as mudanças políticas e econômicas que marcaram a década de 1980 e 1990 em nível mundial.

Centralizadora, a CBF organizou quase todos os campeonatos nacionais desde o seu surgimento e foi responsável por formar as seleções que representaram o Brasil em competições oficiais da FIFA e da CONMEBOL. Somente em duas oportunidades seu poder não prevaleceu na organização dos campeonatos, devido a fatores administrativos e jurídicos, respectivamente, em 1987 e em 2000.

Com as conquistas das Copas de 1994 e de 2002, a CBF tornou-se inquestionável em âmbito nacional. Porém, foi neste período que ocorreram muitos dos casos de corrupção investigados pela polícia americana. Não somente a CBF está sendo investigada, mas entidades de alguns continentes e a própria FIFA também são alvos da mesma investigação.

Em 2016, no pós Copa 2014, a CBF viveu sua pior crise administrativa da história. Investigações da polícia americana, casos de corrupção somados a resultados negativos dentro de campo, diminuíram o prestígio da entidade.

2.2 A Geografia Dos Campeonatos Estaduais, Regionais E Nacionais

O quadro de campeonatos disputados no Brasil teve início logo nos primeiros anos do século XX, foi um torneio entre seleções paulista e carioca, justamente os estados que iniciaram as atividades relacionadas ao futebol no país (BECKER, 2012). Essa estrutura futebolística centrada nos estados propiciava a disputa entre selecionáveis de cada um deles, posteriormente outros estados também começaram a disputar torneios de seleções da mesma forma que SP e RJ.

Seria impossível no início do século XX uma confederação nacional cuidar dos interesses do futebol em todas as partes do país. (IBGE, 2016).

Deste modo, as federações estaduais surgiram para cumprir o papel que uma confederação não poderia cumprir naquele momento, organizar as estruturas do futebol em uma escala geográfica menor, os estados. Isso não ocorre, por exemplo, na Europa, onde a maioria dos países possuem territórios com tamanho inferior a maioria dos estados brasileiros.

Isso nos remete ao território do futebol no Brasil e as relações de poder que nele se desenvolve, tais relações colocam como já vimos em lados

opostos, grupos, estados, federações, clubes, ideias e principalmente interesses em dominar.

As definições de território dentro da Geografia quase sempre são expressadas através das relações de poder, ou seja, o território depende das relações humanas que passaram a existir ali em algum momento. Essa visão é defendida por Raffestin (1993), nas palavras do autor:

[...] O território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder (RAFFESTIN, 1993, p.144).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Raffestin outros geógrafos estabelecem a relação entre território e poder, dentre eles estão Souza (1995). Para Santos (2006) o mais importante ao discutir território é não perder de vista a sua relação com o dinheiro e o financeiro, nas palavras do autor " o território tem que ser entendido como o território usado e não o território em si" (SANTOS, 2006).

Nesse campo de análise, o presente trabalho buscou explicar como o futebol se organizou no território brasileiro ao longo dos anos e quais foram os trâmites políticos e econômicos que culminaram no quadro geral que temos hoje, tendo como base a sua diferente forma de organização, predominantemente ligada aos estados e como esses grupos ligados a federações resistem até os dias atuais (2017), mesmo tendo em vista que os clubes são mais importantes do que essas instituições.

No início do século XX, como não havia a possibilidade de criar uma liga nacional, por dificuldades encontradas com transporte e recursos econômicos; os clubes duelavam com outros clubes mais próximos deles. Resultado dessa organização, os clubes e posteriormente as federações ajudaram a difundir o futebol por todos os estados do Brasil. Cada federação criou um campeonato para as áreas que estavam delimitadas pela sua atuação, os estados. Em alguns casos, os campeonatos estaduais e clubes surgiram antes das federações.

Dessa estrutura estadual, organizou-se um dos campeonatos mais importantes que os clubes participavam, os campeonatos estaduais. A partir das disputas desses campeonatos, surgiram muitas das rivalidades que duram até hoje (2016), tanto nas capitais quanto no interior; rivalidades entre cidades e entre clubes vizinhos, que dividem a mesma cidade, mas em bairros diferentes.

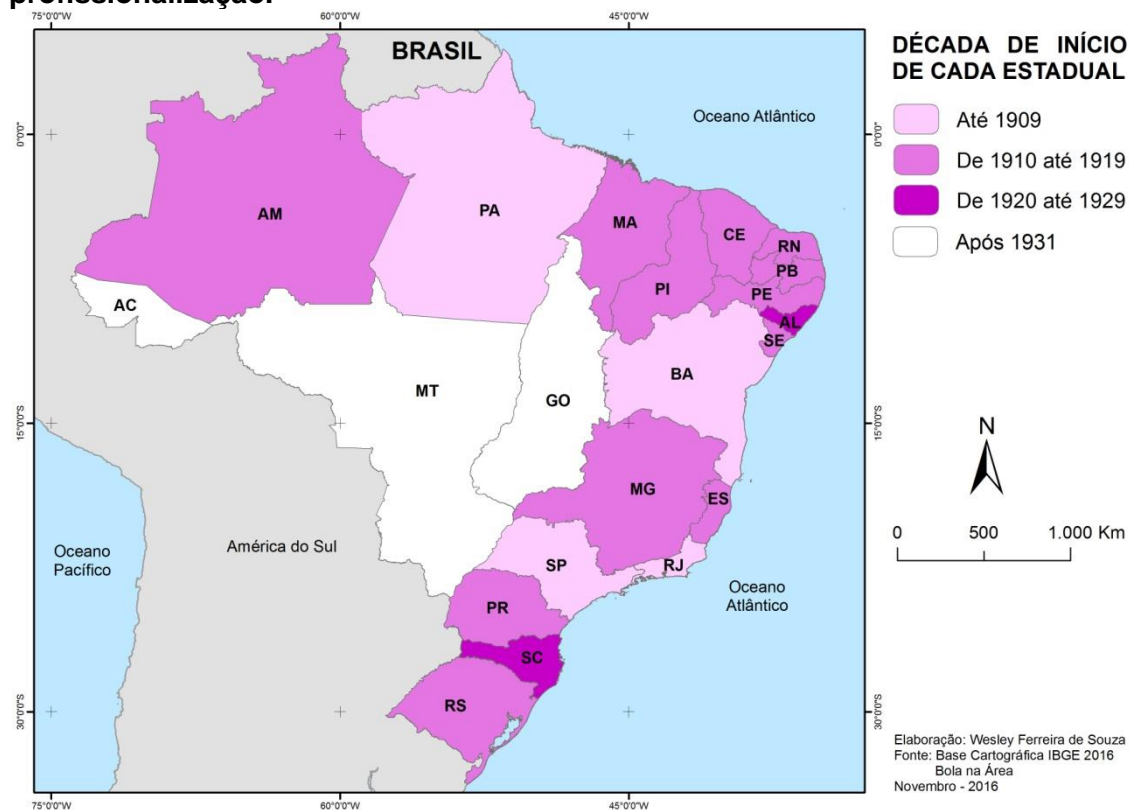
2.2.1 A GEOGRAFIA DOS CAMPEONATOS ESTADUAIS

Disputado em alguns estados desde o período do futebol amador, os estaduais foram os primeiros campeonatos que uma parte dos clubes de futebol disputou. Muitos desses campeonatos, no início, eram organizados dentro de um único município e contavam com a participação de poucos clubes, entretanto, já era o embrião do que viria a se transformar o campeonato estadual posteriormente.

Vale ressaltar que no começo, até meados da década de 1930 a maior parte dos campeonatos estaduais eram disputados por poucos clubes e geralmente esses clubes pertenciam a poucas cidades ou até mesmo a uma única cidade, sendo um campeonato muita mais municipalizado do que viriam a se tornar.

O primeiro campeonato estadual disputado no Brasil foi o Campeonato Paulista de 1902, vencido pelo São Paulo Athletic Club. Posteriormente a Bahia, o Rio de Janeiro e o Pará passaram a ter seus campeonatos estaduais como principais competições disputadas pelos clubes (Figura 16), curiosamente, as três primeiras federações estaduais de futebol que surgiram no país. Entretanto, a federação paraense só foi criada em 1969, muitos anos depois do campeonato paraense começar a ser disputado, em 1908 (BOLANAÁREA, 2012).

Figura 17. Surgimento dos campeonatos estaduais até 1929, antes da profissionalização.



Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Planalto. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley F de S.

Até o início da década de 1930 a maior parte dos campeonatos estaduais já havia deflagrado sua história de disputas, como podemos verificar na figura 16.

Dos vinte e três estados brasileiros que existiam naquele momento da história do país, dezoito já tinham campeonatos estaduais. Uma parte importante desses campeonatos surgiu e foram disputadas no período em que o futebol brasileiro ainda era amador. Mesmo assim as federações e os clubes consideraram essas conquistas atribuindo-lhes o mesmo valor do profissional.

Para representar os campeonatos por mapas, os estaduais foram divididos em duas faixas temporais, antes de 1930 e após 1940, resultando em dois mapas. A divisão por décadas buscou simplificar a compreensão histórica de criação dos campeonatos. Dividindo os mapas por décadas foi possível correlacioná-los com o surgimento de cada uma das federações estaduais (figuras 15 e 16).

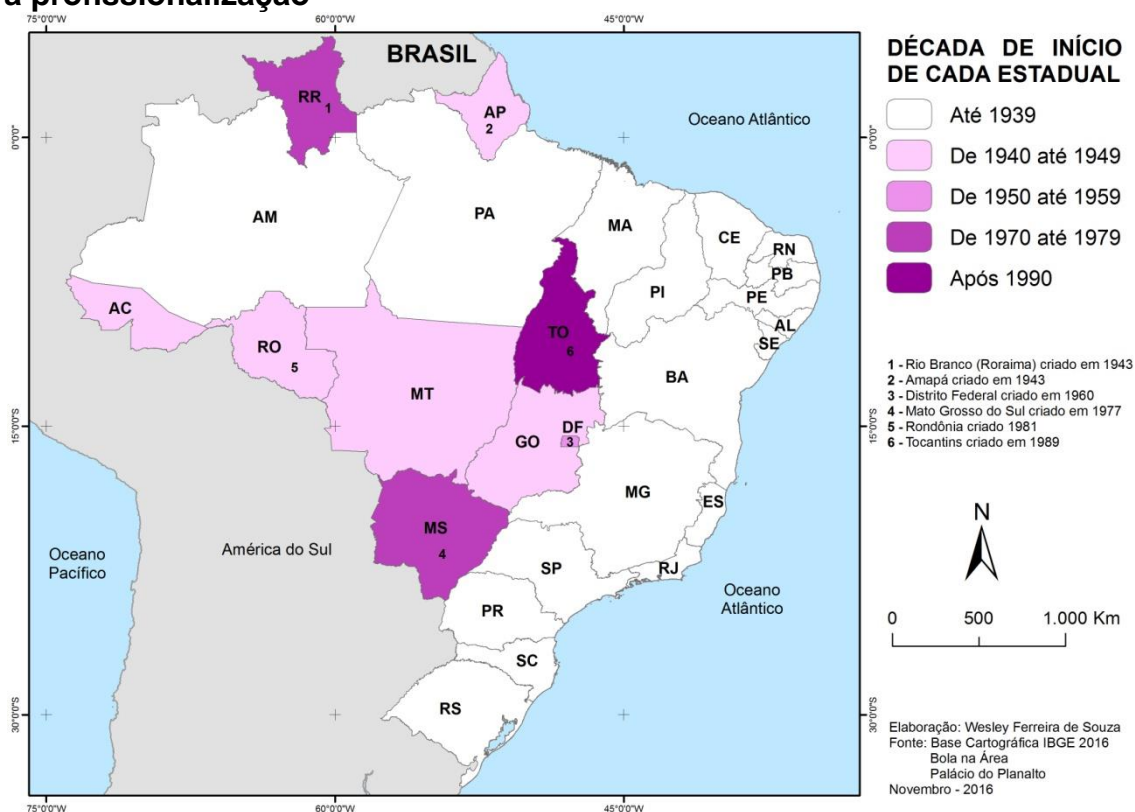
Para determinar as datas de início de cada campeonato estadual, foram utilizados dados disponibilizados pelo site esportivo Bola na Área¹⁶. Este acervo de dados independente é formado por um grupo de pessoas que se dedica a quantificar e detalhar resultados de campeonatos que estejam em disputa ou que já tenham sido disputados no Brasil ou em qualquer país.

Existe um hiato nas décadas de 1930, 1960 e 1980 quando não houve o início de disputa de nenhum campeonato estadual. Foi neste momento, na década de 1930, como já explicado no primeiro capítulo que o futebol brasileiro se profissionalizou (1933).

Depois da década de 1940, os outros campeonatos estaduais começaram a ser disputados. O primeiro deles foi o campeonato mato-grossense que existe desde 1943. Contava ainda com clubes da área do que viria a se transformar em um novo estado, o Mato Grosso do Sul. O clube Operário Futebol Clube de Campo Grande-MS, por exemplo, "vinha de um tricampeonato mato-grossense" e passou a disputar o campeonato sul-mato-grossense a partir de 1979, ano que o estadual do Mato Grosso do Sul começou a ser disputado. (BOLANAÁREA, 2012. KLEIN, 2001).

¹⁶ Verificar em Bola na Área. Disponível em: <http://www.bolanaarea.com/index.htm>.

Figura 18. Surgimento dos campeonatos estaduais de 1940 até 2000, após a profissionalização



Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Planalto. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Dos últimos estados que ainda não realizavam campeonatos antes de 1940, quatro deles ainda não existiam, são eles: Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Tocantins. Todos oriundos do desmembramento de outros estados.

A capital federal deixou de ser o Rio de Janeiro e passou a ser Brasília no final da década de 1950, quando o presidente Juscelino Kubitschek iniciou um plano para descentralizar o país, dessa iniciativa surgiu o Distrito Federal e com ele um novo campeonato, que fora disputado pela primeira vez em 1959 por trabalhadores da construção civil que estavam lá para erguer a nova capital federal (BOLANAÁREA, 2012).

Em 1977, o Mato Grosso foi dividido em duas partes e surgiu o Mato Grosso do Sul; mais tarde, em 1981, um decreto de Lei criou o estado de Rondônia, deste modo, mais dois estados e dois novos campeonatos surgiram. Em 1988, ano da nova constituição, foi criado o ultimo estado brasileiro, o

Tocantins, em uma área que antes pertencia ao Norte de Goiás. O campeonato tocantinense só foi disputado a partir de 1993, três anos após a criação da federação tocantinense de futebol (IBGEESTADOS, 2016. KLEIN, 2001. BOLANAÁREA, 2012).

Durante as décadas de 1960 e 1980 os campeonatos estaduais viveram seus melhores dias; foi neste momento da história do futebol brasileiro que muitos clubes se tornaram tradicionais em âmbito internacional, nacional, regional e estadual.

Um dos maiores símbolos desta tradição construída através dos campeonatos estaduais é a quantidade de clubes que marcaram época e se consagraram em seus estados.

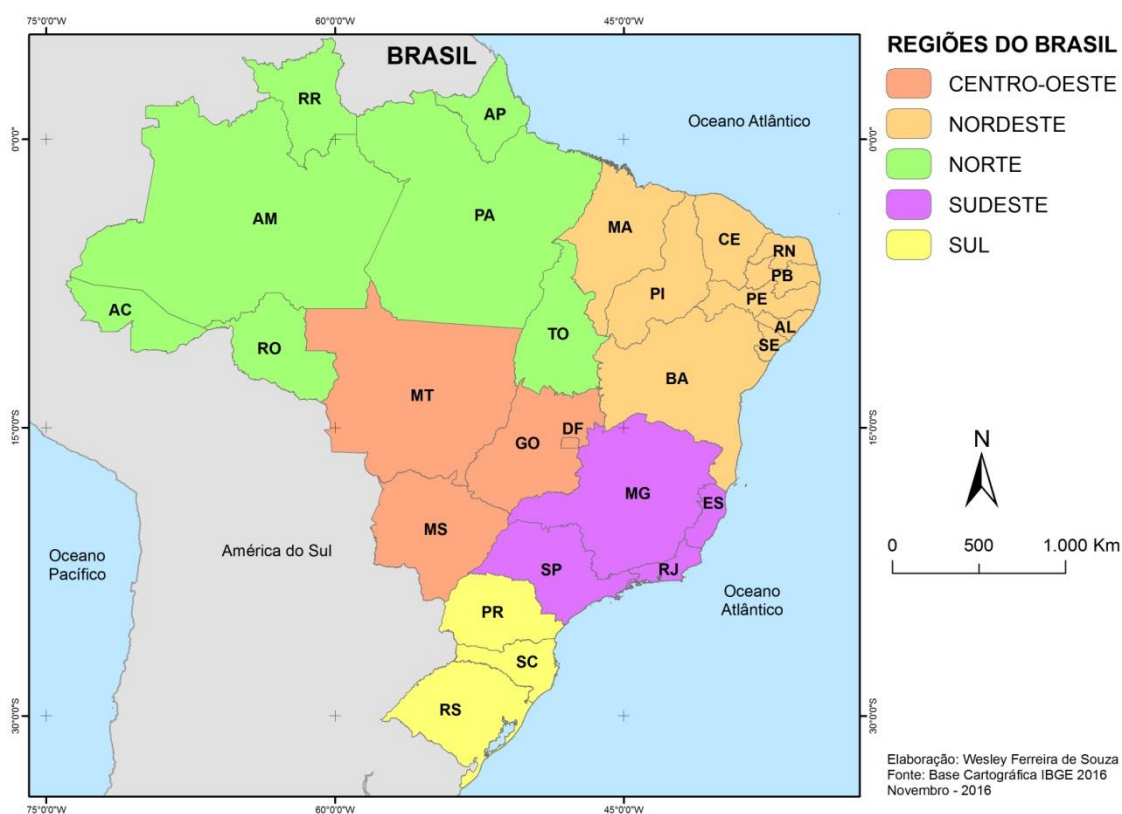
A partir da década de 1990 e principalmente na década de 2000 os campeonatos estaduais passaram a perder espaço no calendário e foram aos poucos perdendo sua importância e valor perante os torcedores. Em 1996 os campeonatos estaduais tiveram trinta datas no calendário dos clubes enquanto o campeonato brasileiro teve vinte e três na sua primeira fase e vinte e nove para os clubes que disputaram a final, eram disputados de janeiro até junho ou julho, dependendo do campeonato estadual. Depois que o campeonato brasileiro passou a ser disputado no sistema de pontos corridos os estaduais tiveram de ser reduzidos, pois o campeonato brasileiro passou a ter trinta e oito rodadas. Mesmo assim os campeonatos estaduais possuem uma quantidade considerável de jogos, entre quinze e vinte, sendo quase sempre disputado entre fevereiro e maio, dependendo mais uma vez do estado.

O mais racional seria adequar os campeonatos estaduais de forma que ele não ocupe espaço maior do que as principais competições do país, utilizando poucas datas do calendário de clubes que disputem competições nacionais que possuem calendário fixo (Brasileiro), e ser mais extenso para clubes do interior dos estados, pois hoje (2016) devido à organização existente, 85% dos clubes profissionais do Brasil ficam inativos após o fim do campeonato estadual (BOMSENSOFC, 2016).

2.2.2 A Geografia dos campeonatos regionais no Brasil

Para o IBGE, que elaborou a divisão regional brasileira, denominado pelo próprio Instituto como Macrorregiões (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste), o critério utilizado foram os fatores econômicos, sociais e políticos. Essa forma de classificar se distânciava do senso comum que por algumas vezes compreende as regiões somente através de diferenças físicas, principalmente climáticas e da vegetação.

Figura 19. Regiões do Brasil (IBGE)



Fonte: IBGE 2016. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Existe ainda nesta mesma classificação do IBGE um conjunto de subdivisões das Macrorregiões e das unidades da Federação.

O termo Região vem do Latim e está relacionado a reger, governar, administrar. Remete ao período do Império Romano em que todas as áreas dominadas deveriam prestar contas ao rei.

Para Correa (1997) as regiões apresentam aglomerações de elementos comuns e que se espalham por um determinado espaço, desta forma, estando sempre em constante mudança ou possibilidade de mudança.

A atual divisão regional brasileira é adotada pelo IBGE desde a década de 1970 (Figura 18). O futebol reflete o quadro das regiões brasileiras, pois o desenvolvimento econômico desigual entre as regiões determina, assim como em outros setores da economia muito sobre o investimento em várias áreas, dentre elas o esporte, influenciando na formação dos clubes e nas condições de vidas das pessoas, profissionais ou amadores envolvidas nos campeonatos (IBGE, 2016).

Também para Correa (1987), as regiões podem variar conforme a vontade do pesquisador, é possível delimitar regiões com as mais variáveis possíveis inclusive o futebol, sem que seja necessário relacioná-la com as regiões determinadas pelo IBGE.

Um dos conceitos de região mais conhecidos e trabalhados no Brasil é o do Geógrafo Pedro Geiger que propôs em 1967 um modelo de divisão regional que tem como base a economia, conhecido como regiões geoeconômicas do Brasil (Amazônia, Centro-Sul e Nordeste). Essa forma de classificar muito se relaciona ao futebol, pois a maior parte dos clubes de grandes torcidas ficam na região centro-sul, que conforme a proposta é a mais desenvolvida.

Para Santos (1978) a região é como uma síntese dos processos históricos, sendo o resultado das relações sociais que ali se desenvolvem. Desta forma, fica evidente que o conceito de região não é uma unanimidade entre os geógrafos, ele possui variáveis diferentes e convergentes a cada ponto de vista.

A composição dos campeonatos regionais de futebol varia de um para outro. Alguns incluíam clubes de outras regiões apenas por convites. Outros eram disputados pelos mesmos clubes desde o momento da sua primeira formação; e campeonatos regionais que levavam em consideração o desempenho dos times em seus campeonatos estaduais.

A história dos campeonatos regionais no Brasil começou na década de 1930, e está relacionada diretamente ao processo de profissionalização dos

atletas. Foi da concentração do futebol brasileiro nos estados que surgiu o primeiro processo de regionalização de um campeonato.

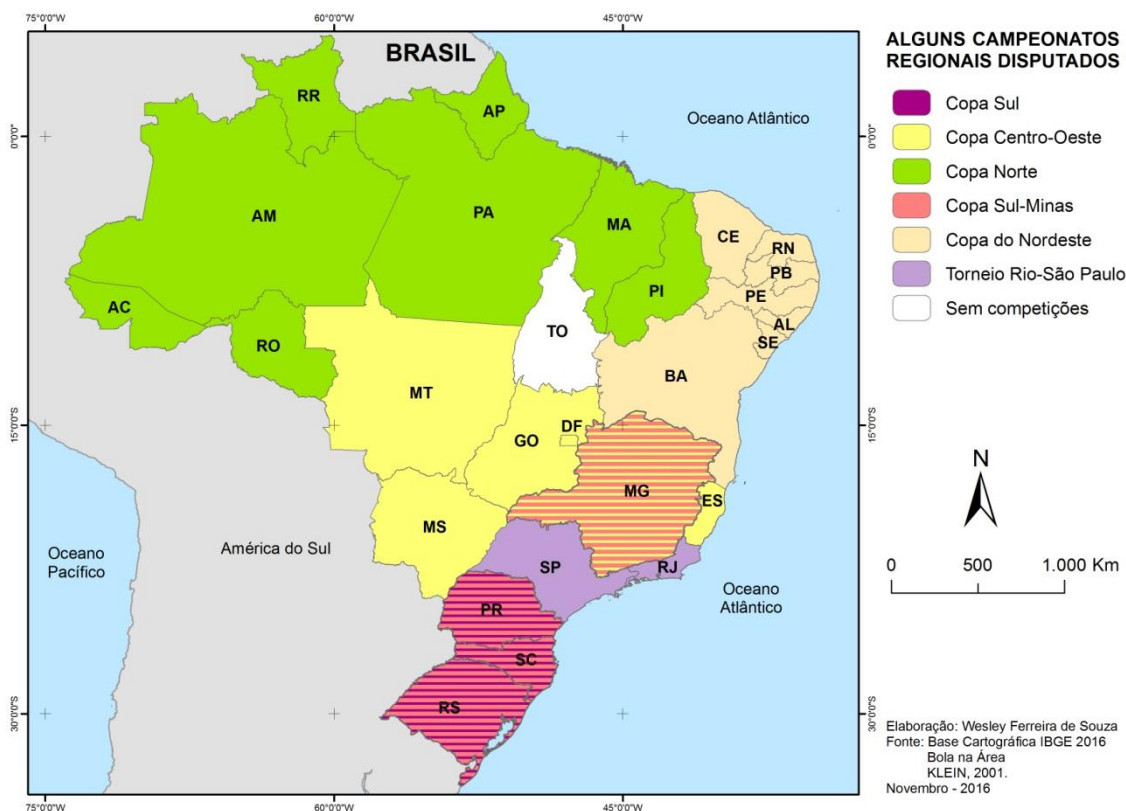
O torneio Rio-São Paulo foi um campeonato regional pensado como parte do processo de profissionalização dos jogadores em 1933, processo que ambas as federações apoiavam e haviam aderido, contrariando a CBD.

Contudo, depois do campeonato brasileiro adotar o sistema de pontos corridos em 2003, o calendário esportivo não permitiu mais a realização deste torneio, uma vez que os interesses econômicos foram alterando a organização dos campeonatos.

A copa norte durou cinco anos e foi disputada seis vezes entre 1997 e 2002, mesmo ano em que alguns campeonatos regionais acabaram ou que houve um hiato nas disputas.

No ano de 1999 foram criados mais dois campeonatos regionais, a copa Sul, disputada por clubes da região Sul do Brasil, e a copa Centro-Oeste, disputada por clubes da região Centro-Oeste mais o estado do Espírito Santo e Minas gerais (Figura 19). Os mineiros, devido ao pouco retorno financeiro decidiram a partir de 2000 participar da copa Sul, transformando-a assim em copa Sul-Minas (BOLANAÁREA/regionais, 2012).

Figura 20. Campeonatos regionais já disputados no Brasil



Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Klein, 2001. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

As competições regionais eram disputadas no início da temporada, principalmente entre janeiro e fevereiro, às vezes se estendia até maio, alternando com a fase inicial dos campeonatos estaduais. Todas essas competições foram encerradas em 2003, ano em que houve uma grande mudança no calendário brasileiro para a adaptação ao campeonato brasileiro de pontos corridos.

A adoção do sistema de pontos corridos nos campeonatos brasileiros de séries A e B, tomando mais tempo da competição, foi o principal motivo para o fim das competições regionais. Embora tivesse interesse de patrocínio para as competições, pois quase todas eram transmitidas por emissoras de televisão e por vezes eram mais atrativas que os próprios estaduais, não continuaram.

Alguns regionais voltaram a ser disputados a partir de 2010, motivado principalmente pela falta de calendário para alguns clubes brasileiros que

depois da adoção dos pontos corridos em 2003 ficaram inativos a maior parte do ano, pois os campeonatos estaduais dos quais muitos clubes faziam parte perderam datas para o novo campeonato brasileiro.

Os regionais foram as soluções encontradas para estas federações e clubes manterem suas atividades por mais tempo ao longo do ano. O primeiro a ser disputado foi copa do nordeste em 2010, ano que serviu como experiência para testar se era viável a sua disputa; contou com a participação de clubes de sete estados da região Nordeste. Em 2011 e 2012 não houve copa do nordeste, em 2013 ela voltou a ser disputada, não mais de forma esporádica.

Os clubes do Maranhão e Piauí só foram incluídos na copa do nordeste no ano de 2015 (Figura 21). Depois de incluídos na copa do nordeste, os clubes do Piauí e do Maranhão reclamaram da cota financeira baixa que receberam pela participação em relação a clubes de outros estados.

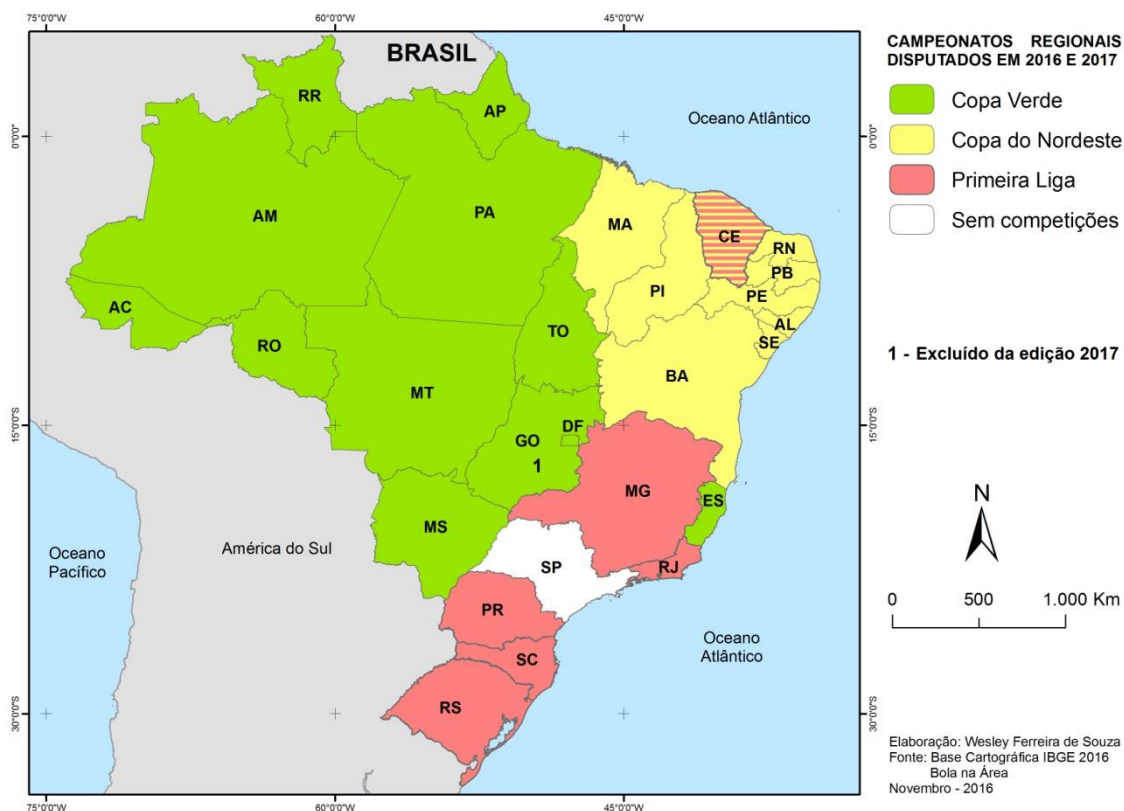
Esse calendário dos campeonatos de futebol brasileiros sempre resultou em desorganização e em vagas em campeonatos que levassem ao campeonato mundial de clubes.

Da mesma forma que fez no fim da década de 1990, buscando valorizar as competições regionais, a CBF decidiu garantir vagas em competições secundárias da CONMEBOL, neste caso, as vagas eram para a copa sul-americana, competição disputada desde o ano de 2002.

O contrato de direito de transmissão passou a ser fechado exclusivamente com alguns canais de televisão, que nem faziam transmissões para a TV brasileira, mas que conseguiram entrar no mercado brasileiro através dos campeonatos regionais e das series C e D do campeonato brasileiro.

Em 2015, desavenças políticas com suas confederações estaduais e CBF, alguns clubes decidiram questionar o calendário e o formato dos campeonatos estaduais, levantando a possibilidade da criação de uma associação que cuidasse dos interesses dos clubes filiados, organizando um campeonato que garantisse retorno técnico e financeiro maior que os campeonatos estaduais.

Figura 21. Campeonatos regionais disputados no Brasil em 2016 e 2017



Fonte: IBGE 2016. Bola na Área, 2012. Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Esse fato criou uma indisposição entre a CBF e os clubes, porém, os clubes eram amparados pela constituição federal e pela legislação esportiva, não cabendo nada a CBF que não fosse aceitar a nova disputa.

A forma como a CBF trata o futebol brasileiro, sem ser democrática e sem garantir aos clubes um calendário organizado que não leva em consideração as questões técnicas das equipes também foram questionamentos feitos pelos clubes para a fundação de uma primeira liga.

A partir de 2016 foi possível verificar que a exclusividade de um canal de televisão na transmissão dos jogos deixou de existir e os campeonatos passaram a ser transmitidos por distintos canais de televisão, expandindo as assinaturas de canais fechados que detinham a exclusividade dessas transmissões.

2.2.3 A Geografia Dos Campeonatos Nacionais: Brasileirão, Copa Do Brasil E Copa Dos Campeões.

As competições nacionais de clubes no Brasil só começaram a mudar no ano de 1959, com a disputa da Taça Brasil, ou seja, sessenta e cinco anos após o futebol "chegar" ao país e vinte e seis anos após a profissionalização dos jogadores (CALDAS, 1991, BOLANAÁREA, 2012. FONSECA, 2014).

Segundo Sarmiento (2006):

"[...] o futebol desenvolvido a partir dos grandes centros urbanos brasileiros encontrou muitas dificuldades para estabelecer um sistema de disputa que ultrapassasse as fronteiras estaduais. Contribuía para esse quadro a reconhecida rivalidade entre os dirigentes paulistas e cariocas, acalentada por décadas, e a postura das direções da CBD, muito mais interessadas em angariar recursos com o modelo do Campeonato Brasileiro de seleções estaduais" (SARMENTO, 2006. p. 107).

Para Fonseca (2014) por mais que se trate de uma competição de caráter nacional, a Taça Brasil na forma que foi organizada e disputada tinha uma tendência centralizadora, o aspecto de competição nacional servia como uma forma de legitimar politicamente o seu caráter de campeonato "exclusivamente regional".

A maior parte das vagas da competição eram preenchidas por clubes paulistas e cariocas e somente eles foram campeões nas edições que se sucederam até 1970, tais vagas eram cativas a esses estados, aos outros estados as vagas eram destinadas aos campeões estaduais e alguns vices (FONSECA, 2014).

Deste modo, nas relações políticas que determinavam a organização dos campeonatos nacionais ainda prevaleciam os interesses de São Paulo e Rio de Janeiro, os dois estados que antes duelavam e rivalizavam pelo domínio no futebol brasileiro, expandia seus domínios para outros estados do Brasil.

Com o novo campeonato brasileiro o predomínio de São Paulo e Rio de Janeiro diminuíram, porém, ainda continuou forte, são os estados que mais conquistaram títulos e os que contam com maior número de representantes na primeira divisão.

As mudanças nas formas de disputas de um ano para outro e as vezes no meio do campeonato somado a falta de critérios para determinar participantes é um dos fatores que mais contribuem para colocar vários desses campeonatos sob suspeita de manipulação direta ou indireta de resultado, bem como também a produção de resultados com origem no tratamento diferenciado dado a clube de federações estaduais privilegiadas.

A ideia dos clubes de se desvincular da CBF e garantir que suas receitas ficassem exclusivamente para eles eram interessante, entretanto, o campeonato organizado pelos clubes apesar de boa ideia já nasceu com um erro de favorecimento cometido pelos seus membros, não foram incluídos times que haviam chegado a semifinal no ano anterior, e foram incluídos clubes de federações não representadas, ou seja, mudavam os organizadores, mas os vícios e a falta de critérios no processo continuam os mesmos.

O clube dos treze desejava qualidade e um campeonato com menos equipes, a CBF desejava manter sua influência, poder político e econômico sobre o futebol brasileiro com um campeonato com mais equipes.

Fica claro que passam os anos, mudam os modelos e formas de disputa, mas os vícios continuam os mesmos. A diferença é a de que anteriormente eles eram mais claros e explícitos; com os pontos corridos ele fica mais difícil de perceber, ou seja, a engenharia para produzir situações e resultados evoluiu (FONSECA, 2014).

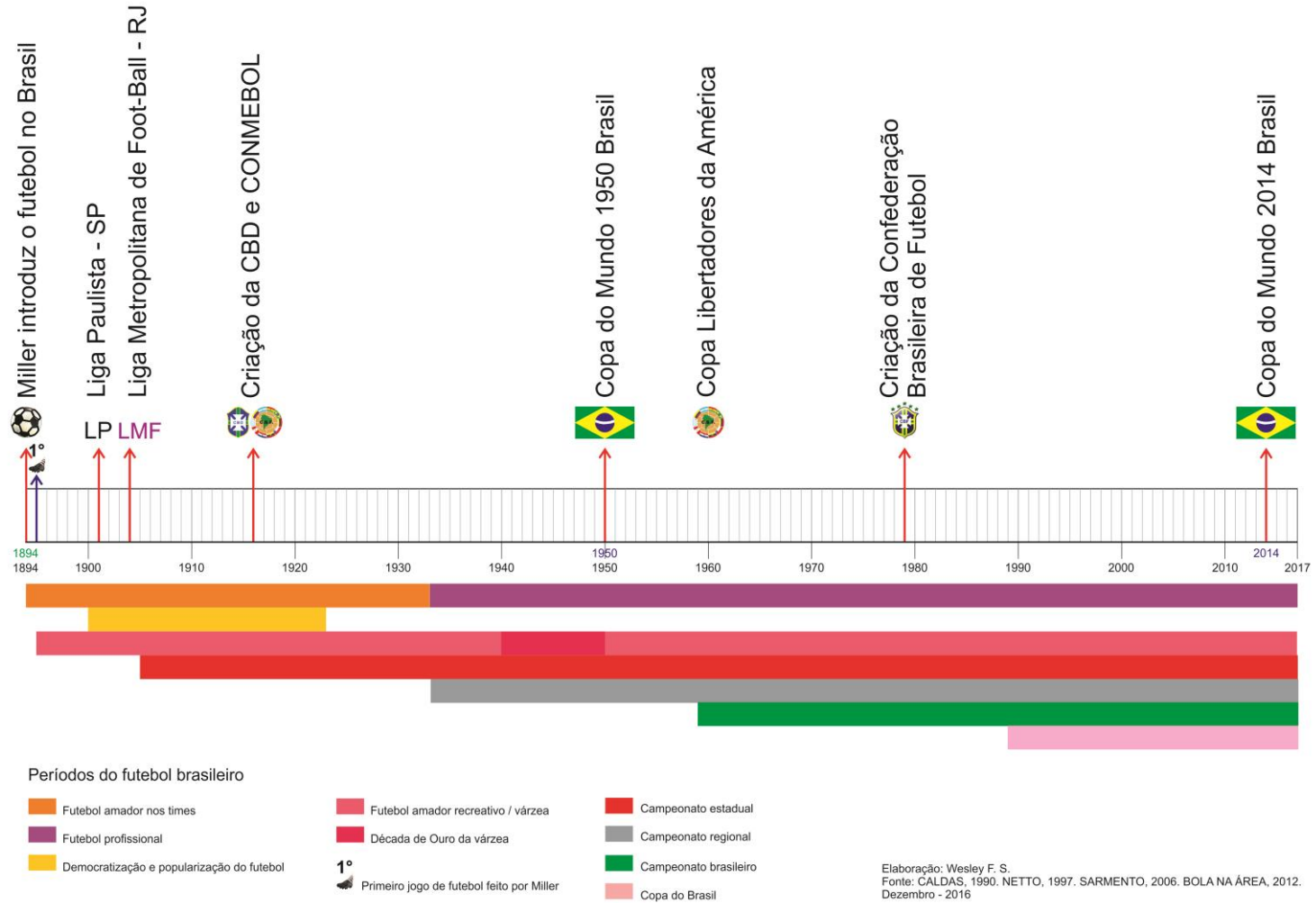
A negociação individual entre os clubes e os direitos de transmissão gerou uma desigualdade ainda maior na arrecadação entre os clubes.

O sistema de disputa da Copa do Brasil (mata-mata) ajudou a fazer com que clubes de menor expressão conseguissem chegar ao título, clubes que quase sempre não figuram na série A do campeonato brasileiro. Com os pontos corridos fica muito difícil para clubes de orçamento inferior chegar nas primeiras colocações. Porém, devido a mudanças ocorridas na Copa do Brasil a partir de 2013, quando os clubes de libertadores começaram a entrar na

competição a partir das oitavas de final, os clubes de menor orçamento passaram a encontrar muita dificuldade para chegar às fases mais agudas da competição (FONSECA, 2014). Sempre as mudanças das regras.

O interesse pela vitória imediata, pelo resultado do campeonato permeia a organização dos campeonatos que coaduna essa forma de pensar com a busca por lucros imediatos e estratosféricos.

Figura 22 - Linha temporal dos campeonatos no Brasil



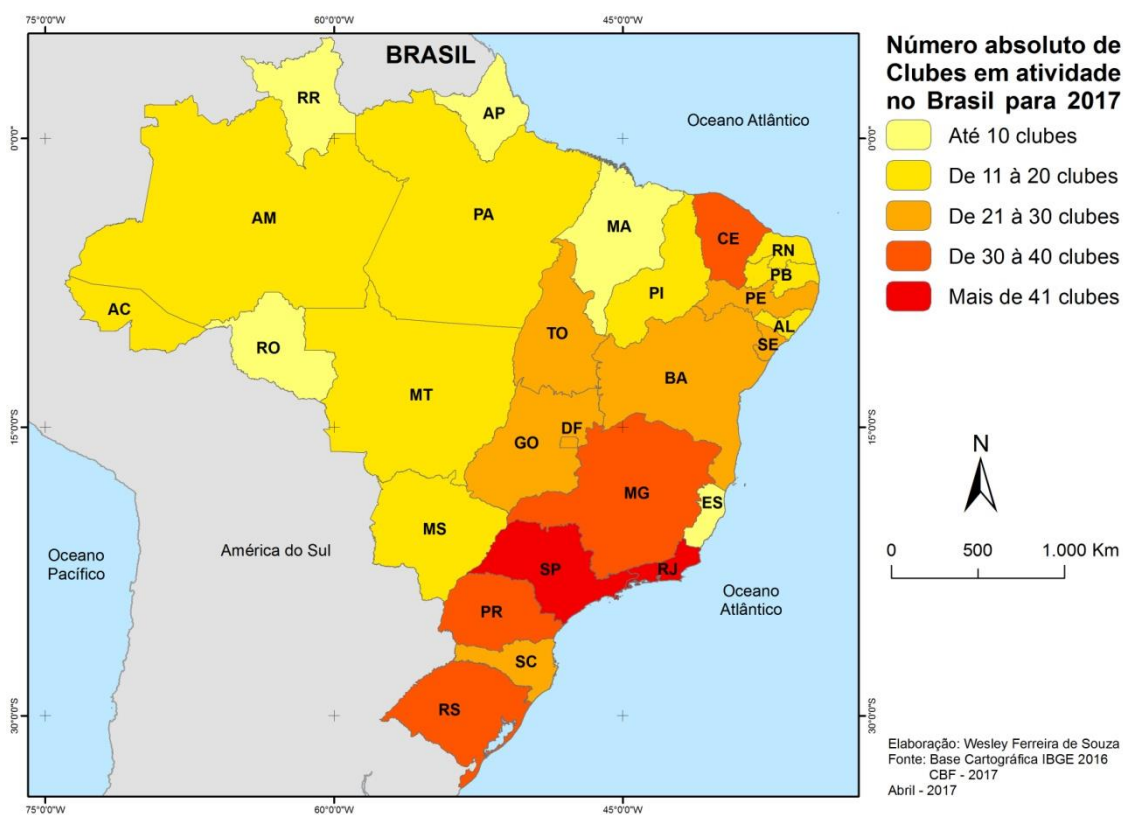
Elaboração: Wesley F. de S. / Fonte: Caldas, 1990. Netto, 1997. Sarmento, 2006. Bola na Área, 2012 / Janeiro - 2017

3. A GEOGRAFIA DOS CLUBES BRASILEIROS

Quase sempre os programas esportivos de rádio e televisão determinam o grau de importância dos clubes por meio do histórico de conquistas e torcidas. É um grupo seleto de clubes intocáveis, mas o futebol brasileiro é muito mais que estes clubes, em número de doze aproximadamente, por isso, neste trabalho optamos por escolher os clubes a partir do principal campeonato nacional.

Alguns sites com páginas esportivas como o Terra apuraram com a CBF e indicaram que existia no Brasil, até o final de 2016 início de 2017, cerca de 662 equipes, dessas, somente 128 possuem calendário de jogos no decorrer do ano. São clubes que estão em alguma divisão do campeonato brasileiro. As outras 534 equipes encerram suas atividades antes do meio do ano, com o fim dos campeonatos estaduais.

Figura 23. Clubes brasileiros com atividades programadas para 2017

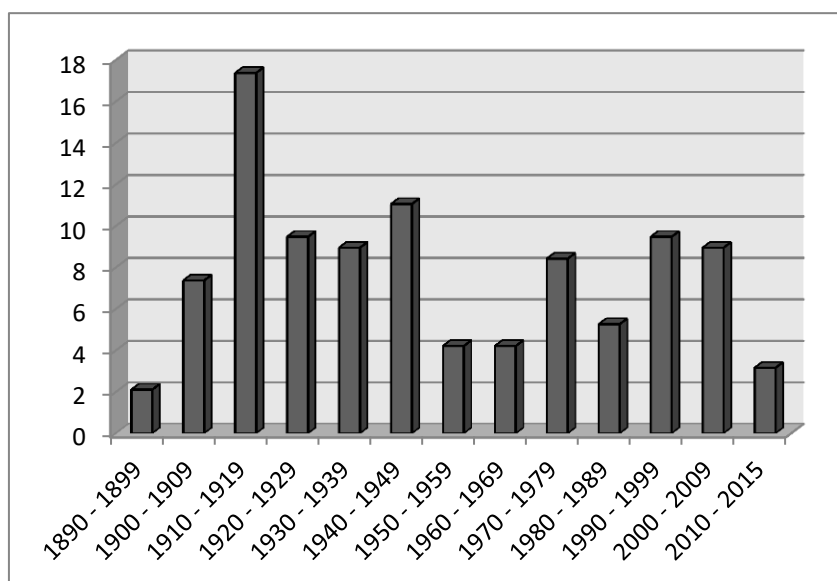


Fonte: IBGE 2016. CBF (Terra) / Abril - 2017. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Com base nesses números e na figura 23, fica evidente mais uma vez que o futebol brasileiro profissional é concentrado nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste e principalmente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde se localizam 87 e 86 clubes, respectivamente.

Tomando como base os clubes com atividades profissionais de futebol, usamos os campeonatos brasileiros da série A, B, C e D de 2012 até 2016 para escolher clubes a serem mapeados e para determinar suas bases territoriais. No final totalizamos 190 clubes que executaram alguma atividade esportiva no âmbito nacional nestes cinco anos. O critério baseado no campeonato brasileiro recente se deve ao fato de que muitos clubes de sucesso no passado deixaram de existir. Encerraram suas atividades posteriormente pelos mais variados motivos (SILVA, 2008).

Gráfico 1 - Percentual de clubes pesquisados por década de acordo com o ano de fundação



Elaboração: Wesley F de S. Fonte: Bola na Área, 2012. Novembro, 2016.

Com base no ano de fundação dos clubes pesquisados, relacionando-o com a cronologia do futebol brasileiro e mais as características históricas do momento do país, temos um quadro de como se desenhou o futebol em todo o território nacional. O ano de fundação das federações estaduais e o ano em

que se iniciou a disputa de cada campeonato estadual também contribuiu para suas análises.

Para a escolha dos clubes, as datas de fundação se referem a criação dos clubes, independente se praticavam ou não o futebol, pois para esses casos a adoção da modalidade futebol só veio depois de ele já ser praticado, utilizando a estrutura mínima que já existia para a prática de outras modalidades.

3.1 A Fundação De Clubes No Decorrer Das Décadas

Os primeiros clubes brasileiros a praticar futebol foram formados ainda na década de 1890 (Figura 24), e a maioria deles eram clubes voltados para outras modalidades esportivas.

A partir de 1894 uma série de fatores fizeram o futebol se espalhar por todo o território nacional, motivados por pessoas que se simpatizavam com esse esporte, alguns deles formados por imigrantes que utilizavam os clubes para manter suas tradições e costumes (LUCENA, 2000).

A desorganização o marcou desde o início. Alguns clubes fundados não apresentavam o futebol entre suas modalidades esportivas, o que obrigava seus sócios que gostavam e praticavam futebol a frequentar outros clubes.

Alguns clubes iniciaram suas atividades com distintas modalidades esportivas do futebol. O Esporte Clube Vitória da Bahia iniciou suas atividades pelo crickety, pouco tempo depois veio o futebol em 1903. O Botafogo de Futebol e Regatas, Club de Regatas Vasco da Gama, e Clube de Regatas do Flamengo eram destinados ao remo, porém, com o futebol tornando-se popular no começo no século XX, não demorou para que ambos aderissem a nova modalidade (SILVA, 2015). Embora tenha havido inicialmente uma tentativa em elitizar o futebol, concentrando sua prática em clubes e escolas particulares.

Figura 24 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1890)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza, 2016.

Na virada do século, o futebol avança ainda mais sobre o território nacional. As políticas nacionais e os investimentos se concentravam na região Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (BERTOLLI, 1999)

Neste período, dos clubes que mantiveram suas atividades e entraram no mapeamento, foram fundados dezessete. Alguns deles surgiram antes mesmo que suas respectivas federações estaduais tivessem sido fundadas. As federações quase sempre surgiram depois do futebol já ter se instalado no local.

A Ponte Preta foi o segundo time destinado ao futebol a ser fundado no Brasil, e na mesma década de sua fundação o futebol avançou primeiramente pela região Sudeste e Sul (Figura 25) principalmente no Rio Grande do Sul (SILVA, 2013).

Figura 25 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1900)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza

Na década de 1910 a maior parte dos clubes pesquisados foram fundados - 17% deles. Isso pode ser explicado por dois aspectos que na verdade estão ligados a um só.

Primeiro fator é o estágio em que se encontrava o futebol brasileiro, que vivia um processo de popularização muito forte, não somente nos grandes centros urbanos, mas também em outras áreas do interior do país. O segundo fator foi o causador do primeiro; o Brasil vivia um estágio de industrialização que fez com que muitos brasileiros saíssem das áreas rurais e fossem para a área urbana. Esse processo de urbanização e êxodo rural fez com que muitas pessoas ao chegarem às áreas urbanas passassem a praticar futebol, o que o tornou popular (JUNIOR, 2006. CALDAS, 1990).

Figura 26. Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1910)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza

Muitos clubes importantes do futebol nacional, campeões brasileiros e clubes de grandes torcidas foram sendo fundados em conjunturas econômicas, esportivas, culturais, políticas, e esses eventos em muitos contextos influenciaram os nomes dos clubes, vejamos. O nome do Sport Club Corinthians foi influência do Corinthian, de Londres, que nessa época excursionou pelo mundo mostrando seu futebol, passando pelo Brasil.

Nesta mesma conjuntura da década de 1910 surgiram os primeiros clubes da região Norte, muito antes inclusive das federações de seus estados, e temos como exemplo, o Nacional Futebol Clube de Manaus-AM. A cidade de Manaus já havia se tornado conhecida, não somente no Brasil, mas também no mundo: havia se tornado conhecida porque fazia parte da rota do ciclo da borracha que era escoada por seus rios e porto (Neto & Nogueira, 2016).

Nesta conjuntura, os rios da bacia amazônica levavam e traziam pessoas que vinham fazer a extração do látex nos seringais no final do século XIX; as principais cidades da região, e continua sendo até hoje, Belém e Manaus demonstravam em suas áreas urbanas os recursos naturais, minerais e culturais que havia na região. Evidências de que uma cidade fora do eixo Rio-São Paulo poderia possuir um time de futebol e as perspectivas não eram pequenas, afinal, Manaus já exercia uma influência econômica sobre a região que seria o bastante para alavancar vários clubes de futebol. Essa projeção não considerava as interferências políticas sofridas pelos clubes de futebol, que leva a falência muitos deles. O que se viu com o passar do tempo foi que o Nacional Futebol Clube - AM não conseguiu emergir na vida regional e nem nacional, mesmo localizando-se na sétima maior cidade do Brasil com mais de 2 milhões de habitantes segundo o IBGE.

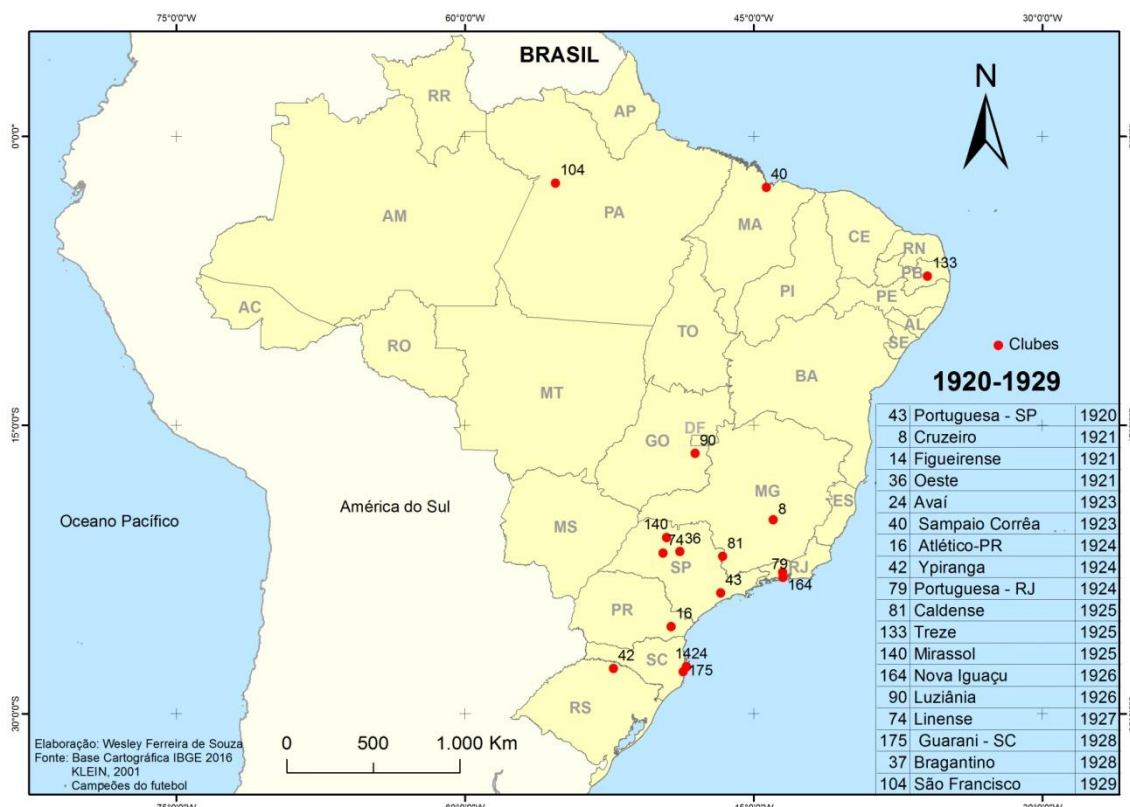
Nem mesmo depois da chegada da Zona Franca de Manaus¹⁷, na década de 1960, fato que tornou Manaus uma das mais importantes cidades do Brasil no âmbito econômico. Esse quadro não favoreceu a criação de clubes, mesmo argumentando-se que poderiam aproveitar das possibilidades de negócios propiciados pelas multinacionais que ali se instalaram. Reconhecemos que, embora a economia brasileira tenha se descentralizado parcialmente do eixo Rio-São Paulo, não foi o que aconteceu com o futebol, pois as empresas multinacionais quando firmam acordos com clubes de futebol brasileiros, preferem times do Rio de Janeiro ou de São Paulo.

Na década de 1920 (Figura 27), o futebol acompanha um quadro de crescimento econômico do país e torna-se mais difundido pelo país.

No que se refere a distribuição pelo território dos clubes pesquisados, a maior parte deles ainda se concentra na região litorânea e predominam principalmente pela região Sudeste, a mais desenvolvida e também a mais populosa. Já era possível perceber que a fundação de alguns clubes pela região Sul e pela região Nordeste, e poucos na região Norte e Centro-Oeste.

¹⁷ Criada por um decreto de lei no ano de 1967, A Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário. (PLANALTO 1967)

Figura 27 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1920)



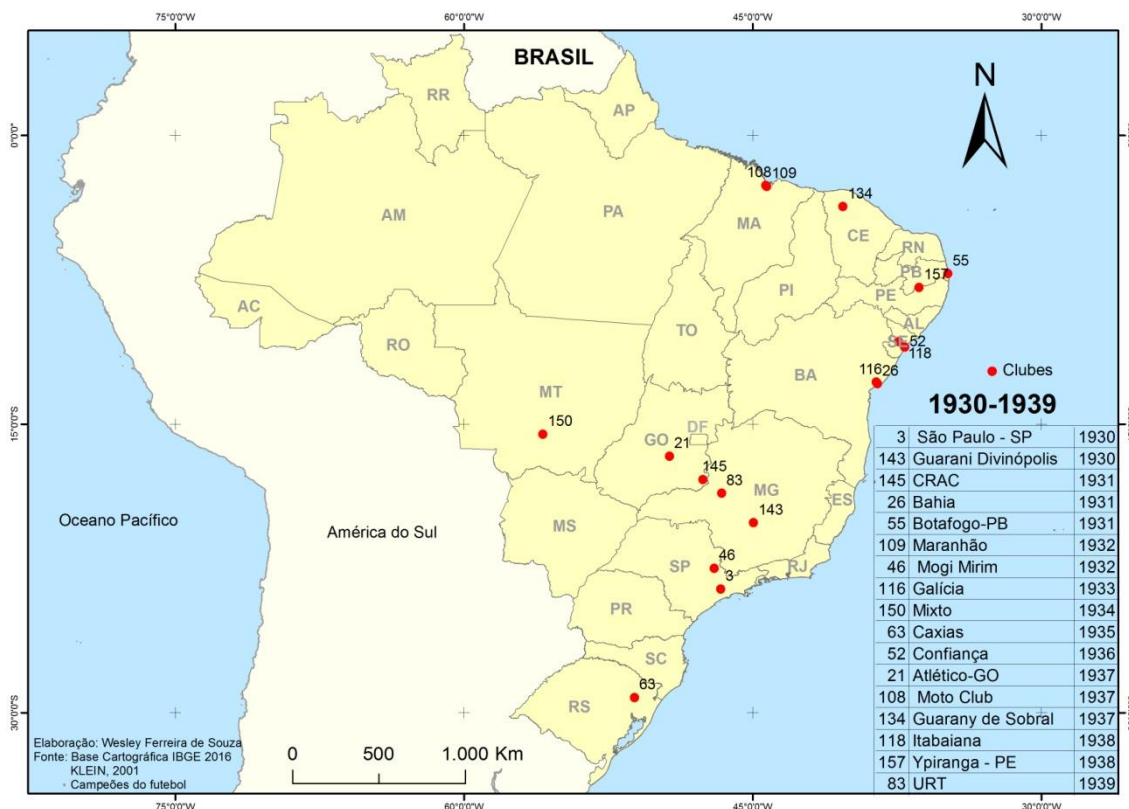
Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Para a década de 1930 (Figura 28), uma nova fase se desenhava no futebol brasileiro. Intensifica-se a profissionalização dos atletas e os clubes fundados a partir de 1933 já teriam ao menos em tese, seus atletas todos registrados.

O Brasil vivia um momento político e econômico de transição; saía de uma economia exclusivamente agrícola, centrada na cafeicultura e adotava um novo modelo econômico centrado na indústria de bens de consumo e na agricultura de exportação – o modelo agroindustrial. Os investimentos governamentais passaram a ser aplicados na infraestrutura que receberia o parque industrial, assim como os investimentos da iniciativa privada seriam investidos nas indústrias propriamente ditas, embora tenha tido também dinheiro público investido. Depois da crise de 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova York, a cafeicultura, única economia do Brasil, também entra em crise. No embalo desse movimento a comercialização do café e seu plantio

são retidos, o principal produto brasileiro exportado para o mundo (FONSECA, 2012).

Figura 28 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1930)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

O governo de Getúlio Vargas incentivava a integração territorial do país, por meio de políticas de ocupação, estimulando um movimento que ficou conhecido como “Marcha para o Oeste”. Neste período a maior parte da região Centro-Oeste tinha uma base agrária. Um dos primeiros clubes a surgir na região foi o Clube Recreativo Atlético de Catalão, CRAC; localizado no Sul de Goiás, foi o primeiro clube do estado, localizado na região por onde passavam as ferrovias construídas para o plano de integração projetado por Vargas (GONÇALVES & SILVA, 2011).

Sobre o futebol goiano, Gonçalves & Silva (2011) explicam que os fatores de penetração do futebol no estado são explicados pelas políticas econômicas do Governo Federal, com sede no Rio de Janeiro, principalmente

entre os anos de 1930 e 1950. Desta política de integração nacional surgiu a cidade de Goiânia, fundada na década de 1930.

A nova capital colocava em lados opostos tradicionalistas (pessoas do local) e pessoas vindas de São Paulo e do Rio de Janeiro. A influência dos novos moradores pode ser observada na fundação dos clubes de futebol de Goiânia: o primeiro deles foi o Atlético Clube Goianiense, fundado em 1937, e como havia muitos cariocas entre os fundadores e muitos deles torciam para o Clube de Regatas do Flamengo, o clube goiano adotou as cores do time carioca – vermelho e preto.

Além disso, o que pode se observar também é que em relação aos clubes pesquisados, houve uma desconcentração sob o estado de São Paulo, um dos mais afetados pela crise do Café, muitos moradores de São Paulo se deslocaram para outros lugares do Brasil, motivados ainda pelo café; outros foram para as cidades do interior paulista.

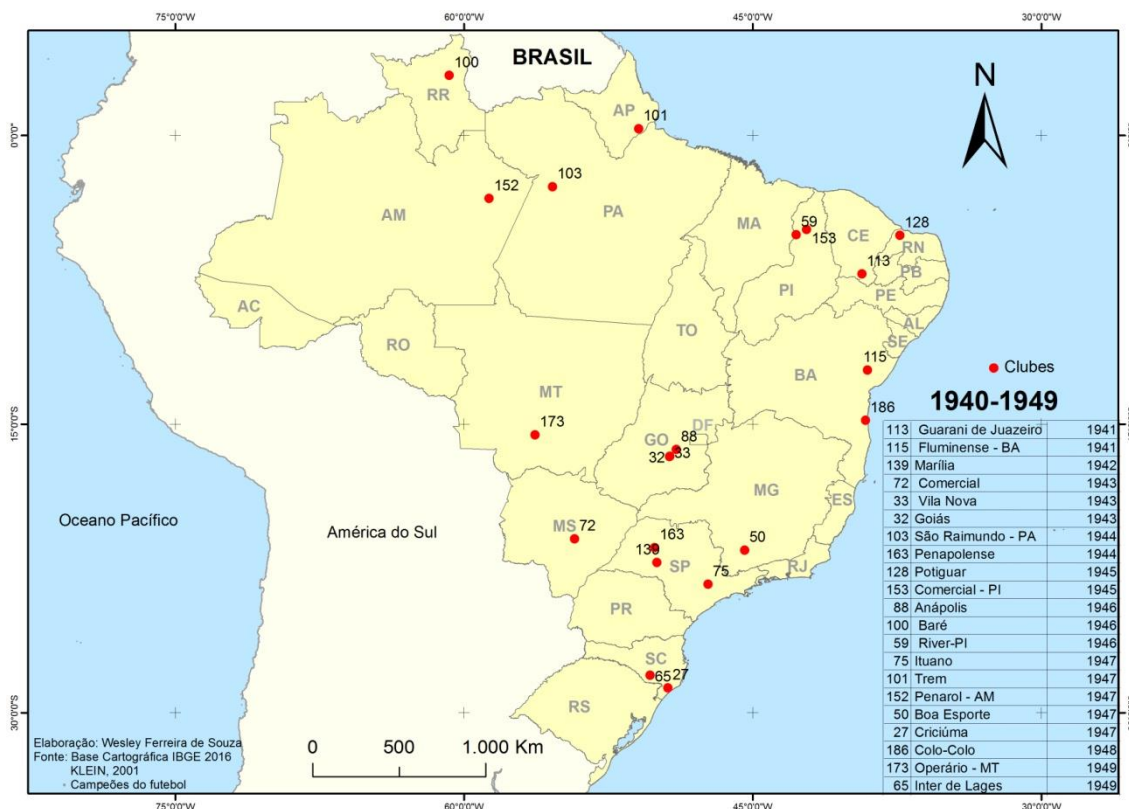
A região Nordeste não apresentou um quadro de formação de clubes, que se manteve, porém, quase sempre concentrados na zona da mata e no restante do litoral, onde concentram-se as grandes cidades nordestinas.

Na década de 1940, o movimento econômico para oeste proposto por Getúlio Vargas começou surtir efeito, e uma tendência interessante começa em relação aos clubes pesquisados. Alguns deles começam a ser fundados na região Norte, e alguns mais são fundados na região Centro-Oeste, com destaque ainda maior para o estado de Goiás, onde ocorre a fundação de dois dos principais times do estado, Goiás Esporte Clube e o Vila Nova Futebol Clube, cada um deles com característica distintas na formação.

Ambos os clubes foram fundados no mesmo ano (Figura 28), para a formação do Goiás a história foi quase à mesma do Atlético Clube Goianiense, mas a influência desta vez foi dos paulistas, a maioria formados por imigrantes italianos que torciam pelo Palestra Itália que já se chamava Sociedade Esportiva Palmeiras na década de 1940. A atuação dos paulistas na formação do clube fez com que o Goiás Esporte Clube adotasse a mesma cor do Palmeiras - verde. Todos esses acontecimentos demonstram ainda mais a força que Rio de Janeiro e São Paulo tinham no futebol nacional, não somente

nos bastidores, mas também na forma como influenciavam na organização do futebol em outras áreas do país.

Figura 29 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1940)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

Para o Vila Nova Futebol Clube a história de formação é diferente dos demais. O clube surgiu da união de moradores de um bairro de Goiânia, que batizaram o time em homenagem ao nome do bairro – Vila Nova. Sendo Goiânia uma nova capital, a leitura toponímica do nome do bairro remete a sensação de algo melhor, uma nova alvorada, um novo momento, um novo alvorecer, algo que demonstrava a identificação do sentimento com o nome. Ao formar o clube, o intuito era o time representar o bairro em competições amadoras (SILVA, 2001. apud GONÇALVES & SILVA, 2011). Essa relação de identificação entre clubes e lugares pode ser explicada pela definição do termo lugar para a Geografia. Segundo Tuan (1979) lugar possui uma “personalidade”, “um espírito” adquirido por meio das relações de quem neles

vive. Deste modo, a identificação de um indivíduo com o lugar onde mora é um adjetivo preponderante para construir a identidade do lugar.

Nos bairros das grandes cidades do Brasil ou nas áreas mais afastadas de um distrito, de uma pequena cidade, o futebol está presente, e além de ser perceptível na paisagem, ele ajuda e contribui para o processo de socialização das pessoas na sua vida em comunidade.

Deste modo, o futebol é um elemento que contribui para perpetuar as relações que culminam na criação desse espírito, que segundo Tuan (1979, p.409) caracteriza o lugar.

Ainda segundo Tuan (1980) a identificação do indivíduo com o lugar é chamado de topofilia, ou seja, a pessoa que possui uma relação de afeto com o lugar em que vive não só gosta do ambiente, como também se sente confortável nele, criando uma relação de zelo e de cuidado com quem compartilha o mesmo ambiente que ela. Para a Geografia interessa a relação existente entre futebol e grupos sociais e não indivíduo, como para a Psicologia. Para a leitura de Tuan (1980) sobre a paisagem chinesa e as relações milenares estabelecidas em seus povoados destaca-se o conceito de Lugar.

Outro exemplo da década de 1940, é o River Atlético Clube do Piauí, neste caso seu surgimento está relacionado ao forte processo de modernização pela qual passou a capital piauiense, mais uma vez fruto de uma política do governo Getúlio Vargas que propunha uma série de mudanças nas áreas urbanas brasileiras, dentre elas a implementação de pólos indústrias.

Essa mudança estrutural urbana, tratada por Vargas como modernização vinha acompanhada de um grande fluxo migratório que partia do interior para a maior parte das capitais nordestinas. Foi o período em que o Brasil passava de uma população predominantemente rural, para uma população urbana (Neto, 2015).

A cidade de Teresina possuía dois clubes (Esporte Clube Flamengo-PI e Botafogo Esporte Clube-PI) que concentravam não somente as torcidas, mas também os grupos oligárquicos que ali viviam. Foi através desta rivalidade que um grupo de estudantes decidiu criar um novo clube que não tivesse relação com os grupos com os quais os outros dois clubes mais velhos e importantes

naquele período tinham: foi assim que surgiu o River A.C. . Homenagem ao clube argentino, de Buenos Aires. Depois o clube construiu uma história de sucesso no âmbito estadual, e de pouquíssimos momentos de sucesso em âmbito nacional. Este é um fenômeno que se observa também no futebol brasileiro: poucos clubes que surgiram após a década de 1930 conseguiram se tornar conhecidos ou conquistar títulos expressivos.

Na década de 1950, o número de clubes fundados diminuiu; uma parte considerável dos já fundados possuía tradição, estrutura e uma base que os consolidava. O Brasil investiu seu crescimento nas cidades, onde os clubes tradicionais já existiam. O movimento populacional deslocava-se da área rural para a urbana, o que provocou a queda na fundação de novos clubes, mas que não deixou de existir (Figura 30). Alguma frente de colonização poderia oferecer essa oportunidade.

Um dos clubes que surgiram na década de 1950 foi o Londrina Esporte Clube, localizado no norte do Paraná (PR). A região onde o clube foi fundado passou por um processo de colonização recente, que se iniciou na década de 1930 e teve seu auge, na cidade de Londrina, na década de 1950. A princípio a companhia que colonizou a área foi a companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) e tinha a intenção de plantar algodão, porém, o algodão entrou em crise na Europa, então os membros da companhia inglesa decidiram pela colonização da área com cafeicultura (CMNP, 1975).

Figura 30 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1950)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

O café era a plantação comum na região, tornou-se símbolo do clube, assim como aparece também no escudo do clube, no apelido do estádio e nos símbolos da cidade (bandeira, nome do cinema municipal - Ouro Verde, assim como outros). A sua origem está ligada a um grupo de amigos que avaliavam o potencial da cidade em ter um clube de futebol, que disputasse com clubes de destaque localizados nos grandes centros urbanos (Rio de Janeiro e São Paulo). De fato o time se projetou e virou um dos maiores clubes do Paraná e o mais importante do interior paranaense (LEC, 2015).

A distribuição dos clubes fundados em 1950 buscou desconcentrar a região sudeste. A situação do país era marcada por uma tendência progressista como poucas vezes se tinha visto. A industrialização era umas das marcas do segundo governo de Getúlio Vargas, e do governo de Juscelino Kubitschek. Todo esse processo foi fortemente ligado ao estado que investia muito em infraestrutura e contava com o apoio do capital privado nacional. Com a morte de Getúlio Vargas e o novo governo de Café Filho e posteriormente de

Juscelino Kubitschec. Algumas medidas foram tomadas no sentido de incentivar a entrada de capital estrangeiro, iniciava se assim um estágio de "internacionalização da economia brasileira" (CAPUTO & MELO, 2008). Para o futebol era uma oportunidade de angariar recursos com patrocínios.

Figura 31 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1960)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza, 2017.

Durante os anos da década de 1960, o Brasil viveu dois momentos políticos: o primeiro marcado pelo governo de João Goulart e pela intensa atividade de setores progressistas da sociedade. O segundo momento foi marcado pelo governo militar no pós-golpe de 1964 (TOLEDO, 2004). Como vimos anteriormente o governo militar e a administração do futebol brasileiro mantiveram relações mesmo que indiretas no sentido de usar o futebol como propaganda do regime (SARMENTO, 2006).

Entre os clubes pesquisados e que foram criados neste período o destaque fica por parte dos fundados no extremo norte do país, no estado de Roraima (RR), que a partir da década de 1950 tem recebido uma migração

intensa, que tem feito o número de habitantes do estado crescer de forma considerável (SOUZA, 2009).

Na década de 1970, dos clubes pesquisados, nota-se um contingente importante deles sendo criados na nova capital federal, Brasília (Figura 32), motivados principalmente pelo desafio de fundar clubes que representasse a cidade no campeonato brasiliense fundou-se o Gama (SILVA, 2016).

Apesar da capital ter uma das maiores rendas do país, e possuir a terceira maior população do Brasil (2016), os clubes da capital federal não conseguem se consolidar nem mesmo no âmbito regional, esse processo que atrela economia urbana ao futebol é uma característica do futebol atual, entretanto não significa dizer que em uma metrópole nacional um grande clube surgirá e vá se consolidar, os clubes de grande torcida foram em regras gerais aqueles que surgiram primeiro e se concentram em áreas urbanas desenvolvidas (MARCARENHAS, 2014)

Para Brasília também vale o fato de que de que quando foi fundada, muitos dos funcionários e operários que vieram para a nova capital já possuíam times para os quais torciam, dificultando o surgimento e a consolidação de novos clubes. Quando clubes cariocas vão disputar partidas em Brasília quase sempre o estádio está cheio, grandes públicos e rendas.

Figura 32 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1970)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza. 2017.

No contexto político e econômico, o Brasil ainda vivia sob o regime militar e a economia vivia dias complicados. A década ficou conhecida como “milagre brasileiro”, pois buscava-se superar seus problemas com o subdesenvolvimento econômico. O governo federal financiava, por meio do BNDES, várias empresas que quisessem investir e se instalar no Brasil, porém, no fim da década a economia desacelerou motivado pela crise mundial do petróleo e enfraqueceu o governo.

A década de 1980 foi marcada no Brasil pelo processo de redemocratização, em 1985 e pelo regimento de uma nova constituição, em 1988. A liberdade individual foi restaurada e foi garantida a livre manifestação dos movimentos sociais. Foram conquistas importantes, tendo em visto que durante o governo militar muitos desses direitos foram suprimidos.

Não podemos deixar de reconhecer o papel do futebol neste processo. As "diretas já" foi um movimento importante para a sociedade brasileira, reivindicava-se o voto direto para presidente da república. Alguns jogadores

apoiaram publicamente este movimento de contribuição para restabelecimento da democracia no país, dentre eles podemos citar o nome do jogador de futebol Sócrates Brasileiro. O jogador contribuiu para criar um movimento dentro do Sport Club Corinthians, time pelo qual atuava, denominado "Democracia Corinthiana", no qual ele, todos os jogadores e a equipe técnica não somente entravam no campo, mas também atuavam nas decisões do clube; a movimentação política do início dos anos 1980, marcada pela abertura política e por um movimento de transição política, segura e democrática, motivou esse movimento (MARTINS & REIS, 2014).

Na questão econômica a situação do Brasil não era favorável, os anos 1980 foi marcado por uma estagnação econômica, o PIB e a *renda per capita* praticamente se mantinham da mesma forma ao longo dos anos. A desvalorização da moeda também foi um fato que marcou a economia da época, os investimentos caíam em relação a décadas anteriores, deste modo, alguns escritores consideram a década de 1980 como a década perdida (OMETTO & FURTUOSO & SILVA, 1995).

No que se refere ao futebol, a década de 1980 foi um marco, principalmente pela derrota da seleção brasileira na copa de 1982, disputada na Espanha. Dentre os clubes pesquisados, nota-se que a década de 1980 foi a que apresentou um dos menores números de clubes fundados, somente dez, destacando-se principalmente na região metropolitana de São Paulo (Figura 33).

Figura 33 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1980)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza.

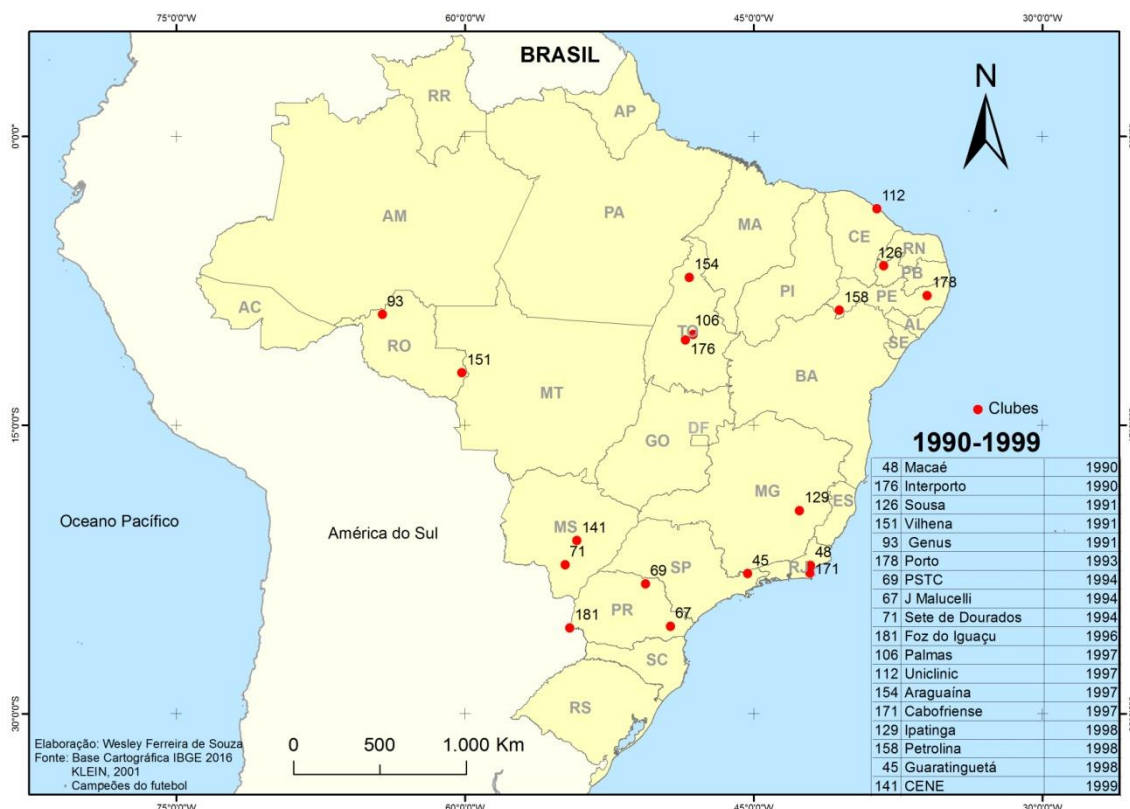
O Paraná Clube foi fundado na década de 1980, sendo o resultado da fusão de dois clubes importantes de Curitiba Esporte Clube Pinheiros e o Colorado Esporte Clube. Desta fusão surge um clube que domina o futebol paranaense na década de 1990. O Paraná chegou a figurar entre os principais times do país, entretanto, depois de viver o momento mais importante de sua história e disputar a copa libertadores em 2007, desceu para a segunda divisão do futebol brasileiro no mesmo ano, e lá permanece até hoje (2017) (SILVA, 2012).

Nos anos da década de 1990 o país e o futebol passam por mudanças muito significativas, desencadeadas por políticas internacionais implementadas em diversos países do mundo. Na economia brasileira essas mudanças econômicas chegaram com o Plano Real, em 1994, e um controle maior da inflação por parte do banco central (Figura 34).

Outra mudança significativa e está ligada a economia, a política e ao futebol, trata-se a aprovação da lei 9.615, de 1998, conhecida como Lei Pele. A

aprovação dessa Lei amparou, também pela CLT (leis trabalhistas), os jogadores e futebol. Ainda nesta década surge a figura do empresário de jogador; antes os clubes é que gerenciavam as carreiras dos atletas.

Figura 34 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (1990)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza, 2017.

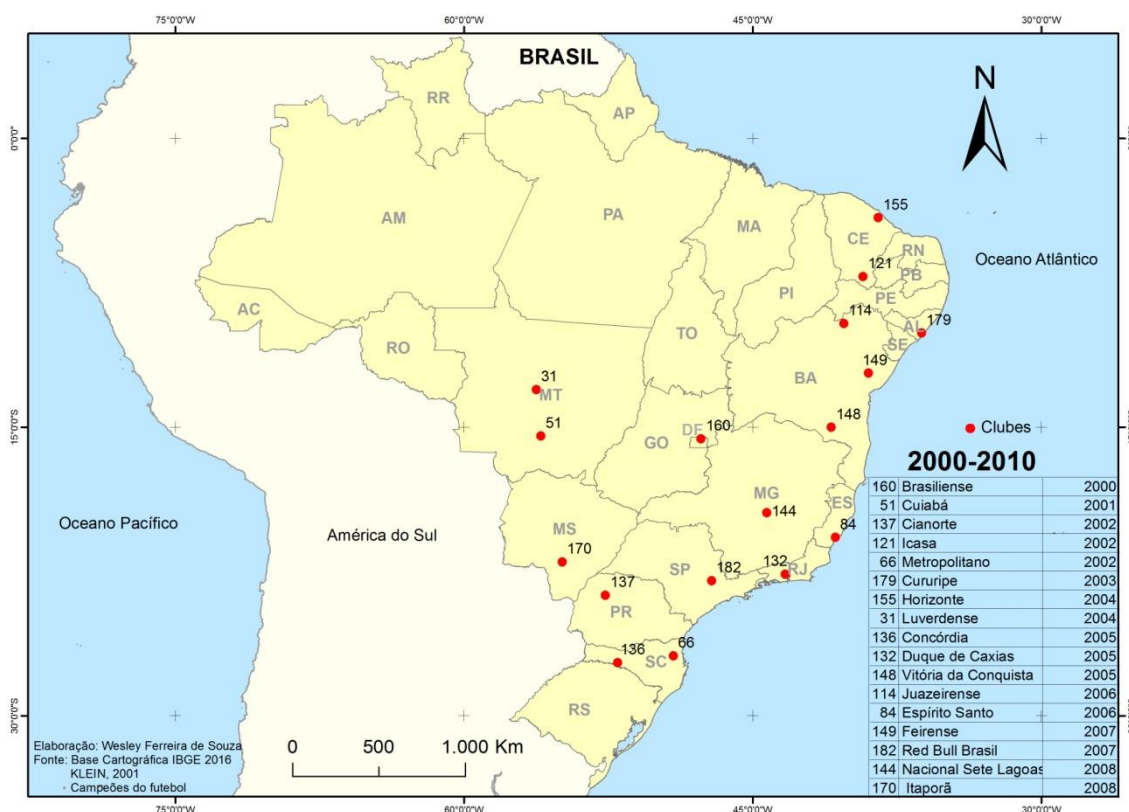
Com os empresários em atividade, os clubes tiveram de se profissionalizar e acompanhar as mudanças exigidas pela nova relação que surgia: empresário, jogadores e dirigentes, que nem sempre estão preparados para lidar com a situação que se impõe. O futebol tornou-se rentável também para investidores que passaram a garimpar talentos pelo país. É uma oportunidade a mais para os que sonham em jogar bola; e um problema a mais para os clubes que precisam proteger seus jovens jogadores da influência que os empresários exercem (NEQUESAURT, 2007)

Em relação aos clubes pesquisados, nota-se uma retomada ao grande número de clubes fundados e de forma mais espalhada no território brasileiro, com destaque para clubes criados sob a vigência da Lei Pelé, consolidando a

figura do empresário na vida dos jogadores e na formação de novos clubes. Outro ponto a ser observado é o número de clubes fundados no Tocantins, acompanhando o processo de colonização do novo estado criado em 1989 através da constituição de 1988.

A década de 2000 foi para o Brasil uma fase de transformações significativas. A primeira metade da década foi marcada por baixo crescimento econômico e poucos investimentos, entretanto, na segunda metade observou-se um crescimento econômico, marcado pelo aumento do número de consumidores e também no número de exportação (VERSIANI, 2011), principalmente de *commodities* agrícolas e indústria de base (JESUS & ARAUJO & GUSMÃO, 2011). No futebol, a mesma tendência dos anos 1990, começar a acompanhar o contexto do futebol mundial, aprofundando seu caráter empresarial (LEONCINE & SILVA, 2005). Os clubes de futebol ficaram entre os jogadores, empresários e dirigentes.

Figura 35 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (2000)



Fonte: IBGE 2016. Campeões do futebol, 2015. / Novembro, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza. 2017.

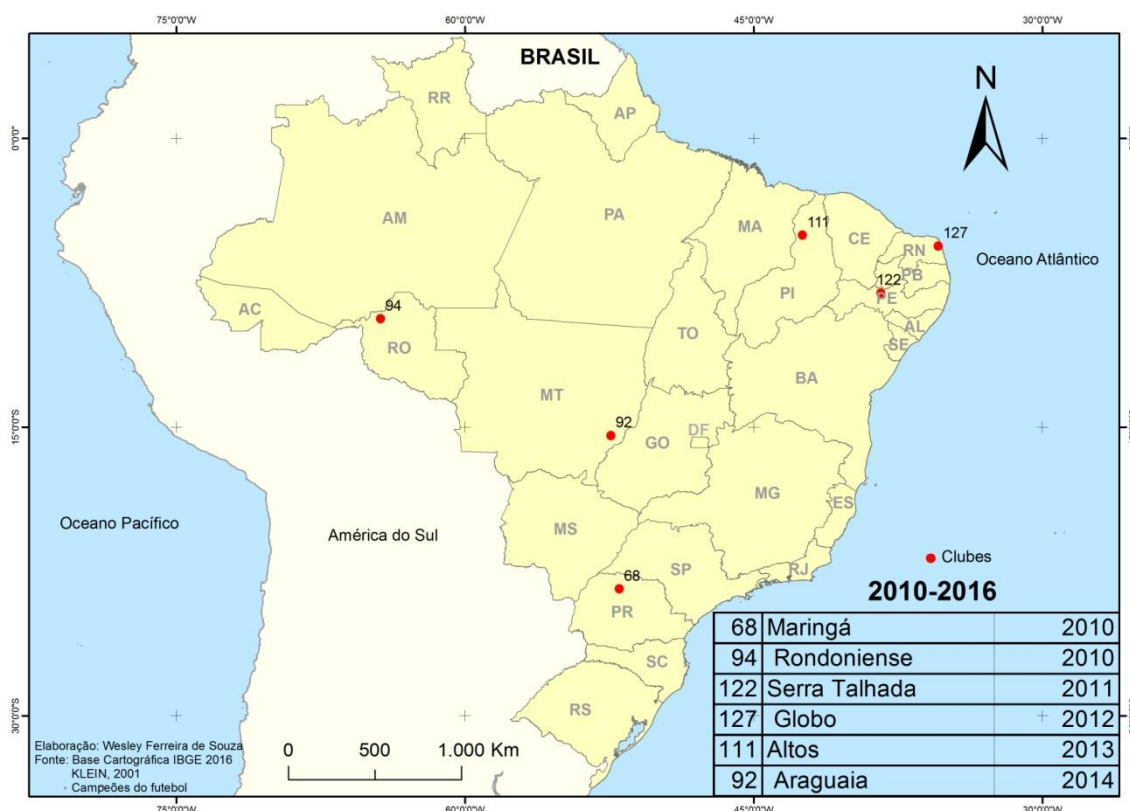
O número de clubes criados manteve-se na mesma crescente da década anterior, também de forma mais espalhada por todo o território. Alguns com ligações com políticos importantes, outros com ligação com empresários e outros ligados diretamente a empresas, carregando o patrocínio da empresa ou tendo o mesmo nome que a empresa. Muitos clubes fundados neste período foram criados por empresários; para atender interesses de empresários que buscavam no futebol uma nova fonte de renda; era mais uma oportunidade para os jogadores.

Existe ainda nesta relação de clubes e empresários, o uso do clube como mecanismo de lavagem de dinheiro e sonegação de impostos. Muitos meninos são descobertos por esses clubes e gerenciados por empresários até chegar a um clube que dispute campeonatos de divisões superiores e que pague salários maiores, aumentando as possibilidades daqueles que querem seguir uma carreira profissional.

Sobre os clubes, eles passam a maior parte do ano desativados e quase sempre estão sujeitos a fechar as portas, pois disputam como principal torneio o campeonato estadual, que dura em média 3 a 4 meses. É um sistema de organização do futebol brasileiro que dificulta a sobrevivência do futebol por todo o território, usufruindo do futebol para fins meramente lucrativos (LEONCINE & SILVA, 2005).

A década de 2010 começa para o Brasil em um contexto econômico preocupante em relação a economia global. Entretanto, no primeiro ano o crescimento econômico foi de 7,5%; em 2013 a economia brasileira entra em queda, alavancando a inflação e diminuindo o crescimento até virar uma recessão em 2015 (CURY & CAOLI, 2016).

Figura 36 - Localização e década de fundação dos clubes pesquisados (2010)



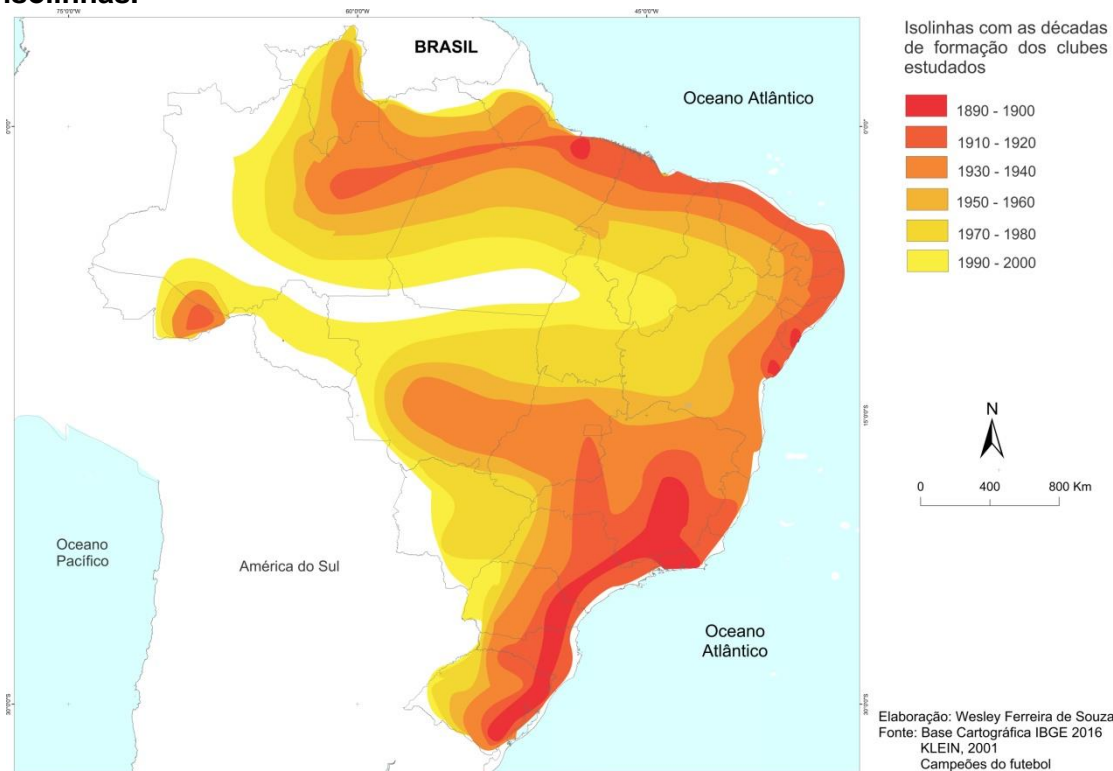
Fonte: IBGE 2016. KLEIN, 2001. Campeões do futebol, 2015. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza. Novembro, 2016.

Em relação aos clubes fundados na década de 2010 os dados para completar a década precisam ainda de três anos para serem completados, entretanto, o que se percebe é uma queda no percentual de clubes fundados em relação as duas décadas anteriores (Figura 36), motivadas principalmente pelo momento econômico complicado que o país passou a viver a partir de 2013.

Dentre os clubes criados e que constam na pesquisa, a maior parte deles foi fundado na região Nordeste (Figura 36); na região Sudeste nenhum clube foi fundado. Sendo a relação clube e empresários mantida, há de se destacar também que muitos desses clubes receberam o apoio do poder público, as vezes direto, com dinheiro, as vezes indireto, com auxílio em moradia e estádio.

A população costuma apoiar os clubes recém criados, mesmo que muitas vezes o interesse do torcedor não prevaleça nas relações dentro dos clubes, voltados para os lucros acima de tudo.

Figura 37 –Mapa com as décadas de fundação dos clubes pesquisados com isolinhas.



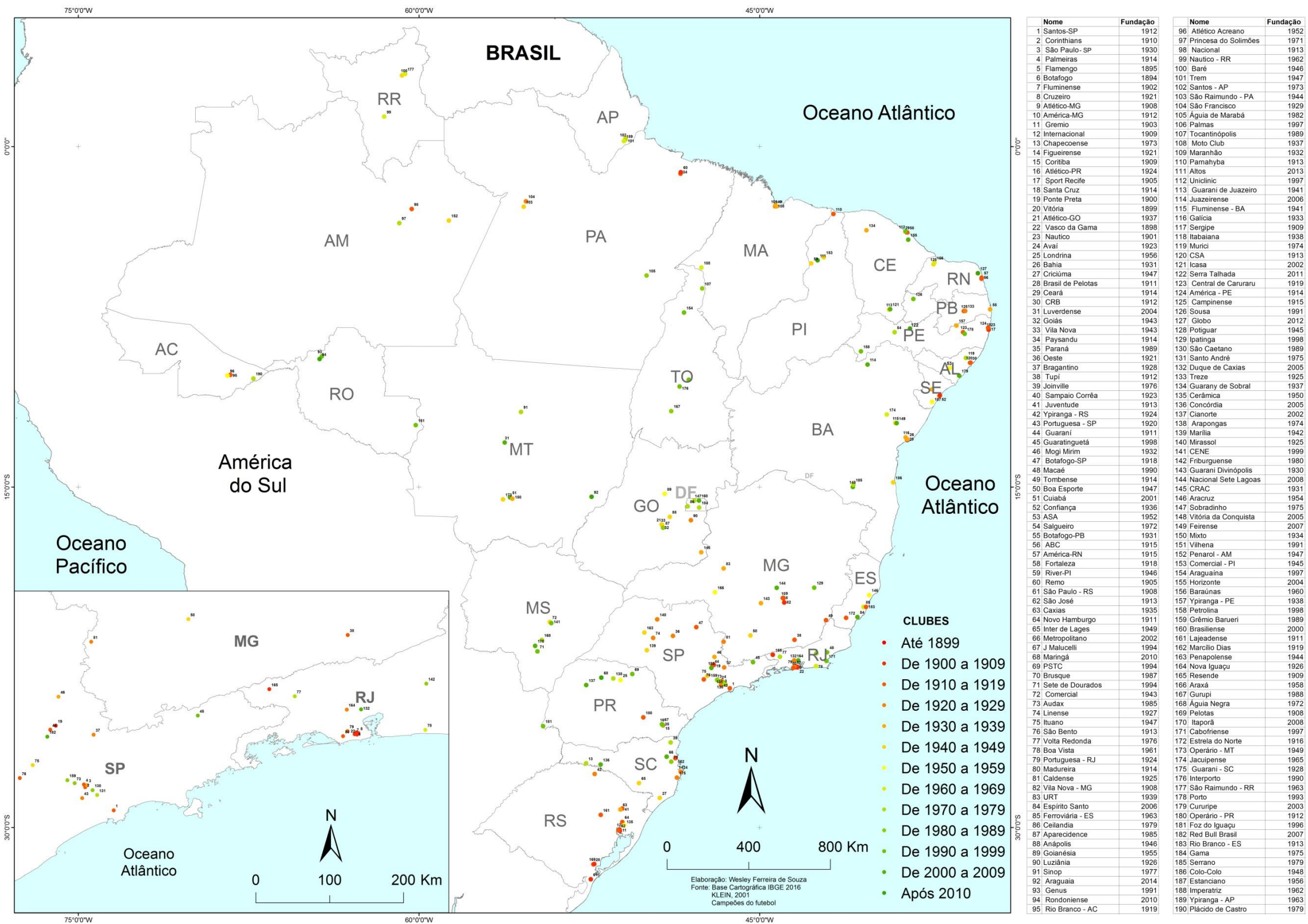
Fonte: IBGE 2016. KLEIN, 2001. Campeões do futebol, 2015. / Abril, 2016. Elaboração: Wesley Ferreira de Souza. 2017.

Com base na figura 36, podemos verificar como o futebol adentrou pelo Brasil, quase sempre estando relacionado com as regiões e áreas de maior desenvolvimento econômico.

Essa descentralização, partindo dos grandes centros em direção ao interior acompanhou o movimento iniciado por Getúlio Vargas na década de 1930 e torna-se mais intenso no governo de Juscelino Kubitschek em meados da década de 1950.

Embora muitos clubes tenham surgido neste período ou após, poucos deles conseguiram se manter jogando futebol, conquistando campeonatos e torcedores.

Figura 38 - Localização geral dos clubes brasileiros que tenham participado das séries A, B, C e D entre 2012 e 2016 de acordo com o ano de fundação



Elaboração: Wesley F de S. / Fonte: IBGE 2016. KLEIN, 2001. Campeões do futebol/ Novembro, 2016

3.2A RELAÇÃO DOS CLUBES COM SEUS PATROCINADORES

A relação entre clubes de futebol e patrocinadores é uma das mais importantes fontes de renda para os clubes e também propaganda para empresas. Entretanto, é também um negócio (LEONCINE & SILVA, 2004). E no Brasil esse potencial de negócio ainda é pouco explorado se comparado com o contexto mundial (ROCCO & GIGLIO & MAZZEI, 2013).

De acordo com Almeida e Reis (2006), os patrocínios no futebol são "ferramenta inovadora, que contribui favoravelmente com os esforços promocionais de relacionamento das organizações com seus públicos". Nesta relação o torcedor, o simpatizante do time, enxerga o patrocinador como um aliado, da mesma forma o consumidor fiel de um produto que vê sua marca predileta na camisa de um clube.

Essa relação visual maximizada pela televisão e internet é vista pelas empresas como uma oportunidade de expansão de sua marca, pode ser direcionada a clubes, atletas e campeonatos, entretanto o que se percebe é uma tendência a se buscar parceiros com nomes e histórias já consagradas. Algumas empresas buscam esses acordos para ver seus nomes expostos na mídia, pois algumas delas não possuem o montante de dinheiro necessário para comprar o espaço nessas mídias (ALMEIDA & REIS, 2006).

A partir do momento que uma empresa e um clube fecham contratos, ambos passam a ser indiretamente responsáveis um pelo outro. Outro ponto de destaque é o comportamento dos torcedores, em 2013 depois de ver seu time rebaixado, a torcida do Clube de Regatas Vasco da Gama entrou em conflito com a torcida do Clube Atlético Paranaense e um dos desdobramentos do ocorrido foi a perda do patrocínio principal por parte do clube carioca. A Nissan, patrocinadora do time na época alegou que a conduta dos torcedores foi "incompatível com os valores e princípios sustentados e defendidos pela empresa em todo mundo", e rompeu o contrato; o clube perdeu uma de suas maiores fontes de renda (IG, 2013).

Nesta relação com os clubes, os patrocinadores adotam estratégias diferentes no diálogo com os dirigentes. Uma das primeiras medidas é discutir

o grau de exposição que este clube terá, isso está relacionado a quantidade de torcedores (LEONCINE & SILVA, 2004) e número de jogos transmitidos, além de levar em consideração os campeonatos que este clube irá disputar.

Sobre os campeonatos surge o fator territorial que disputam; um clube do interior de Roraima não vai receber a mesma quantidade do patrocinador que um clube do interior de São Paulo, mesmo que ambos disputem somente o campeonato estadual.

Desta forma, a economia de cada região influencia no valor dos clubes e conseqüentemente no valor dos campeonatos, os clubes com maior torcida atraem mais patrocinadores e aumentam a possibilidade de melhor desempenho que por sua vez ajuda na conquista de novos torcedores, aumentando a distância financeira entre um clube e outro.

Para os clubes brasileiros a busca por patrocínios tem sido difícil, principalmente patrocinador máster, que ocupa o centro da camisa do time. Essa dificuldade se deve ao fato de que o valor pedido pelos clubes aumentou muito (MATTOSO & ALVES, 2014).

Um fato novo marcou os patrocínios do futebol brasileiro nos últimos cinco anos (2012 - 2016), o domínio dos bancos entre os patrocinadores dos clubes que disputam o principal campeonato do país, o Brasileirão. Na verdade essa é uma relação que vem já há algum tempo, entretanto, quando a Caixa Econômica Federal - (CEF) entrou nesse mercado e assinou contrato com o Sport Club Corinthians em 2012, o número de clubes que assinaram contratos com essa empresa aumentou muito, tanto que em 2016 no brasileirão (serie A) a metade dos clubes foram patrocinados pela CEF (Quadro 3).

Quadro 3 - Patrocinadores por clubes do Brasileirão 2016

Clube	Patrocinador 2016
América - MG	Banco Intermedium
Atlético - MG	CEF
Atlético - PR	CEF
Botafogo	Sem patrocinador
Chapecoense	CEF
Corinthians	CEF
Coritiba	CEF
Cruzeiro	CEF
Figueirense	CEF
Flamengo	CEF
Fluminense	Sem patrocinador
Grêmio	Banrisul
Internacional	Banrisul
Palmeiras	Crefisa
Ponte Preta	Viva Schin
Santa Cruz	MRV
Santos	Sem patrocinador
São Paulo	PreventSenior
Sport	CEF
Vitória	CEF

Elaboração: Wesley F de S. Fonte: CNUT / CBF. 12 - 2016.

Se levarmos em consideração os patrocinadores de acordo com suas atividades, além da CEF (Caixa Econômica Federal) outro banco que patrocina clubes do brasileirão é o Banrisul, banco gaúcho que patrocina a dupla Grêmio de Futebol Porto Alegre e Sport Club Internacional - Grenal. Deste modo, dos vinte clubes da série A, doze deles foram patrocinados por bancos, isso sem contar que no caso do Palmeiras não se trata de um banco, mas de uma instituição financeira voltada para refinanciamento de dívidas.

Sobre a CEF, trata-se de uma empresa pública federal, com sede em Brasília, fundada em 1861, e umas das instituições financeiras mais importantes do Brasil, atende a maior parte da população brasileira (FGTS, Previdência, PIS, FIES, impostos federais e outros), os investimentos da CEF em futebol para o ano de 2016 foram 83 milhões de reais, dinheiro que faz

muita diferença para os clubes, se levarmos em consideração o desinteresse das empresas pelo futebol (SANTOS, 2011).

Em 2009, segundo um relatório feito pelo Banco Itaú, dezoito empresas se interessavam em patrocinar os clubes da série A, mais o Vasco da Gama, Associação Atlética Ponte Preta e Associação Portuguesa de Desportos que estavam na série B. Em 2016 esse número caiu para seis, três vezes menor. A situação fica ainda mais grave se considerarmos que a Caixa Econômica Federal e o Banrisul são bancos públicos, ou seja, poucas são as empresas privadas que se dispõem a patrocinar clubes no Brasil (ESPN, 2014).

Como no Rio Grande do Sul, a dupla Grenal possui torcedores por todo o estado, a estratégia da empresa é acompanhar os dois times como forma de identificação com o torcedor sem gerar aversão por patrocinar somente um deles (BANRISUL, 2017).

Dos clubes sem patrocínio, o destaque fica por parte de contratos pontuais, fechados de forma esporádica para um jogo ou outro, ou para um número fechado de jogos. Três times do Brasileirão concluíram 2016 com contrato temporário: Botafogo de Futebol e Regatas, Fluminense Football Clube e Santos Futebol Clube, sob a perspectiva de renovação para 2017. A empresa patrocinou no decorrer no campeonato treze clubes, ou 65%, se considerarmos as empresas públicas, somando o Banrisul, esse número vai a quinze clubes, ou 75% (CNUT-CBF, 2016).

Outro banco a patrocinar um clube foi o Intermedium, banco privado de Minas Gerais, fundado em 1995. Juntos, Caixa Econômica Federal, Banrisul e Intermedium patrocinaram dezesseis clubes, ou 80%. Uma prova de que o setor é um dos poucos com capacidade para investir em patrocínio no Brasil.

Há também casos em que o proprietário de uma empresa se diz torcedor de um clube e busca a parceria com esse clube para fechar contrato de patrocínio, como por exemplo aconteceu com o Fluminense Football Club e a UNIMED (MATTOSO & ALVES, 2014), e como está acontecendo com o Palmeiras na sua relação com a Crefisa. Empresa do setor financeiro especializada em fornecer empréstimos; a empresa não somente fechou o patrocínio, como também assumiu cargos dentro clube (ESPN, 2016).

Se considerarmos as instituições financeiras, na qual a Crefisa se enquadra junto aos bancos, são dezessete clubes patrocinados, 85% da série A.

Para a Sociedade Esportiva Palmeiras essa não é a primeira experiência na relação com uma empresa. Na década de 1990 a Parmalat não somente patrocinou como também ajudou na gestão dentro do clube, colocando um diretor especializado dentro do departamento de futebol contribuindo para a sua profissionalização. Entretanto, depois da saída da empresa descobriu-se que ela, a Parmalat, estava envolvida em fraudes financeiras em diversos países, além de já ter se envolvido em escândalos no futebol italiano. Após a sua saída, a Sociedade Esportiva Palmeiras sofreu com a falta de recursos e queda técnica, e surgiram mais tarde, investigações e suspeitas sob a relação da empresa com a arbitragem (FONSECA, 2014).

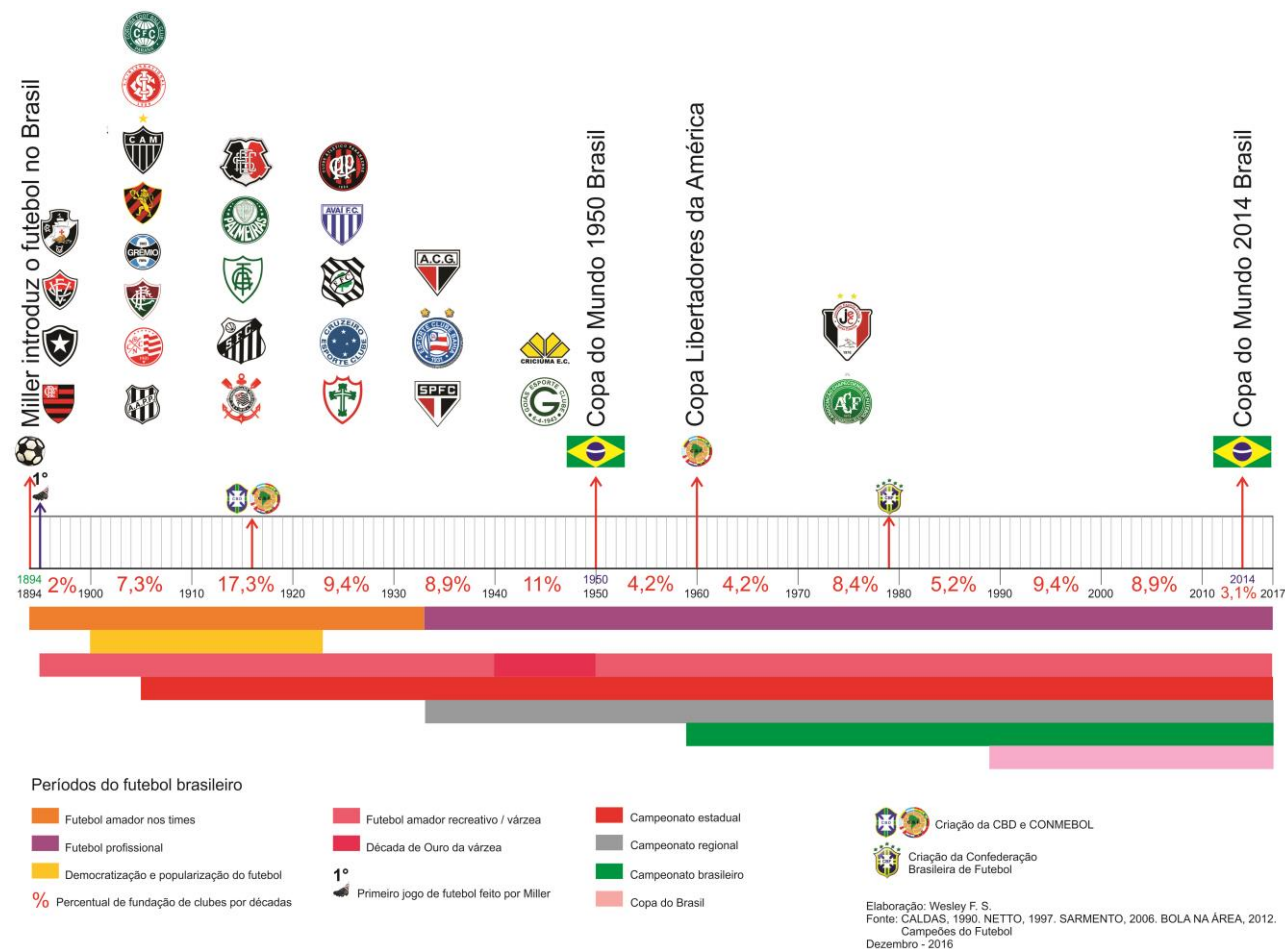
Outras empresas que patrocinaram clubes da série A em 2016, foram: PreventSenior, do setor de saúde; Viva Schin, do setor de bebidas e alimentos e a MRV, do setor da construção civil. Na qual o São Paulo Futebol Clube, patrocinado pela PreventSenior é o único clube de grande torcida. Tanto Associação Atlética Ponte Preta/VivaSchin e Santa Cruz Futebol Clube/MRV são clubes com investimentos menores e preços menores para a exposição de patrocinadores.

Utilizando material de reportagens apenas para indicar o grau de envolvimento dos clubes com seus patrocinadores vimos que a emissora ESPN, em 2014 deu o seguinte título a matéria publicada: "No Brasileirão, clubes só têm patrocínio estatal ou por amor", como foi o caso do Fluminense com a UNIMED e como está sendo o caso do Palmeiras.

Para 2017, com base nas projeções dos próprios clubes a tendência é aprofundar ainda mais a relação da elite do futebol brasileiro e a CEF. Mantendo os contratos com os clubes atuais e assinando com a Associação Atlética Ponte Preta, a empresa pode ter o nome estampado em dezessete camisas. Não teriam patrocínio da Caixa Econômica Federal somente Sociedade Esportiva Palmeiras, Grêmio de Futebol Porto Alegre e São Paulo Futebol Clube.

Contudo, esses três clubes também seriam patrocinados por instituições financeiras, Palmeiras/Crefisa, Gremio/Banrisul e São Paulo/Banco Intermedium, que patrocinava o América Futebol Clube - MG em 2016. Deste modo somente instituições financeiras patrocinariam clubes da série A do campeonato brasileiro.

Figura 38 - Linha temporal de fundação dos clubes de série A dos campeonatos brasileiros de 2012 a 2016 e percentual de clubes (pesquisados) e suas datas de criação.



/ Elaboração: Wesley F. de S. / Fonte: Caldas, 1990. Netto, 1997. Sarmento, 2006. Bola na Área, 2012. Campeões do Futebol / Janeiro - 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões apresentadas algumas considerações podem ser feitas e a primeira delas é o reconhecimento de que o futebol é o esporte mais popular do Brasil e do mundo. Essa popularidade não o torna fácil de ser estudado. Existe uma dificuldade imensa em encontrar dentro do universo do futebol pessoas, literaturas e conteúdos que não sejam movidos por obviedades (FONSECA, 2014).

Em seu processo de popularização o futebol foi uma conquista do povo brasileiro, o oposto da elite que antes dominava o esporte; elite tão retrograda que para não compartilhar um esporte que não pertencia a ela se opôs aos processos que só tinham a contribuir com melhorias do futebol brasileiro (CALDAS, 1990), como por exemplo a profissionalização. Na intenção de inibir o acesso do futebol às classes populares, os clubes, no início do século foram racistas e preconceituosos, impedindo a entrada nos times de jogadores negros e/ou pobres.

Se por um lado o futebol se tornou mais aberto, por outro lado ele foi alvo de disputas políticas que visavam o domínio e não desenvolvimento da modalidade, prejudicando inclusive o desempenho da seleção em copas do mundo e com um agravante, disputa entre grupos que rivalizavam estados e dentro de seus estados por décadas, até o surgimento da CBF. Entretanto o futebol brasileiro resiste, pois as disputas políticas hoje (2017) acontecem em outro campo, na luta por mais organização e democratização do poder concentrado nas mãos de entidades que sequer sobreviveriam sem quem mais importa no futebol, os torcedores e os clubes.

Brincar de futebol, jogar bola sem compromisso (MILAN, 1989), disputar campeonatos acirrados na várzea, valorizar o drible e as jogadas de efeito, levantar os torcedores com lances geniais como os que alguns jogadores faziam – os craques vêm da prática popular nos espaços públicos dos espaços urbanos ou rurais.

Entretanto, o futebol brasileiro também entrou na rota da indústria do entretenimento (BEZERRA, 2008), onde tudo precisa acontecer de forma perfeita e nada que não seja agradável aos olhos de quem assiste pode

aparecer. Nesta perspectiva as novas "arenas" são caras demais para alguns que acabam deixando de ir e representam um ótimo espaço para outros que ficam maravilhados como o espaço e por vezes esquecem o mais importante, o futebol jogado em campo.

Com base nos dados dos anos de fundação das federações estaduais de futebol e a forma concentrada como elas atuam, fica claro que a organização do futebol brasileiro se deu toda por esforços dos estados. Neste aspecto faz mais sentido a existência das federações estaduais do que a confederação nacional, pois as federações estaduais podem trabalhar com o desenvolvimento do futebol local, enxergando as dificuldades que cada microrregião estadual possui, buscando alternativas para que o futebol seja organizado em todos os locais, porém, só em teoria por que na prática as federações estaduais cumprem pouco essa função e servem muito mais para atender interesses de grupos que dominam o futebol em detrimento aos interesses dos clubes.

Desta forma, os campeonatos estaduais organizados por estas federações, hoje (2016) tomam 30% do calendário do futebol nacional (BOLANAÁREA/estaduais, 2012), campeonatos com médias de públicos pequenas, com equipes de baixo nível técnico e fases de pouco apelo por parte dos torcedores. É uma das formas que as federações encontraram para manter-se no poder, organizam seus campeonatos sem valor e não procuram resolver o problema do calendário brasileiro por receio de perder o apoio recebido das federações estaduais.

Com a retomada dos regionais em meados dos anos 2000, o calendário de alguns clubes ficou ainda mais saturado, pois disputam; brasileiro, copa do Brasil, estadual, regionais e algumas vezes um campeonato internacional (Libertadores ou Sul-americana). Esses clubes são usados pela CBF ou pelas federações estaduais como atrativo para deixar o campeonato mais valioso.

A simples presença de um grande clube de apelo popular é o bastante para angariar recursos com patrocínios que por sua vez repassa dinheiro para a organização da competição, peguemos como exemplo a Copa do Nordeste, a presença dos grandes clubes da região garante uma grande receptividade ao

campeonato, porém, promove uma saturação no calendário dessas equipes que são obrigadas a inscrever os seus principais jogadores, pois o limite de inscritos é pequeno não permitindo assim inscrever todos os reservas.

Ainda sobre os regionais mas também podendo ser aplicado a outros campeonatos, a sua inconstância no calendário de futebol e a sua falta de critério na organização, demonstram uma verdadeira falta de profissionalismo estrutural do futebol brasileiro, não são raros os exemplos de campeonatos que mudam de formato de um ano para outro (exemplo dos estaduais), ou que mudam de período (exemplo dos nacionais), campeonatos que ficam com hiatos nos anos de disputas, campeonatos cujo os participantes são convidados sem critério técnico algum, enfim, todos esses elementos denotam uma desorganização estrutural e uma falta de profissionalismo que desarticula qualquer tentativa que parta de algum clube de propor melhorias ou um sistema mais justo. Desta forma, quanto mais desorganizado for, mais esses grupos que dominam o futebol permanecem dominando.

Os clubes, que deveriam ser principais interessados nesta mudança, pouco fazem, isso se deve ao fato de fazerem parte dessa desorganização, ou de tirar proveito dela, como por exemplo influência na arbitragem ou ainda mais grave como por exemplo mudança de resultados nos tribunais que lhes permite em alguns casos modificar a classificação final de um campeonato.

Neste caso o peso e o tamanho dos clubes preponderam para as decisões dos tribunais e da CBF, tabelas mal formuladas e desorganizadas também são fatores que influenciam e agradam a uns e desagradam a outros desta forma, algumas empresas não se sentem seguras para investir no futebol.

Por outro lado algumas empresas também se beneficiam dessa desorganização, a exemplo da Rede Globo de televisão, que depois de adquirido os direitos de transmissão, fazendo valer o direito adquirido por contrato, faz com que os clubes respeitem seus interesses. A exemplo podemos citar clubes que jogam com intervalo pequeno entre uma partida e outra, clubes que jogam em temperaturas altas devido ao horário de transmissão e clubes que ficam com seus estádios vazios devido aos seus jogos serem em horários em que não há transporte coletivo que leve seus torcedores para casa.

O único momento em que alguns clubes tomam noção dessa realidade é quando se sentem prejudicados, entretanto, são prejudicados por uma desorganização que não os beneficia, ou pior, uma desorganização que beneficia mais alguns do que outros. Os desfalques por convocações são exemplos bem claros dessa lógica.

Outro ponto a ressaltar é que a CBF, depois de fundada em 1979, assumiu a organização dos campeonatos nacionais disputados no Brasil. Os clubes reivindicaram e iniciaram em 1987 um movimento para tomar para si a organização dos campeonatos nacionais, indicando que a CBF caberia cuidar única e exclusivamente da seleção nacional, deixando a organização dos campeonatos e os patrocínios desses campeonatos por parte de uma liga de clubes. Esse projeto não foi a frente, os clubes não seguiram adiante, a CBF pensando em manter-se no poder retomou para si a organização do campeonato brasileiro. Não podemos esquecer que a ideia dos clubes juntos formarem uma liga só não foi mais a frente por que eles mesmos fizeram algo semelhante ao que a própria CBF fazia, agradando clubes de federações importantes ao invés de utilizar critérios técnicos, tal fato fragilizou e possibilitou a retomada por parte da CBF. Em 2015, a entidade faturou mais que Clube de Regatas do Flamengo e Sport Clube Corinthians juntos, ou seja, como pode uma confederação que deveria cuidar dos clubes faturar mais do que eles? Sendo que é desses clubes ela sobrevive (Igor Resende, ESPN, 2016).

Essa relação entre CBF e clubes é uma relação de ônus e bônus, os clubes produzem o espetáculo e ficam com lucros menores, a CBF "organiza" o espetáculo e fatura mais que todos, com lucros que se superam do decorrer dos anos. Para os clubes também ficam a maioria das vezes com o ônus, como: desfalques de jogadores convocados, erros grosseiros de organização, quedas de divisões em tribunais, calendário. Nem clubes e nem jogadores se manifestam contra esse quadro, com raríssimas exceções de algum jogador ou movimento isolado de jogadores. Muitos desses jogadores e clubes temem retaliações por demonstrar alguma insatisfação.

Os clubes, os representantes dos torcedores, esses deveriam ser os mais interessados em ver o futebol brasileiro organizado, entretanto, os dirigentes dos clubes muitas vezes são também ligados a CBF, ocuparam

cargos na entidade e atuam nos clubes da mesma forma que a CBF atua no futebol, tomando para si um patrimônio que nem lhe pertence. A profissionalização dos dirigentes e dos árbitros deve ser os próximos passos, esse último é uma das vítimas deste modelo de organização e nem mesmo pode se pronunciar para explicar que seja um erro.

Sobre os clubes existe uma relação muito forte entre a sua formação e as frentes de ocupação e colonização que atuaram ao longo dos últimos 120 anos no Brasil. Em um primeiro momento os clubes se formaram em cidades já consolidadas, com estruturas e populações grandes, como é o caso do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Algumas cidades litorâneas do nordeste (Salvador-BA e Recife-PE) e as maiores cidades da região sul (Curitiba-PR e Porto Alegre-RS) também viram seus principais clubes surgirem nesse momento, posteriormente outros clubes expressivos foram surgindo mais para o interior dessas regiões e da região sudeste também. Nesse caso acompanhavam o movimento migratório da população, partindo das áreas rurais para as áreas urbanas, principalmente para as capitais.

O processo de interiorização na formação dos clubes acompanhou o movimento feito pela população, isso ocorreu principalmente a partir das décadas de 1930/1940, mais uma vez é preciso ressaltar que o futebol já era praticado nessas áreas, aqui nos referimos aos clubes pesquisados para termos um quadro geral

Um exemplo do avanço do futebol para o interior foi através da marcha para oeste no governo de Getúlio Vargas, fato que contribuiu para o surgimento de clubes no estado do Mato Grosso e em outros estados da região centro-oeste e norte.

Nas décadas de 1960 e 1970 um grande número de pessoas se deslocaram do sul e sudeste em direção ao centro-oeste e ao norte, esse movimento também foi preponderante para o surgimento de alguns clubes, somado a esses fatores estão os polos e parques industriais que surgiram em algumas cidades do Brasil, como por exemplo, a Zona Franca de Manaus.

A localização dos clubes de maiores sucessos predominantemente em regiões mais desenvolvidas de cada estado também explicita essa regra, é

muito difícil um clube de sucesso que tenha grandes conquistas que tenha surgido ou sobrevivido em áreas pouco desenvolvidas, nem mesmos áreas ricas e desenvolvidas são o bastante para garantir esses status, como por exemplo, a região norte do Paraná com cidades economicamente importantes como Maringá e Londrina, que embora já tenham tido tradição no futebol, desde a década de 1990 passam por dificuldades. Londrina viu seu principal clube ressurgir depois de quase abrir falência e em 2016 o Londrina volta a fazer parte da série B do campeonato brasileiro depois de 10 anos.

Um problema pelo qual passam muitos clubes é a falta de uma gestão mais profissional, que garanta transparência e que contribua para o clube não desaparecer depois de alguns anos. A má gestão também é um dos principais fatores para o desaparecimento de clubes, clubes vítimas de seus dirigentes, casos de corrupção, pendências jurídicas que impossibilitem suas atividades, clubes que mudam de cidade e perdem o investimento público ou privado, enfim, são barreiras impostas por um amadorismo que cria um abismo organizacional.

Na relação com a CBF esses clubes são praticamente nulos, se não estiverem ao menos na segunda divisão do campeonato brasileiro eles sequer tem direito a voto na entidade e precisam se contentar com suas federações estaduais, que por suas vezes estão interessadas em manter o poder centralizado na CBF.

A falta de profissionalismo na gestão do futebol brasileiro, somado a vários problemas como os aqui citados só demonstra como essa modalidade é forte no país, as conquistas de muitos clubes brasileiros e da seleção só reforçam essa tese, porém cabe ressaltar que os casos de corrupção investigados no âmbito internacional e o 7x1 sofrido em casa contribuíram para escancarar essa estrutura problemática, embora o 7x1 não seja resultado do abismo que separa a organização do futebol brasileiro com o alemão, o 7x1 foi obtido através de estratégias erradas, desde a escolha da comissão técnica ultrapassada até o esquema de jogo proposto por essa comissão. Um fato que contribui para essa discussão é que a Argentina que possui um futebol tão desorganizado quanto o nosso conseguiu na final da Copa duelar com a

Alemanha e teve chances claras para vencer a partida, perdendo somente por 1x0.

Ainda para os clubes, fica claro que o sucesso e as conquistas e principalmente a consolidação não são coisas que vem com pouco tempo, dos vinte e nove clubes que compuseram a serie A entre 2012 e 2016, nenhum deles tem menos de 40 anos, tempo bastante para criar vínculo com o lugar, adquirir simpatizantes e torcedores. Mostrando que o futebol antes de tudo é um esporte de paciência, que quase sempre não combina com pressa, muito difícil um clube surgir e manter-se entre os principais clubes do país por muito tempo, exceto em casos em que haja apoio financeiro grande, porém, mesmo nesses casos se o apoio financeiro deixa de existir os clubes tendem a sofrer quedas, como por exemplo o Associação Desportiva São Caetano. Sensação do futebol brasileiro no início dos anos 2000 e o Ipatinga entre os anos de 2006 e 2008, dentre tantos outros.

Mesmo com tantos problemas de corrupção e estruturais aqui explicados, seja de clubes, federações, campeonatos e jogadores, o futebol brasileiro tem um patrimônio histórico expressivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUCIO, M. & MASSARANI, L. **Bola no Pé**, A incrível história do futebol. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

ADAS, M. **Panorama Geográfico Brasileiro**. Ed. Moderna. São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Ricardo Guilherme Monteiro. REIS, Heloísa Helena Baldy. **Análise da Relação do Patrocínio Esportivo entre Clube e Empresa no Futebol Brasileiro**. Revista Convibra ADM (2010). Disponível em: www.convibra.com.br/dwp.asp?id=909&ev=5v. Acesso em 12/01/2017.

BANRISUL, 2017. **História do banrisul**. Disponível em: https://www.banrisul.com.br/bob/link/bobw00hn_historia.aspx?secao_id=23. Acesso em 28/01/2017.

BECKER, Laércio. **Do fundo do Baú: Pioneirismo no futebol brasileiro**. Curitiba. Editora Campeões do Futebol, 2012.

BENATTI, J. H. **Várzea e as populações tradicionais: a tentativa de implementar políticas públicas em uma região ecologicamente instável**. In: ALVES, F (org). **A função socioambiental do patrimônio da união na Amazônia**. Brasília. Editora IPEA, 2016.

_____. **Aspectos jurídicos e fundiários da várzea: uma proposta de regularização e gestão dos recursos naturais**. In: BENATTI, J. H. (org.) **A questão fundiária e o manejo dos recursos naturais da várzea: análise para a elaboração de novos modelos jurídicos**. Manaus: Edições Ibama; Pro Várzea, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260075243_Varzea_e_a_questao_fundiaria_e_de_manejo_dos_recursos_naturais. Acesso em: 21 de Abril de 2017.

BERLOTTI, Claudio F. **A República Velha e a Revolução de 30**. São Paulo. Editora Ática, 1999.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Faculdade Casper Líbero. São Paulo, 2008.

BOLA NA ÁREA, 2012. **Campeonatos Brasileiros**. Disponível em: http://www.bolanaarea.com/gal_estaduais.htm. Acesso em 10/01/2017.

_____. **Campeonatos Estaduais**. Disponível em: http://www.bolanaarea.com/gal_estaduais.htm. Acesso em 03/01/2017.

_____. **Campeonatos Regionais**. Disponível em: http://www.bolanaarea.com/gal_regionais.htm. Acesso em 08/01/2017.

_____. **Estádios**, Maracanã. Disponível: http://www.bolanaarea.com/gal_estadios_maracana.htm. Acesso em 20/12/2016.

BOMSENSO, 2016. **85% dos clubes ficam inativos mais de 6 meses**. Disponível em: <http://www.bomsensofc.org.br/>. Acesso em: 09/01/2017.

BRASIL. **LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998**(Lei Pelé)

_____. **LEI Nº 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001** (Estatuto das Cidades).

_____. **LEI Nº 12.651, DE 25 DE MAIO DE 2012** (Código Florestal).

CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé inicial**: Memória do futebol brasileiro. São Paulo. Editora Ibrasa, 1990.

CAPUTO, Ana Cláudia. MELO, Hildete Pereira. **A industrialização brasileira nos anos 1950**, 2008. ScieloEstud. Econ. vol.39 no.3 São Paulo July/Sept. 2009.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo. Editora Eletrônica Labur, 2007.

CARRANO, P.C. Rodrigues. **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2000.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia fluvial**. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.

CMNP. **Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná**. Paraná. CMNP, 1975.

CNEF-CBF. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol**, 2016. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cbf-cadastra-790-estadios-brasileiros#.WKjGQfJSJpQ>. Acesso em 26/12/2016.

CNUT-CBF. **Cadastro Nacional de Uniformes de Times**, 2016. Disponível em: http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cbf-lanca-o-album-dos-uniformes-2016#.WKkb9_JSJpQ. Acesso em 23/01/2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____. **Região: A tradição geográfica**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato (org). in: **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1997, p. 183-196.

_____. **Região e Organização Espacial**. São Paulo. Ed. Ática, 1987.

CURY, Anay. CAOLI, Cristiane. **PIB do Brasil cai 3,8% em 2015** e tem pior resultado em 25 anos. G1 Globo. São Paulo. Publicado em 03/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/03/pib-do-brasil-cai-38-em-2015.html>. Acesso em 28/01/2016.

DIAS, C. **Os 80 anos da implantação do futebol profissional no Brasil**. Jornal GGN. São Paulo. publicado em 02/09/2013. Disponível em: <http://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/os-80-anos-da-implantacao-do-futebol-profissional-no-brasil>. Acesso em 01/12/2016.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Arena**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/arena>. Acesso em 20/12/2016.

ESPN, 2016. **Dona da Crefisa ataca Nobre**. Publicado em 12/2016. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/656020_dona-da-crefisa-ataca-nobre-o-que-fez-antes-de-patrocinar-mos-o-palmeiras. Acesso em 25/01/2017.

FERREIRA L. V, ALMEIDA S. S, AMARAL D. D, PAROLIN P., 2005. PESQUISAS, BOTÂNICA N° 56: 103-116 São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, 2005.

FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo** - Um Olhar Inesperado Sobre a Globalização. Rio de Janeiro - RJ. Editora: Zahar, 2005.

FONSECA, Venilson, L.B. **Lugares E Territórios Na Cultura Do Futebol Brasileiro**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

FONSECA, Pedro Casar Dutra. **A Revolução de 1930 e a Economia Brasileira**. Revista Economia, Brasília(DF), v.13, n.3b, p.843–866, set/dez 2012.

FUTPEDIA. **A história do futebol em números**. Disponível em: <http://futpedia.globo.com/> Acesso em: 22/07/2016.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. 3ª ed. Porto Alegre-RS: Editora: Lephm, 2004..

GOMES, E. de S. **O Brasil na copa do mundo de 1934**: tensões entre amadorismo e profissionalismo e os efeitos do fracasso do *scratch* nacional. REVISTA CONTEMPORÂNEA – DOSSIÊ HISTÓRIA & ESPORTE. Ano 4, n° 4 | 2014, vol.2.

GONÇALVES, J. M.; SILVA, A. B. **O futebol na geografia**: a difusão socioespacial do futebol em Goiânia. *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 31, n. 01., jan./jun. 2011, p. 165-172.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes – **Do Direito à Cidade à revolução**. São Paulo. Editora Boi Tempo, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. Revista GEOgraphia, ano V, nº 10, 2003. 113-123p.

IBGE, 2016. **Área Territorial do Brasil**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm. Acesso em 01/01/2017.

IBGE ESTADOS, **Unidades da Federação**, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/>. Acesso em 29/12/2016.

IG, 2013. **Vasco perde patrocínio por briga**, fala revista; time diz que não foi notificado. Gazeta, publicado em 2013. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-14/vasco-perder-patrocínio-por-briga-fala-revista-time-diz-que-nao-foi-notificado.html>. Acesso em 22/01/2017.

JESUS, Leidiene Queiroz. ARAÚJO, Roberval de Jesus. GUSMÃO, Silvia Souza. **Uma análise da economia brasileira nas décadas de 1990 e 2000**. 11^o convibra - adm - 2014. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/artigo.asp?ev=16&p=&lang=es&id=9945>. Acesso em 25/01/2017.

JUNIOR. C, P. **História Econômica do Brasil**. Brasiliense. São Paulo. 42^aed. 2012.

KLEIN, Marco Aurélio. **Futebol Brasileiro** (almanaque). São Paulo. Editora Escala, 2001.

LEONCINI, Marvio Pereira. SILVA, Marcia Terra. **Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório**. Rev G&P v.12, n.1, p.11-23, jan.-abr. 2005.

LOPES, Duda. **Caixa negocia para ter 17 times da Série A do Brasileirão**. Máquina do Esporte UOL. Publicado em 01/2017. Disponível em: http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/caixa-negocia-para-ter-17-times-da-serie-do-brasileirao_31758.html. Acesso em 28/01/2017.

LUCENA, Ricardo Figueiredo. **O esporte na cidade: Aspecto do esforço civilizador brasileiro**. Tese de doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MAGALHÃES, Livia G. **História do Futebol**. São Paulo. Editora do Estado de São Paulo, 2004.

MARINHO, M. **O grande livro do futebol**. São Paulo. Editora OnLine, 2016.

MARIZ, Renata. **Seis em dez escolas públicas do Brasil não têm quadras para atividade física.** O Globo. São Paulo. Publicado em 07/08/2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/seis-em-dez-escolas-publicas-do-brasil-nao-tem-quadras-para-atividade-fisica-19871349>. Acesso em: 22/11/2016.

MARTINA.CM.**São Paulo é Azul.** Disponível em: <https://archurbs.wordpress.com/2012/12/04/sao-paulo-e-azul/>. Acesso em: 12/02/2017.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática.** São Paulo. Editora Contexto, 2009.

MARTINS, Josias. **MPF investiga exclusão de clubes do Piauí e Maranhão da Copa Nordeste.** Globo Esporte, 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pi/noticia/2013/09/mpf-investiga-exclusao-de-clubes-do-piaui-e-maranhao-da-copa-nordeste.html>. Acesso em 31/12/2016.

MARTINS, Mariana Zuanetti. Reis, Heloisa Helena Baldi. **Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana.** *Rev. bras. educ. fís. esporte* [online]. São Paulo, 2014, vol.28, n.3, pp.429-440.

MASCARENHAS, Gilmar. **Mundo e lugar:** a introdução do futebol no Brasil urbano. *Experimental- Revista do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental da USP*, São Paulo, ano 3, p. 95-110, mar. 1999. [USP].

MASCARENHAS, Gilmar. **Estradas e Bandeiras:** a conquista do Brasil pelo futebol, Rio de Janeiro. Editora UERJ. 2014.

MATTOSO, Camila. ALVES, Marcus. **No Brasileirão,** clubes só têm patrocínio de estatal ou por 'amor'. ESPN, Publicado em 02/10/2014. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/444242_no-brasileirao-clubes-so-tem-patrocinio-de-estatal-ou-por-amor. Acesso em: 27/01/2017.

MILAN, Betty. **O país da bola.** Rio de Janeiro: Editoria Record, 2014.

MUSEU DO FUTEBOL. **Pacaembú.** São Paulo. Disponível em: <http://www.museudofutebol.org.br/institucional/estadio-do-pacaembu/>. Acesso em 28/11/2016.

MULLER, M. F. **Salve O Samba”: As Origens, A Aceitação E A Negação Deste Gênero Musical No Rio De Janeiro Da Primeira República.** Monografia de História. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

MYSKIW, Mauro. **Nas Controvérsias da Várzea,** Trajetórias e Retratos etnográficos em um circuito de futebol na cidade de Porto Alegre. Tese de doutorado em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

NETO. J, R, N. **Teresina (Piauí – Brasil) sob contexto de um bairro: Expansão, modernização e origem do bairro Macaúba (1939-1957).** *Revista de História da UEG. Teresina.* v. 4, n. 1 (2015). Maio/2015. p 148-171.

NETTO. Euclides B. Silva. **O mundo fascinante do futebol de várzea.** São Paulo. Editora João Scortecci, 1997.

NEQUESAURT, Tiago. **Jogador, dirigente e empresário de futebol : relações que transcendem a bola.** Curso de especialização em Marketing. Porto Alegre, 2007.

OLIVEIRA, Lilian. **O investimento nos estádios e a elitização do futebol,** 2012. Universidade do Futebol. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/o-investimento-nos-estadios-e-a-elitizacao-do-futebol/>. Acesso em 13/12/2016.

OMETTO, Ana Maria. FURTUOSO, Maria Cristina. SILVA, Marina Vieira. **Economia brasileira na década de oitenta** e seus reflexos nas condições de vida da população. *Rev. Saúde Pública* 29(3), 403-414. São Paulo, 1995.

PERRYMAN, MARK. **Filósofos Futebol Clube - 11 Grandes Pensadores Entram em Campo.** São Paulo - SP. Editora Disal, 2004.

PIMENTA, R. **Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracionalelisiana.** XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009. Disponível em: www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/.../MR_Pimenta.pdf. Acesso em 22/12/2016.

PLURI CONSULTORIA, 2014. **Relatório Especial: Os Estádios mais caros do mundo.** Disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br>, acesso em 04/12/2016.

PORPETTA, Bruno. **Consórcio Maracanã vai devolver estádio ainda esse ano,** 2016. *Jornal Brasil de Fato.* Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/30/consorcio-maracana-vai-devolver-estadio-ainda-esse-ano/>. Acesso 18/12/2016.

PORTAL BRASIL, 2014. **Copa 2014 registrou a segunda melhor média de público da História.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/07/copa-2014-registrou-a-segunda-melhor-media-de-publico-da-historia>. Acesso em 23/12/2016.

PORTAL DA COPA. **Histórias das Copas 1950.** 2014. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/torcedor/historia-das-copas/1950>. Acesso em 19/12/2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo. Ed. Ática, 1993 (1980).

REIS, Rafael. VALENTE, Rafael. **Público no Brasileiro aumenta 36% depois da Copa do Mundo. 2014.** Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/08/1502409-publico-no-brasileiro-aumenta-36-depois-da-copa-do-mundo.shtml>. Acesso em 26/12/2016.

ROCCO, Ary Jr. GIGLIO, Sergio Setani. MAZZEI, Leandro Carlos. **Patrocínio esportivo e evolução histórica da relação fornecedor-clubes de futebol no Brasil e na Europa.** Rev. Pretexto Vol 15, No 2, p77-922. Belo Horizonte, 2014.

ROCCO, Ary Jr. MAZZEI, Leandro Carlos. Oliveira, Luciana Rocco. **Os Novos Estádios e Arenas do Futebol Brasileiro e a Comunicação: o esporte como entretenimento e a cidade como negócio.** XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ. 2015. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3200-1.pdf. Acesso em 22/12/2016.

SANTOS, Jailson Moreira. **A história da Caixa Econômica Federal do Brasil e o desenvolvimento econômico, social e político brasileiro.** Boletim Centro Celso Furtado. São Paulo, 2011.

SANTOS, Milton **Por uma Geografia Nova.** 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **O dinheiro e o território.** In: SANTOS, Milton et al. Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. pp. 13 - 21

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF.** Rio de Janeiro. Editora CPDOC, 2006.

SILVA, Sidney Barbosa. **A história da Associação Atlética Ponte Preta, 2013. Campeões do Futebol.** Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/ponte_preta_historia.html. Acesso em 19/01/2017.

_____. **A história do Corinthians, 2013. Campeões do Futebol.** Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_corinthians.html. Acesso em 19/01/2017.

_____. **A história do Flamengo, 2015. Campeões do Futebol.** Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/historia_flamengo.html. Acesso em 17/01/2017.

_____. **A história do futebol paulista. 2008. Campeões do futebol.** Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/historia_futebol_paulista.html. Acesso em 24/12/2016.

_____. **A história do Gama**,2016. Campeões do Futebol. Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/gama_historia.html. Acesso em 25/01/2017.

_____. **A história do Paraná Clube**, 2012. Campeões do Futebol. Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/parana_clube_historia.html. Acesso em 22/01/2017.

_____. VARANDA, Pedro. **A história do futebol carioca**, 2007. Campeões do Futebol. Disponível em: www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_carioca.html. Acesso em 28/12/2016.

SOUZA, C.. M. **Boa vista/RR e as migrações**: mudanças, permanências, múltiplos significados. Revista Acta Geográfica, Ano Iii, Nº5, Jan./Jun. De 2009. P.39-62.

SOUZA, Marcelo Lopez de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, GOMES e CORRÊA (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1995, p.77-116.

TOLEDO, Caio Navarro. 1964: **O golpe contra as reformas e a democracia**. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.47 São Paulo 2004

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. (1979). **Space and place: humanistic perspective**. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.) *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427 : 211-252, 1974).

VERSIANI, Flavio Rabelo. **A economia brasileira nas últimas décadas**: avanços e problemas. Brasília,2011, UNB. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2433513/a-economia-brasileira-nas-ultimas-decadas>. Acesso em 28/01/2017

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. **Por uma etnografia da pelada**: descrição de um caso. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol.Futebol e Cidadania. UERJ, no. 05, 1997.